

O RAMALHETE.

Jornal Litterario e Recreativo.

A 800 réis por bimestre ou 8 numeros, pagos adiantados.

O RAMALHETE.

FOLHETIM

O amor pode muito, o diaheiro tudo

PROVERBIO

—POR—

FONTELE

I.

Vae já em cinco annos que fizemos conhecimento com a encantadora creatura que vamos agora apresentar aos leitores. Forçejemos para riscar da memoria as mudanças que o tempo lhe imprimiu na physionomia moral, e para mostrarmos qual então a viramos, não das joias q' h'je a adornar, mas dos esplendores da juventude, dos encantos da innocencia, da meiga e suave sympathia do amor.

Margarida, recebida do Creador todas as turas do que a natureza e a arte dos sonhos de felicidade. A colheita da severidade de linhas da arte antiga; o collo, fino e gracioso como o do cygne. As feições, de rara belleza, tinham o encanto irresistivel da innocencia e da candura que abertamente revelavam. Era este até o segredo das suas seducções. Parecia que a alma se lia no rosto, era a expressão de tudo que ha de mais nobre, puro e virtuoso.

No mais, era ainda Margarida a creatura fada da primavera, entre as formosas, a brilhante coroa da realeza. Os olhos que reflectiam a pureza do Céo, nos dias mais amenos de primavera, tinham um brilho tão sereno e tão meigo, como se andassem somente enlameados dos anjos, d'onde provinha a sua origem. Quando os voltava para a terra era com tal olhar de piedade, que parecia chorar as tristes misérias que a cercavam, e que os dolores do seu coração lhe faziam não recuar.

Quando pela primeira vez vi Margarida, era no campo e na primavera. O acaes tinha disposto o mais bem combinado effeito de luz, e todos os accessórios do quadro, em que havia de brilhar aquella esplendida figura. O sitio era encantador, e a hora em que uma a-

miga de Margarida m'a apresentou era de todas a mais poetica que tem o dia, era a melancolica e saudosa hora do pôr do sol.

A surpresa foi completa. Ao contemplar a rara belleza de Margarida, no meio dos campos que começavam a florir, e que rescediam suavissimos aromas; vendo-lhe as faces allumiadas pelos ultimos raios do sol, que desaparecia no horizonte; ouvindo-lhe a voz que se casava com as ternas melodias dos emplumados cantores; era impossivel não ficar na incerteza de que tão formosa apparição pertencesse realmente ao mundo em que vivemos.

Margarida, porem, não percebeu a impressão que causou. Com affavel naturalidade me estendeu a mão, agradecendo á sua amiga ter-lhe proporcionado um conhecimento que, dizia, estimar sinceramente.

Soube depois que não lhe era realmente estranho. A sua amiga, a quem me prendiam antigas e intimas relações de familia, tinha-lhe por mais d'uma vez fallado a meu respeito, julgando-me por forma que difficil me seria justificar a impressão que no animo de Margarida deviam ter feito as suas palavras.

Estavamos no campo, onde as relações ganham mais interesse e intimidade. Passados poucos dias depois do primeiro encontro, vi, conhecia os mais importantes segredos da vida de Margarida. As suas palavras de compassiva consolação, para uma desgraça que pouco antes me havia ferido, mostraram-me também, que lhe tinham conta lo os motivos que me haviam feito abandonar a sociedade, para ir procurar na solidão do campo um lenitivo ás dores d'um desengano tanto mais cruel quando menos esperado.

O que soube da vida de Margarida completava a sua natureza. Fudou Deus as flores para embalsamarem o ar com os seus amores; creou as aves para soltarem nas selvas os hymnos de incomparavel melodia; deu ao sol o calor que aquece e illumina toda a natureza; inundou a atmosphera de luz, de aromas, de suavidade; e no coração da mulher, do ente privilegiado da criação, lançou o amor, a chama vivificante, o perfume suavissimo, a harmonia mais encantada de todas que os anjos soltam nas suas harpas divinas. Margarida não negava os dons que haviam recebido do Céo. Amava. Deixára tomar o coração pelo affecto puro e extremoso d'um homem a quem poucos se poderiam igualar pelos dotes, ainda mais raros, do coração.

Como aquelle amor foi para elle a morte, parecendo antes que seria a felicidade suprema, cusa a acutilar, sem se experimentar a mais completa e cruel illusão,

Não antecipemos, porém, os factos. E' sempre cedo para ver cair o idolo que a nossa imaginação tinha collocado sobre um alto pedestal de gloria.

E quem não dirá que Margarida seja a joia da criação? Como é puro e desinteressado o seu amor! Nasceu-lhe no coração com o primeiro alvor da juventude, desenvolveu-se-lhe com os annos, fortificou-se com as saudades da ausencia. Que maiores provações pode passar?

Oh! como devia ser cruel a hora da separação! Ia deixar de ver o homem que desde pequena distinguira entre todos; não ouvia a voz do amigo da infancia, que, a pouco e pouco, se tornara o escolhido do seu coração.

E Margarida era para aquelle homem a unica esperança de toda a sua vida; era a estrella que o guiava por entre os mais medonhos precipícios, onde a sua coragem teria muitas vezes vacillado, onde a fé já de certo o teria desamparado, senão fosse o seu amor, q' lhe dava o animo d'um heroe, e a fé inabalavel d'um martyr.

O homem que Margarida amava era um artista. Deu-lhe Deus a corôa d'espinhos do genio, que a gloria algumas vezes torna de flores, mas que a desgraça quasi sempre faz amaldiçoar. No verdor dos annos sentia elle accender-se-lhe no coração a chamma, que é uma inspiração divina, quando o futuro converte em realidade todos os sonhos, que vem dourar a phantasia que percorre em livres vãos as encantadoras regiões da arte. O tempo fortificou-lhe depois a vocação o estudo legitimou-lhe as mais lisongeiros esperanças. Nascera fadado para o culto da arte, e tornou-se, pelo accordo de todas as faculdades, um dos seus mais predilectos filhos. Se o mundo não tivesse ferido em tão prematura idade, se a esperança q' o animava não o desamparasse tão cruelmente, o seu nome viveria na posteridade cercado da aureola de gloria, que se perdeu confundido-se na triste escuridão do tumulo.

O amor da arte, que lhe sorria do torço, só o podia igualar. Foi o amor d'uma phantasia, a criação do desgracado, em que o destino reunia todos os thesouros da poesia, sentiu-se com fôrça para aspirar a suprema felicidade, e para unir em nova illusão esperanças todas as alegrias que podem abençoar as do amor e as da gloria. Britânico, mas enganado-ra phantasia, que tem sido o mais cruel martyrio para as almas que per ella se deixam enamorar. Sonho de inextinguivel encanto, que a realidade vem quasi fender com o desengano, annunciando a morte. O destino não se podia mudar; mas antes de cumprir com toda a crueldade das suas leis, quantos movimentos de indefinivel alegria, de incomparavel ventura, não tinham de conceder o amor de Margarida, e o amor da arte, que o mancebo ligara n'uma mesma e grandiosa aspiração.

(Continua.)

Zig--Zag.

Escutam, Leitoras.

Ha dias hums Senhora sem conhecer-me, disse em uma reunião—O Juca ama a um ideal! a sua F... é uma rica phantasia da sua poetica alma!....

Eu, eharas Leitoras, todo entusiasmado, e mal sabendo em mim de contente; disse—Adução, minha

Senhora, que essa mulher existe!... esse Anjo não é uma visão!... é uma pura realidade.—

—Nada, Senhor, essa mulher não existe!... essa mulher é um ideal creado por esse Juca!... Quando o coração de um mancebo se expande ainda novo ás primeiras commoções da existencia, extasia-se com os effeitos embriagadores do amor!... então é bella essa quadra da nossa existencia! Se bem que o'ella nada mais existe que o idealismo!...

—Em todos os nossos escriptores ha seres ideaes, a quem amão, a quem nunca virão!... e que não existem!... porém os crião na mente!... e só em sonhos percebem esses sustenidos de doce melodia!... mas esses devaneios da imaginação existe um que de pura santidade!...

—Praza aos Ceos!... Senhor, que sempre poderemos correr a vida assim!... porém bem pouco dura, essas illusões dos primeiros annos desfazem-se como o fumo no ar!... e então appresenta-se-nos a realidade, como soberana do mundo indicando-nos com o dedo um sepulcro—

—O coração, que na nossa juventude, é tão cheio de vida, esperanças e idealidades!... será com a realidade, envelhecido e baldio de esperanças!... Por isso, Senhor, feliz d'aquelle que sonha com essas visões, e as alimenta: pois esse ideal birá sempre o confortando!...

—Porém nem sempre existirá essa felicidade no nosso coração!... por que virá a mão do tempo, desfazer essa architectura de bellasas, que ficarão desfeitas por um novo capricho da sorte!...

—Esse, Juca, principiou agora amar; a sua phantasia criou esse Anjo, a quem elle rende cultos!... e a quem adora; porém essa F... não existe, é um ideal!... Ella será uma semelhança da—Mulher Ideal—cantada por Custódio de Abreu—que tão bem a define n'este bello versinho—

Tu és da divina essencia!

Uma pura emanção,

Em um estylo de...

Em quanto essa illustrada Senhora, não tendo accerto me delimita esse sentimento, julga verdadeiramente ser a minha F... um ideal; porém repentinamente olhando para as minhas mãos, em que tenho um delicado anel de suas lindas madeixas, exclamei!...

Senhora! enganai-vos, eu não amo a um ideal!... minha F... existe!... eis os seus cabellos!...

E mostrando-lhe o anel sahí de carreira da reunião!... deixando, essa Senhora e a todos da companhia em completa estupefactação!...

...

E que tal, minhas Leitoras?

Agora faço os comentarios, que quiserem, flandando-os por chamarem-me louco!...

Não duvido!...

Vou pressuroso communicar a minha F... o occorrido!...

Paroco-me, que, já estou vendo-a tão satisfeita escutar esta historia!...

A deus, Leitoras, não ha tempo a perder! té para o seguinte numero.

Se Deos quizer!....

Juca

REMEMBRANÇAS

Amigo Sellarep, paz soude e contos de reis! ...
Comment vous portez vous? comment va la santé?

Eu cá, Sellarep, estou bom, muito obrigado!

Vou com esta missiva, caro amigo, dar-te parte do que ultimamente se tem passado.

Na verdade que fostes muito feliz em poderes escapar das mãos dos taes *cicerones*, outro tanto não pude dizer para commigo, que fui agarrado com a boca na botija, quando fazia os meus *rapi-pés*, áquella cuja!.... não era bonito que eu desse parte de fraco, quando atacava um tão forte *baluarte*!... por isso fiz das fraquezas forças, e lá fui a mamadeira.

Era o beneficio do jovem Abelardo.

A concorrência foi extraordinaria!.... E o meu pobre assento pagou com usura ás minhas loucuras, sobre uma dura taboa!.... podese muy bem dizer aqui—pagou o justo pelo peccador.—

Como já áenna te disse, a concorrência foi grande e por conseguinte grande foi também o n. das loucuras!... O jovem Artista, por galardão do seu talento, teve as suas corôas de *popellão* e *malacaxetas*!... E nessa occasião torceu o hymno e teve de apparecer o Pavilhão Brasileiro!.... mas ch!... caro amigo, foi em extremo o meu pasmo quando vi, o nosso adorado Pavilhão, amarrado n'uma taboa, e sustentado por uns escalfados *crioulos* de *jacueta* *bonica*!...

Porém não importa, tudo isto é progresso!

O Capijuba é um outro *sabido* *Philiphem*!...
Gostão as honras da festa!

Eu, como sabes, gosto de fazer tambem quadrelhas, e em go improvisar.

O Capijuba *monstruoso*,
Com os olhos *seductor*,
Faz as jovens *namoradas*,
Morrerem todas d'amor!...

Tem seus cabellos compridos,
Ornando a cara de *broca*;
Elle em tudo é semelhante
Ao *compadre* *Morissoca*!...

Findo o espectáculo os amigos do Beneficiado lá o forão levar a casa com uma banda de musica, foguetes, vivas e vivórios!... e em zora em zora acabou-se a historia!...

O nosso Maranhão (como sabes), é o germe da impostura, cá, quem não affecta não tem!...

Os *fidalgos* abundam em nossas ruas, como peixes no mar, ou estrelas no Cão!... Cada *thé-que-thé*, por ser unicamente addito de uma *Secretaria* ou praticante de qualquer *Repartição* já julga ter o rei na barriga!... ha outros, que, por terem sido em pequenos *padreiros*, já se julga *fidalgos*!... po-

rem são destes, que o vulgo diz, que tem o *reppar-teiro* *debaixo da rede*!... Por isso não admira, que todos elles queirão ser *sabios*, *poetas*, *escriptores* e outras cousas mais; porém nós, que os conhecemos somente predigalhamos-lhe um riso de compaixão!...

São figurinhas irrisórias, que só fazem *caretas*!... Deos se compadeça das almas dessas *annimacinhos*!...

Gostei muito das toas—*Historias inigmaticas*;—na verdade que tens muito gosto para estas cousas!...

Deo-me muito trabalho para decifral-as, porém afinal cheguei á conclusão, e bastantemente ri-me da lembrança!... espero q' continues com os teos enigmas pois gostei muito e mesmo desejo fazer um estudo particular nesse dedalo!...

Consta-me, que o *Pasjos Sosdoadó*, vai *naturalisar-se*—*Norte-americano*!... forte *sympathia*!... apra!... principalmente se elle seguir a companhia, é uma fortuna para esta terra, que o tolera!... mais do espaço tratarei a respeito de um negocio!...

Fr. Gerundio, deo ultimamente em *fazer cartas* dos seus—*«p'issa tempo»*—é este um frade muito *xistoso*, em tempo *promette* ser alguma *cousa*!...

Fr. Supino, o *esgazelado*, continua nas suas—*«horas vagas»*!... Vai agora dar em domesticar *cergonhas*!... e fazer *roleles* de canna!...

Estes dois individuos são a nata de todos os *frades presentes e futuros*, e fazem as *delicias* de qualquer *Convento*!... Deos os faze bem!...

Aquelle *intrepido* militar, muito nosso conhecido, que tem por uso e costume visitar ás familias em certas horas, e assim que houve mexer-se em pratos, *propára logo á quella*, e *lança mão* de um violão!... anda perdido de amor por uma jovem!... porém já ouvi dizer, q' elle *thé-que-thé* *abandonado ás orellhas*!...

O *Maranhão* *tertil* em publicações, ultimamente que sendo *publicada* uma *coleção* *Bibliotheca Litteraria*. Ora esta *coleção* está no *Sacculo* 19^o, no *Senio* da *coleção* da se nos appresenta para ler—*historias do Diabo*—os *contos* a *conversarem* com o *Diabo*—e finalmente o *Diabo* a *quatro*!... no tal *Bello* *am*!... porém *de tempo*, *isto* um meio de *divertimento*.

Previno-te, que temos um novo contador de *petos*, ou de *contos fantasticos*!... diz elle que lhe foi *inspirada* esta ideia pela leitura das *set* *noites da taverna*!... De sorte que o tal *escriptor* está com *presumpções* de chamar a si a gloria, que tem a memoria de *Alvares de Azevedo*.

Está bem servido.

São horas, charo amigo, de ir a casa de um outro amigo, por isso não me é possível ser mais extenso. Previno-te, que amanhã hirei tomar *chá* contigo, e ao mesmo tempo ouvir conversares com o teu violão, e d'elle tirar bellas notas!...

Lembranças a tua morena!...

O Amigo

Themotheo.

N. B. No beneficio do *passarinho* hirei o *Capijuba*, por *chroquo* ao beneficiado, dançar na corda bamba!...

Hade ser um bonito quadro!

Afieu!

O mesmo

Carta de Raimundo Morissoca a seu compadre

José Cegonha.

Eis-me em scena compadre,
Ainda por esta vez,
Sem eu ser nenhum palhaço
Nem figura de entremez
Vou contar-lhe couzas novas,
O que por cá, já se fez

Bom não houve espectáculo
Por haver falta de enchente
Isto nos disse o palhaço
E nos disse de repente
E assim ficou lograda
Lá no circo muita gente

A policia, caro amigo,
Em lugar de os obrigar
Visto estar annunciado
A elles virem trabalhar,
Mandou que o respeitavel
Se pozesse a retirar.

A todos quantos lhes pedem
Beneficios elles dão,
Porque n'isto descobriram
Uma nova especulação
Pois que dando o beneficio
Tambem recebem um quinhão.

Houve festa no R. zario
Do Senhor da Redempção
Houve tambem, a tarde
Um variado leilão
Onde para Fr. Supino
Arrematei um Capão

Agora eu continuo
Dos classico a galeria
Que encontrei nas gavetas
Da Senhora minha tia,
Se não fosse ella, compadre,
A verdade eu não sabia.

Meu tio, o charadista
De bigode retorcido,
Por um novo Rafael
Este é tambem conhecido
Sacristão da companhia
E da redacção é valido.

Este diz que para tudo
Sempre leve muito geito
Que seus escriptos merecem
Veneração e respeito.
Pois nas aulas do liceu
É um estudante perfeito.

O besto Fr. Bagrinho.
Que viu a S. a scismar
Que tambem viu uma pomba
Na cabeça lhe pousar;
Zangando-se por fim com ella
Por força a quiz devorar.

Por irmão das almas, tambem
E' elle aqui conhecido,
Eu não sei porque, compadre,
Lhe pozirão este appellido.
Será por cauza da opa
Com que sempre o ta vestido.

Henriquinho e moço louro
O chefe da redacção
Que até na biblioteca

D. Selloz meteu a mão.
Dizendo que elle é grande
Até mesmo em instrução.
Que foi fazer, meu compadre.
Minha carta publicar
Como é que heide agora
Pelas ruas passear
Sem que algum dos taes frades,
O facto me queira escovar.

A comunidade, compadre
Acaba de se reunir
Fr. Supino, Fr. Gerundio
Lá estão a discutir
Procurando documentos
P'ra contra mim se munir.

Seis, contra em, meu compadre
E cousa de admirar
Seis pennas abalizadas
Um pobre tolle atear,
Que contra sua vontade
Tem por força de esperar!!!

O que affli me compadre,
E' que assigno o que é meu
Outros podem publicar
Aquillo que não é seu,
E descaradamente dizem:
Para escriptor nasce eu.

Frei Supino, patetado
Quiz me dar uma peçoção
Por o ter chamado doudo.
Por lhe dar uma lição
Mas eu logo, encafuei o
Na casa da correição.

Frei Gerundio, meu compadre
Muito e muito se zangou
Sabe o que aconteceu
Quando c'lo me encontrou
Foi logo direito a mim
E então muito me insultou.

D. José, esse coitado!
Está muito

Ter ve

Quando elle meza carta
Foi bastante criticado.

Um annuncio importante
Vou mandar publicar,

E' uma cousa espantosa
E' cousa de admirar

Uma nova decoberta
P'ra muitos males curar.

Ha na rua do Alecrim
Um viveiro de cegonha

Que cura t'sse e defluxo
E tambem da cubra a peçoção

Frei Gerundio uma comprou
Para lhe tirar a ronha

Já sinto a chuva cahir
E por isso vou-me deltar

Lembranças ao Birimbau
Se por acaso o encontrar

Saude e saudades compadre
E no mais—Ao revoir

Mão 18—1863

Maranhão Typ do COMMERCIO de Augusto Vas-
pucio Nunes Cascaes—1863.

O RAMALHETE.

Jornal Litterario e Recreativo.

A 800 réis por bimestre ou 8 numeros, pagos adiantados.

O RAMALHETE.

FOLHETIM

O amor pode muito, o dinheiro tudo.

PROVERBIO

—POR—

FONTENELLE

Vid. n. 28.

I.

Alvaro da Silva se chamava o artista, que de pequeno fora criado com Margarida, e a quem ella depois concedeu o seu amor. Quem sabe se as feições da criança, com quem tantas vezes brincara, e que eram d'uma rara formosura, não foram para Alvaro a primeira revelação da arte, que lhe deu ideia das esplendidas imagens, que a sua phantasia tinha depois de conceber?

Sendo assim, como podia elle separar aquelles dois amores, que um pelo outro se tinham revelado, e que conjuntamente haviam de crescer, de florir, de morrer em fim?

Alvaro ambicionava a gloria pelo amor de Margarida. Sem este, pouco se lhe importava de a ganhar, porque nenhuma consolação lhe podia conceder. Na certeza, porem, d'aquelle amor, não havia sacrificio que não fizesse para alcançá-la, realisando assim o duplificado sonho de toda a sua vida. O maior sacrificio de todos já o tinha emprehendido. O que lhe custou a ausencia, quando se viu obrigado a partir para hir estudar em Italia todos os segredos da sua arte, só pode imaginar o coração, que já uma vez padecera soffrimentos iguaes.

Alvaro, porem, partiu. As saudades da separação eram mitigadas pela confiança illimitada do amor. De longe, e durante largos dias de isolamento, elle ouvia ainda a voz de Margarida; sentia-lhe as mãos entre as suas, como tantas vezes as tivera, beijava-lhas com respeitosa amizade, com a terna amizade de irmão, e via assim feliz ainda, só com a lembrança, que não tinha para elle os acerbos espinhos da saudade, de que o futuro lhe guardava a realisação de todos os seus sonhos.

E ella, a deusa d'aquelle culto, como correspondia a tão santa adoração?

Era impossivel ser mais digna de a merecer. Durante a ausencia do amante, Margarida não revelara um momento sequer, que a sua lembrança tivesse deixado de a acompanhar, ou fosse no meio dos divertimentos onde a condescendencia a levava, ou nas horas de intimo pensar, em que a saudade lhe fazia sentir toda a força no seu amor. As vezes, no meio das distrações que lhe preoccupavam o animo, quando a alegria parecia animar-lhe a conversação viva e espirituosa, em um instante, como tomada de subita lembrança, o rosto se lhe anuaveava, o sorriso apagava-se-lhe nos labios, e os olhos humedecidos pelas lagrimas, pareciam concentrar-se todos no sanctuario onde a saudade lhe encerrava a imagem do amante. O coração em tais momentos devia comprimir-se-lhe dolorosamente.

Lembro-me ainda d'uma noite em que me encontrei com Margarida, d'uma pequena reunião de familias, que todas as semanas havia no sítio que habitavamos. Estava n'essa noite formosa como sempre. Vestia um simples roupão de casa branca, que dava realce á sua figura esbelta e airosa. Os cabellos, meio soltos, prendião-se-lhe em longas madeixas, e por unico enfeite tinha um ramo de flor de laranjeira, colhido de tarde no pommar, e rescendendo ainda suavissimos aromas. O rosto, mais pallido que do costume, denunciava uma negra tristeza. Fazia compaixão vê-la assim, toda vestida de branco, advinhando-se-lhe o lucto do coração.

Instada para cantar, Margarida negou-se a principio, e só depois cedeu. Sentada ao piano, um momento se conservou indecisa, tendo suspensa a attenção com que sempre era ouvida e admirada. Invocava a inspiração, pedindo-lhe um canto de tristeza, que traduzisse o estado da sua alma. Os dedos correram-lhe sobre o teclado, e a voz soltou-se-lhe em fim. Era uma harmonia toda nova. As notas suavissimas e d'ute tristeza infinda pareciam arrancadas ao coração, e choravam de dor. Era o hymno da saudade, inspirado pela paixão.

O pranto inundava-lhe as faces. A dor soltava-se primeiro nas notas harmoniosas de um canto inspirado, para depois se revelar nas lagrimas, que corriam livres e abundantes. Ser-lhe-bia consolação aquelle desafogo.

Momentos depois, Margarida, pelo braço da sua amiga preilecta, saia da sala para o jardim, onde se demoreu algum tempo. Voltando de novo, uma rapida

transformação se deixava sentir em todo o seu ser. Parecia que a brisa da noite lhe havia saltado dos hombros o véo de tristeza que a envolvia.

(Continua.)

Zig -- Zag.

Puff! ... que bella fumaça! ...

« Vai-te minha alma, embarca-te nas ondas

Desse cheiroso fumo;

« Vai-te purgar por essas nuvens

Sem bussola nem rumo. »

« Vai-te despir, no poiz dos devaneios,

Esse ar pezado e triste;

« Depois virás mais lepida e risonha

Contar-me o que lá viste. »

Só com o bom gosto da pura fumaça, é que se pode carregar com este pezado fardo, intitulado—vida—!...

Uns há, que na soldão de seus alvergues carregão-no, à força de *cognac*, e *rhum*!!! Outros, mais safaros, no bolício estrepitoso das urgias &!!!...

« Na insonia do existir pollue-se a crença

Das orgias no correr se afoga a vida!... »

Eu, cá, aprecio mais a cheirosa fumaça do predilecto suspiro!...

A' imponam de um gram *sultão*, mollemente recostado em ricos divans, não se equipara á minha prosapia, quando tiro do meo pipe a fumé gostosas nuvens!...

Puff!.... Que bellos pensamentos!.... que ricos palacios!.... que formosas damas!.... vejo, através da cheirosa fumaça, este maravilhoso prisma inventado sem duvida por alguma Divindade!...

Abeçoado charuto!... Faz-me tocar até ás regiões da poesia!...

Porem deixemo-nos agora de poesia!...

Já houve um tempo, que eu sabia fazer versos, presentemente..... mal alinhavo prosa!...

Gosto mais de viajar a pé pelo paiz da realidade!... que voar, com azas de *Icaro*, ao mundo do idealismo!...

Sou muito amigo do positivismo!...

Se tivesse nascido para poeta, havia de fazer hoje uma bonita poesia!...

Seria o thema, uma queixa de amor!

Não sei que diabo de sorte é esta minha!...

Parece-me, que nasci quando a maré estava em seu refluxo!...

Todos são felizes com os seus amores; só eu é que devo viver sempre chorando!...

A minha F... está mal commigo!...

Que ingratidão!...

Entre todos os predicados da minha F... esqueceo-me communicar, ás minhas leitoras, um; é ser—caprichosa—!...

Não é lá das melhores cousas.

Sou muito zeloso!...

Entendi ter ciúmes da minha F...; coisa mui natural. Ora, se eu a amo, e a adoro, so dei-lhe alma, vida e coração!... Não quero, que outro vá, por mo-ro passatempo, render-lhe finezas—!...

Julgo estar no meu direito!...

Com o coração rallado do saudades e tristesa, dirigi-me a F...; censurei-a com amargura da sua ingrati-dão; disse-lhe, que o meo coração acostuma to a receber carinhos, tinha assas soffrido com o seu indiferentismo!...

F... olhou-me; porem notei, que esse olhar era differente d'aquelles, que tantas vezes me fizerao enebriar de amor!...

Notei também, que as suas frazes erão inigmaticas, e transbordavão orgulho!

E esta?

Terá já F... me esquecido?... Será já outro o seu predilecto?...

Paciencia!...

Isto assim não vai bem.

Vou já escrever a F..., e tachal-a da ingrata!... emfim accusal-a do seu procedimento.

Este inteiramente abater esse leuco orgulho de mulher!...

Hão as minhas leitoras, agora, dizer este —Juca não sabe sustentar um capricho!...

E a mim que importa dizerem isso?

Não posso viver mal com F..., acabou-se!...

Oh! Ceos!... que falta de dinheiro!...

Porem, para que devo pensar agora em dinheiro, quando estou tão bem agazalhado na minha patria redinha!... e com a consciencia bem tranquilla!...

Podera, que muitos ricos assim o estivessem!...

Malditos gatos! não me deixão socegar!...

Terião elles feito parlamento do meo tsihado?

Não duvido!... Pois hoje até os gatos já mudo por solpha, e peioras que elles decidem merecimentos!...

Apre!... que noite fria esta!... estou gelado!....

Venhão charutos!...

« Fumemos pois! —Ambrosio, trate fogo».

Puff! oh!... que fumaça!...

Como me envolve todo entre perfumes,

Qual véo de olivea cassa!...

Apreciem, leitoras, essa bella poesia, que achei entre papeis velhos, enquanto vou conversar com o velho Morfeu, e sonhar com um interessante zig-zag para o seguinte numero.—

Juca.

—AVISINHA—

Moreninha, moreninha,

Se um dia tu fores minha,

Que amor, que amor não terás

C. de ABREU,

Morena, minha vizinha,

E's d'este bairro a rainha,

No teu throno das janellas,

Sorriundo p'ra mim, coitado,

Que bebo o ar namorado,

Que vejo de dia estrellas,

Linda flor das primaveras,
Estou captivo de versas
Da cintura de fadas,
Das tuas tranças lustrosas,
Tão negras, assitinosas!
Em caracões enroladas!

Tenho os sentidos captivos
Pelos teus olhos tão vivos,
Tão travessos e inconstantes;
Que exprimem tantos ardores
Que falam tanto de amores
Volitando a mim delirantes.

São travessos, bolicosos
Como entre cravos cheirosos
De beija-flor verdes azas;
São meigos, tristes, ardentes,
Lançam amor às torrentes,
Ai, queimam mais do que brasas!

Desbruçada na janela
Como tu ficas tão bella,
O' minha linda morena!
Com teu olhar desculpado
E's qual no valle releso
Ao pôr do sol a açucena!

Sou captivo—fallo serio—
Pelo teu corpinho aereo
Com seus requiebroz donosos,
Qual sylphos que vem risonhos,
Beijar-nos a noite em sonhos,
E vão e vem caprichosos.

Não acho gosto na vida,
Morena, linda querida,
Sem ver-te a boquinha breve
—Bolão de rosa encarnado—
Com seu sorriso encantado
Rozando os labios de leve.

Hontem—domingo—que tarde!
—Ainda o peito me arde
Das emoções que senti—
Tinhas comigo vistas
De amigas, todas bonitas...
Ai, meu Deus, e eu não morri!...

E gravam pela sala
Cobertas de luxo e gala:
—E tu mais simples, morena,
Brilhavas entre as vaidosas
Como entre odorantes rosas
Padica e meiga açucena!

Ai, minha linda vizinha,
Gentil, mimosa louquinha,
Que ardente e febril desejo:
Não sei se será loucura
Mas, oh! que grande ventura
Eu teria em dar-te um beijo!

Ai, Maroca, ai, meus amores,
Eu peço chelo de ardores
Um beijo na boca tua...
Vizinha, tercia morena,
Minha gentil açucena,
Tão a flor d'esta rua!

(R. da Silva.)

REMESSAS

Charo Themoteo—Não sei se serei capaz de dar conta de tudo quanto tenho para diserte, porém farei todo o possível.

Fui minucioso na leitura de tua muito apreciavel missiva, e de tanto rir-me ainda conservo-me uma dôr na barriga, a qual muito alterou-se quando hontem á noite li o ultimo n. do «*Gymnasio*», á ponto de fazer nessa occasião uso d'elle para uma fricção, que me deu algum allivio, e como ficasse apenas amarrado, aproveitei-o ainda para envoltorio de um mimo que na mesma occasião mandei a o celebre irmão bastardo de *Alfredo Musset*.

Creio, que conheces bem esse grande imitador sem sal e apaixonado sem motivo. E cabe elle na asneira de dizer no fim do seu massante artigo, que continuará!...

Ah! ah! ah!... sou papa!.....

A minha encantadora moreninha passa bem e continúa a dar-me as maiores provas de suas muito delicadas e apreciaveis qualidades—muito obrigado.

Estou com a scolla abarrotada de enigmas, e vou dar já começo á elles, para satisfazer á aquelles, que d'elles fazem ramo de negocio, isto é, que ganham sympathias e importancias com suas interpretações, embora em meu desabono, porém como estou muito resignado a brincar o entrudo, nada temo.

—Ahi vai um—

«A do embrulho veio ainda fresquinha e por isso mesmo produziu bom effeito, e por suporem que me tirariam o sono assim fizeirão, porém d'um tranquilamento—já não ha mais que «e embebele».

Por fallar nisto lembrei-me que o tal amigo com—Cognac, rum e caxinbas deve ter tomado uma reverenda carraçana! Quem sabe se não é para elle que ouço dobrarem os sinos! Citado! e assim não escreverá a sua tão desejada—«continuação»—E' pe-

—Outro—

«Cujo desprezo foi lançado na quillo que não mereça a pena. Os chapéus pregavam-se em todas as cabeças. Irei economisando tão bem o meu assim como os 1:000 reisinhos do Cartão do Convento, e no fim do anno darei o resultado destas economias de estommo a o frade que melhor tiver sabido pregar.» Q' dizes a isto, Themoteo? não é uma sublimidade e humanitaria idea? creio que sim.

E' verdade! Então, são patife, fizesse-me esperar até tarde para o chá e não apparecesse. Por fim tão bem não o tomei, por que ficou frio, e lá se foram:

Do Pão	Rs. 40
« Chá	« 20
« Manteiga	« 20
« Assucar	« 20

Sommas— Rs. 100

Não me pregas outra.

Sabes que mais! estou resolvido a hir passear, a pesar de estarem as ruas encharcadas; porém quem ama o que hade fazer?.. Não quero dar á minha encantadora morena o menor motivo de queixa, pois ella trata-me tão bem... Heide tratá-la por força de igual

modo. Eu e ella seguimos perfeitamente o exemplo do
nosso amigo—Juca—com a sua encantadora F...

Mas... como tenho de sair, vou fechar esta com
um preciso.

—Enigma—

«Havia materia, o que não havia era sangue nas
veias dos seus auctores, e esperava tomar a pitada
para com o ranho lecharem a rósca, porém tudo deu
em agua morna a que foi applicada a todos que compra-
rão oito vomitorios por 1:000 rs!

Até outro dia—

Eu sou o

27-5-1863—

Sellarep.

Carta de Raimundo Morissoca a seu compadre
José Cegonha.

Como vai, oh meu compadre,
Como é que tem passado!
Saude e fortuna a usa
Estimo tenha gozado,
Pois a minha, ao fazer desta,
He mui boa, Deus louvado.

Agora escute, e calluda
Não va ja comunicar,
Cousinhas muito bonitas,
Que eu lhe passo a contar:
Não caia na esparrella,
De as mandar publicar.

Não caia nessa, compadre;
Veja que isso é muita mau;
Pois pode acontecer
Que eu vá pagar o patou
Com alguma desconfiança
Ou uma roda de pau.

No Circo eu tenho hido,
Para lá me distreir,
Para muitas boas xalaças
Poder eu tamhem ouvir;
Por estas e outras razões
Os cobres lá vão cabir.

Neste ultimo espectáculo
Não tivemos o engraçado,
Que a arena não quiz vir,
E em caza ficou deitado:
Segundo ouvi lá dizer,
Elle estava constipado.

Nessa noite, á final,
Foi elle substituido
Por um tal Jorge Inglez,
Ainda não conhecido;
Mas que parece com elle
Ter na escola aprendido.

Lenton e Rentz continuão
Sempre ao publico a agradar:
São dois artistas perfectos
Dignos de se admirar!
Quem me dera o que elles fazem
Eu lhes pudesse contar.

Vamos, vamos, meu compadre,
De rumo vamos mudar,
De cousas que mais interessão
Vamos agora tratar:
Deixemos isto do Circo
Para a fradalhada cuidar.
Um corpo de voluntarios

Agora formou-se aqui!
Olhe o que você tem perdido;
Por estar morando ahí,
Por querer cuidar nos outros,
Em lugar de cuidar em si.

Elles querem aos Inglezes
Ir por fo ça metralhar;
Estão anciosos, que a guerra
Se tenha de declarar;
Pois que nella elles esperão.
Sua valentia mostrar.

Porém não pense, compadre,
Que as cousas se dão assim:
Não de elles ser dos primeiros
A fugirem para o Cutim!
Um adiante outro atraz,
E as peças tambem por fim.

Esse novos apostolos
Da causa da liberdade
O que querem, é andar fardales
Pelas ruas desta Cidade;
Mas isto tão somente
Por espirito de novidade.

Houve um logista, compadre,
Que as armas mandou buscar,
Julgando que este corpo
Havia de se formar!
Porém as armas na loja
Em descance não de ficar.

Meu tio entrou na imprensa
Como a paca entra na toca,
Com sua espada de cortiça,
E seu nariz de taboca;
Para ver se conhecia
O compadre Morissoca.

E' bonitinho este moço,
Para valido serve bem,
Mostra que para isto
Bastante geito elle tem;
Pois que a tal redacção
O faz andar n'um vat vem.

Fr. Bagrinho, o capa verde,
Muito contente ficou,
Quando viu que um jornal
Ja delle se occupou;
Para trazer ao pescoso
O jornal encastou.

Au Ignacio do tio Hilario
Eu queris responder,
Mas não posso agora, compadre,
Por que tenho que fazer:
Fica para outra vez
Ou p'ra quando pader ser.

Espero que Fr. Supino,
O Frade tão exemplar,
Continue no Tio Ignacio
Seus insultos a lançar,
Que sempre da mesma forma
Para elle não de voltar.

Adens, compadre, e lembranças
A quem por mim perguntar.
Não esqueça o capijuba,
Que mandei econcondar;
Pois aqui elle é preciso
Para a raça se tirar.

Maio—25—63.—

O RAMALHETE.

Jornal Literário e Recreativo.

A 800 réis por bimestre ou 8 números, pagos adiantados.

O RAMALHETE.

Zig--Zag.

Ora, Leitoras, desejava hoje escrever um bonito zig-zag; porém, principiou logo a chover; tive preguiça... e *zaz-traz, encafiei-me* na patra e prosaica rede.

Um dia de chuva, para mim, tem as qualidades do opio! ... provoca-me o sono! ...

A pena logo cambaleia-se-me entre os dedos! ... Venha café e charutos; leiamos alguma coisa, e mãos à obra.

Sobre a mesa diviso um jornal; traza-m'o, *Amisio*; vejamos se é politico, commercial, ou litterario.

Abnego a politica; por consequencia, se perdo a essa parcialidade, queimo-o! ...

Bravo, é litterario! ...

Vejamos qual o seu nome de baptismo.

—*Gymnasio*! ...

Quem serão os pais de tão bellas produções estampadas neste nucleo de litteratura?

Oh! não ha que duvidar, são mancebos, bonitos, guapos, litteratos, filhos do Parnaso, e estudantes da Tenda de Vulcano! ...

Levantem-se os povos e saíam com enthusiasmo frenesi á essa pleiade de gigantes litteratos! ... que agora se levantão.

Os passaros já se agitam nos seus ninhos, e adejando em roda d'esses sabios, gorgeião escolhidas canções!

Felizes homens! ... emanados do empirio, amamentados pelas muzas! ... São vasos preciosos, onde se encerra a pura e crystallina essencia da litteratura! ...

Trez vezes, bem vindos homens! ornamentos futuros desta patria, já tão peijada de genios! ...

Alfredo de Musset?

Será esse nome, cujo nome enriquece as lettras?

Nada! nada! este cá cinge a *facha da bastardia*. Hebe-se lhe não presta com a taça do precioso liquido das *Dauses*...

Pobre louco! ...

Olá? ... isto cá fia-se agora mais fino ... é tal *Alfredo* no seu rigoroso *Spleen*, tracta dos meos zig-zags, e tenta censurar as minhas oppiniões! ...

Pobre *bastardo de Musset*! ... Elle é o proprio, que confessa ter gasto os seus dias em orgias, e lascivos folguedos, com o coração já poluido pelos vicios, e ousa estigmatizar um sentimento tão sagrado qual o meo, o do amor! ... Arrejo! ...

« Amor, rosa do Céu! »

Como queres tu nos teos malditos *Spleens*! ... profanar ou desfolhar essa divina flor! ... predilecta dos *Dauses*! ...

Tu, habitante dos prostibulos! ... com a alma rassequida pelos ventos infernaes, e o peito inflamado pela efervescencia do *cognac* e *rum*! ... levantas a voz insolente e injuriosa contra uma produção de Deos—*A Muer*!

Tu, semelhante a *Marloice*, o dramaturgo, gastas a tua mocidade nas orgias, ahi, onde existem milhares demonios, que turbadas da razão, e com linguagem sciatica, louvao teos dotes, para depois hirem unir os labios humidos dos teos osculos, a outros! és tu que tanto ousas? ... Não sabes, q' n'esses prostibulos não ha virtudes, e que n'elles só reina a protervia! a lascivia e a traição! ... A vida que ahi passas, é por certo.

« Falsa, como em postitutos labios

Um osculo visguento! »

Elle ser-te-ha de tedio no presente, e de arrependimento, no futuro! ...

Dizes, « Amor, existe elle? vaidade, absurdo, puerilidade— »

Digo-te, —*bastardo de Musset*—, que o amor existe, não nas orgias, porém, nos corações d'aquelles que o sabem guardar e respeitar.

Lembra-te, que sendo o amor, uma doce emmanação da divindade, não pode elle ter guarida no teu peito, filho de *Satan*! ...

Abandona a esse mundo, em que vejetas.—

« Mundo de sordidez! cynica essencia,

Infamia e mais infamia! apenas fezes! »

Que gozarás de verdadeira felicidade e conhecerás a virtude do amor verdadeiro! ...

Nas orgias compras, a preço vil, os osculos da mulher perdida, que los vende sem pejo! ... e quando, cansado do lascivia, encostas a turbada cabeça sobre

a carunchosa taboa d'uma noventa taverna, e ali ador-
mou-se; então, em teos sonhos, comparas a todas essas,
que te vendem os ossos! ... Que audacia! ... Que

To, discípulo de Lovelace, segues seus principios,
negros e criminosos! ... e en aprendo no sagrado li-
vro de M. yses, no Genesis, a amar essa produção de
Deus! ...

Porém já o arrependimento, te toca, pois dizeis—
«Maldito Spleen foga de mim, tira esse constante ma-
racho de meu peito quase gelado de lascívia» —

Sim, já é tempo de abençoar esses festins licencio-
sos, onde só reina a desordem e a perversão, a prosti-
tuição e os crimes!

Quando fores verdadeiramente torado do arrepen-
dimento, e te vier á lembrança esse tempo perdido em
orgias, e em sonhos, e te aparecer essas mulheres per-
didas, esses anjos de Satan, dirás como esses poetas
disserão! ...

«Então, mulher—acordei: do lodo
Onde Satan se pernitoou comigo
Onde inda morno perfumou seo molde
Setinosa puez de formas nivas
E a loura meretiz nos seios brancos
Deitou-me a fronte livida, na insomia
Quedou-me a febre da volupia á sede
Sobre os bellos seios»

«Se no passado errei, se te esqueci,
Se a blasfemia correu nos labios frios,
Perdão! Senhor meu Deus! que o febre leste
A minha alma perdeu-se nas delirios»

Sim, *bastardo de Mussel*, ali se existem mu-
lheres demonios! que perdendo prosintoem a mo-
cidade inexperiente! ... Deixai-as. Vinda para as
nossas reuniões compostas, onde reina a moralidade e
virtudes, e encontrareis—mulheres anjos—com o sor-
riso e o perdão nos labios!

Então de joelhos aos seus delirios, e contracto e
arrependido, de um passado bacchante, dirás—

«Se eu fui um anjo que descreu demente
E no oceano do mal rompo as azas,
Perdão! arrependi-me!»

E que tal; Leitoras? é este o miliante que ousou
censurar-me, por amar a minha innocente F...

Se elle a visse, se um só momento a contemplasse,
como arrependido se havia de mostrar ante aquelles
olhos negros e bellos!

Adeos Leitoras, não posso estar distante da minha
F. um só momento; vou já para junto d'ella, implorar
o perdão para esse louco, que a offendeo pondo, em
dúvida o seo amor para commigo!

E ella o hade perdoar, porque em fim é mulher!..
Juca.

MEMORIA

Amigo Sellarep.... In primo loco, permite, que
te perguntes; como passa a Morena? Ora Nosso Senhor
lha dá muitos annos de vida, para satisfação do teu co-
ração... amen...

Li com prazer a tua missiva, do n. passado, pois me
veio refrigerar o peito, e matar as saudades, que sin-
to por ti... o meo coração não escolhe sex, ama in-
distinctivamente! ... parece-me, que vim, para este
mundo, de encommenda! ... não duvido.

Pela conclusão, que tirei da tua missiva, vejo, que
os teos ginasticos, ou *saxosopas* do *Gymnazio*, que-
re-se divertir contigo; porém, vae de vez em quan-
ta mimosando-os, que elles *calar-se hão!* ...

Por fallar-te, em *Gymnazio*, lembra-me agora di-
zor-te, que ultimamente tem apparecido por lá muita
novidade nova. Um tigre, que a muito tempo exis-
tia em charneras desconhecidas, appareceu tambem
no tal *Ignacio do Tio Hilario*, a crever os seus
Splens, e tudo vae analisando de uma maneira *tran-
chut*, pela leitura conhecesse, que o tal sujeito é um
dos mais assíduos confrades da ordem *bacchante!* ...
poi; diz elle, que quando tem ao lado um copo do
cognac, *rhum* ou *caximbadas*, está no seo verda-
deiro *Spleen!* diz mais que hade ver, ouvir, e con-
tar tudo; sera um segundo—*Diabo Couxo!* que nos
apparece no *Saxo*! ... Eito tem gosto, primei-
lar em imitar quanto escripto bom vai achando, em
fim até o nome...

... e juriscansulto de
ação, vejo lá que tal a Sé em que elle é con-
... Como lá não tem a—*Circo Olympico*— para
... elles notam a habilidade do Sr. Paizão?
... discursos sobre jurisprudencia, e ebrião-se de
grandes! ... Este moço é muito indutrisiao, faz
roteiros de canna, phosphoras, e esta preparando
grande quantidade de bixinhas corrideiras, para as ves-
peras de São João e outras; e isto depois que a policia
dei no galinheiro das cegonhas, á rua do Ale...

Ali, meo amigo, na tal redacção, ha de tudo bom;
os nomes de Fr. Supino, Fr. Girundo, Fr. Ba-
grinho, Meo Tio, o Charadista, D. Joze o Barba-
dinho, e o tal *Bastardo de Mussel*! Este, por si
só é bastante, para recomendar os escriptos do Tio
Ignacio! ...

Tenho, meo Sellarep, bem vontade de applicar a
estes sabios, aquella fraze do General Cambrone....
poem guardo-a para melhor occasião, em que possa
dizer mesmo em frente dos teos *guerrilleros litera-
tos!* ...

Para bem apreciar-se a intelligencia, dos *apuzos-
as* do *Gymnazio*, é só bastante dar-se um passeio
noturno por aquella dita rua, e, atraz de uma estaca,
com pachorra admirar-se!

Ahi é que elles são grandes, o eu (louvado Deus)
sou nada! ... O coringa trabalha de uma forma ef-
fantosa ad valores...

Entendão-me, como quizerem! ... que eu os lirei entendendo, como me aprouver! ...

Ha muita gente, meu amigo, que falla, porem, que não sabe o que diz! ... e eu, que estou tão acostumado a ouvir esta zozada de pragas, já não me faz mos-sa, e para acabar a basta só queimar certa essencia..

Tu conheces, verdadeiramente, quanto é o Themotheo—que alié oje descehece a palavra me-do;—que na guerra é sempre o 1.º a entrar e o ultimo a sair! ... que está prompto a sustentar uma discussão seria, quando ver que os seus adversarios assignão os seus escriptos! ... porem como assignal-os, se elles de sacolla mendigão a charidade litteraria! ...

O Themotheo, amigo Sellarep, desafia aos seus contrarios, e solemnemente! ... Em qualquer parte existe papel, tinta, e pennas, e por isso mãos á obra!

Não repares, charo amigo, esta pequena falta de modestia; porem são daquelles arrancos a que o ho-mem não se pode furtar! ...

Não sei se já sabes, que amanhã é dia de Santo Antonio! ... Se ainda o não sabias, posso affirmar-te que

A minha ultima missiva foi em tudo exasperar as iras dos nossos fidalgos: quando estiver de maré confor-te-hei o que teo havido com os tres brinchos!

Previno-te, que em qualquer desses dias, não pareço com o Sr. D. Policia por certa pa-simão de ver a sagrada effluencia das largatezas! Será um assalto chibança! ...

Que spleen! ...
Trago-me callos e conchilho, com os diabos, que ardo de sede, e o cognac já não me faz mos-sa— x I-to disse mestre Jacaré! ... Ah! Ah! Oh! Oh! U! U! ...

Vê lá, meu amigo, como estão aquellas entrantas cortidas! ... já nada lhe faz mos-sa!

Disseste-me, que amas a tua morena, segueso exemplo do Juca, com a sua F...! não sei, meu ami-go; parece-me, que o Juca já não me anda muito con-tento, pois no n. passado conheci, que estava enfada-do! ...

Aqui entre nós,—crimes—! ...
Vou ás trezanas, e por isso—Adieu.—

O Themotheo.

N. B. Se algum dos que aqui escovo quiser em-minha ausencia molestar-me, manda-os repar a ca-beça, a semelhança do Fr. Supino! ...

Da—ran—ca—já—

Explicações.

Dá.—E' o que elle diz continuamente quando tem

feito alguma parada no orêllo, e que a cartá está de morando-se.

Ran.—E' o nome que lhe dão quando o ouvem chibiar a bandurra, decantando a sua lei—Anjelique.

Ca.—E' o que elle diz, quando em alguma—Orga—se está distribuindo—rhum—

Ja.—E' o que lhe dizem, mostrando-lhe a porta, quando elle quer entrar em alguma coza decente.

Jacaré

Carta de José Cegonha a seu compadre Raimundo Mórissoco,

Ora viva meu Compadre,
Estimo que passe bem,
Por que eu ao fazer d'esta
Não estou como convem,
Pois alem d'estar doente
Tenho a bolsa sem vintem.

Porem isso pouco importa,
Mesmo assim vai-se vivendo,
E algumas novidades
De vez em quando colhendo
Deses Frades do Gymnasio,
Quas os cobras nos mordendo

Henriquinho, o moço leuro,
Guardos—U—da relação,
Por não concordar co'os Frades
Quas leva percoção,
E para delles livrar-se
Pello sus deimissão.

Frei Supino, está perdido
Por quatro damas: é miú,
E junto com D. José
—Parente do Rumbau—
Já não fazem outra coisa
Se não jogar o pacaú,

No Gymnasio Literario
A presentou-se de pé
Um plagiario de gosto
Que eu não sei elle quem é,
Por que tudo o qu'elle escreve
E' d' Alfredo de Musset.

Esse louco, meu Compadre,
Qu' o nome alheio tomou
E que mesmo no Gymnasio
A um nosso amigo insultou,
E' aquelle qu' inda hontem
Nosso auxilio mendigou.

Porem pelo jornalismo
Desfi ao infel;
Que na luta não se periga
« E, se for grande o tropel
« Sofre-se mais não se morro
« Qu' as ballas são do papel, »

« Empunhao, sem medo a lyra
—Vinde vindo a discussão—
« Ser valente e destemido,
Ser ousado campião
E' mister!—quem for ferido,
E' só na reputação, »

Frei Bagrinho, capa verde,
Ao mundo tem se atirado,
Pois a sua bella Ricta
Ja tem elle decantado,
E a respeito de lyrismo
Não pode ser igualado.

Quanto á prosa, meu Compadre,
Ninguem o pode imitar,
Pois qu' a sua bella—S—
Não deixou mai- passear,
E por fim a deo as *Cabras*,
Que a forão devorar.

Me consta que o tal Bagrinho
A radeação vai deixar,
Por causa do *Sachristão*,
Que o quer ensinar:
Tem ambos as mesmas luzes
Não sei que ha de lucrar.

Atenção, ó meo Compadre,
Isto é negocio mais fino;
O Henrique ou *Pico-branco*
Na botica do Justino
Deo co' uma manga de vidro
Nas ventas de um menino.

No dia de *Corpus-christe*
Hauve representação,
No Theatro de Sam Luiz
Deste nosso Maranhão:
Tocarão traques e bombas
Dando ao artista oblação.

Uma charada, Compadre
Vou aqui lh' offerecer,
Se você a decifrar
Não va a alguém diser,
Pois eu temo que se saiba
O que ella vem a ser.

A primeira é j—a—jã,
E a segunda como é?
A segunda é e—a—cã,
E a terceira r—e—ré,
Tudo junto e figurado
Diz—*Alfredo de Musset*.

Adeos compadre, acredite
Que de mim pode despor,
e Eu vou meter-me na cama,
e Vou pedir ao cobertor
e Que contra o frio, que faz,
e Me transmita algum calor.

Ahi vai essa parodia
De uma fabula que vi,
Nas horas vagas do Frade.

Que no *Gymnasio*, ja li,
Assim qu' acabei de ler,
Peguei na penna e escrevi...

O FRADE E O PACAU

Casualmente

Em certa casa
Jogo decente,
Perdeu-se cobres,
Casualmente.

Eu vi um Frade
Muito contente,
Estar jogando
Casualmente.

Fez a parada,
E de repente,
Bateu um nove,
Casualmente.

Dobrou parada
Como é patente
Bate outro nove
Casualmente.

Oh! disse o Frade
Alegremente,
Jogo soffivel
Casualmente.

A' neste mundo
Quem loucamente
S' entregue ao vicio,
Casualmente.

Charada.

Inda que mudem de letra,
O som indica uma Igreja: 1
Yaya, como é que esta nota
Vossa Excellencia solfeja? 1

Eu cê, porem, sou pronome,
Note bem, j. declinado:— 1
Forte fado! a correr sempre
Nunca posso estar parado 2

Silencio! aqui se lê no pó, no nada,
O problema da vida resolvido:
De joelhos, mancebo presumido,
De joelhos, donsella namorada!

De joelhos, christãos! Tristes oraes
Dos mortos pelas cinzas veneradas;
Sejão as vossas preces escutadas,
Tristes goivos nas campos desfolhaes!

O RAMALHETE.

Jornal Literário e Recreativo.

A 800 réis por bimestre ou 8 números, pagos adiantados.

O RAMALHETE.

FOLHETIM

ELISA E ALFREDO

I.

(Continuação do n. 34.)

—Elisa, queria evitar-te este golpe, mas já vejo que é preciso não occultar nada para convencer-te. Hon-tem pedio meu pai ao teu a tua mão para mim; mas respondeo-lhe que havia já dado a sua palavra de honra ao conde de Lagnac, e que não podia faltar á ella. Meu pai, por comprazer-me, humilhou-se a pedir e supplicar; mas o orgulhoso senhor de Meudon não cedeo, porque só quer que sejas esposa de um fidalgo da antiga nobreza, e realista como elle.

Ah! exclamou Elisa suspirando. Com que está perdida toda a esperança?

—Não, minha querida Elisa, não: segue-me e sere-mos felizes.

—Por compaixão, Alfredo, não me proponhas semelhante coisa; conde-te da minha afflicção, e não a aggravas mais; pois nunca poderei annuir a tal desejo.

—Esta bem, Elisa. A minha paixão cede ao teu imperio; porém quero que me jures que serás só minha, que desprezarás o conde, e que me escreverás, pois isto será um allivio que diminuirá em parte meus soffrimentos.

—Eu te juro, querido Alfredo, que serei só tua, e prometto escrever-te, mas com condição de que minha mãe ha de ler as tuas cartas e as minhas.

E pondo um joelho em terra, e levantando para os céos seus lindos olhos, continuou: « Perdoai-me, meu Deus, o juramento que seabo de fazer sem consentimento de meu pai, e o ter cedido aos rogos de Alfredo, prometendo-lhe a nossa união. »

Alfredo a contemplava admirado, e não pôde deixar de dizer: « A é agora, minha Elisa, te hei amado com paixão, mas n'este momento pareces-me um anjo, a quem só é dado adorar e respeitar. A tua virtude te ha feito sublime, mulher encantadora, e ella te dá a força necessaria para sacrificar-te; conserva sempre essa virtude, que se em alguns momentos me atormenta, é tambem o laço mais forte que me une a ti. » Elle ajoelhou como ella, e exclamou: « Meu Deus, ouvi os rogos da minha Elisa; fazei que seja o anjo tutelar que domine minhas paixões, e que me guie para vós. » E levantando-se proseguio: « Adeos, Elisa, não te esqueças de tuas promessas, e ama-me como eu te amo. »

Partio a barca, e Elisa seguiu-a com os olhos até ao ultimo momento de desaparecer. Voltando depois para o seu quarto, em vão procurou descansar; a esperança que queria manter no coração de Alfredo desvanecese logo que se viu só, porque sabia que seu pai tinha empenhado com o conde a sua palavra, e que nunca faltaria á ella. Isto mesmo não o tinha nunca querido dizer a Alfredo, porque conhecendo a sua paixão, e seu genio ardente, temia um desafio entre elle e o conde, e se bem era conhecido o valor de Alfredo, a sua consciencia se horrorisava com a idea de poder ser a causa da morte do conde. Não amava, certamente, a este homem, mas tão pouco o aborrecia, pois não era possivel aborrecer uma pessoa tão honrada e de tão bellas qualidades. Na afflicção em que se achava Elisa, escreveu a Alfredo, pedindo-lhe, em nome do seu amor, que nunca por causa d'ella desembainhasse a espada, nem provocasse a desafio a homem algum, a não ser que o offendessem em sua honra; e juntava que a prova de amor que acabava de dar-lhe, lhe conferia o direito a pedir isto; tanto mais, quanto se horrorisava com o simples pensamento de que poderia ser causa de uma morte: assegurava-lhe que nunca a sua mão pertenceria a um homem que se tivesse manchado com o sangue do seu semelhante; concluia fazendo-lhe mil protestos de amor, e dizendo-lhe, que

esperava tudo pelo carinho de sua mãe, e influencia do padre Anselmo, se bem que isto dizia unicamente para o consolar, pois estava bem certa de que a sua sorte se achava decidida, e via-se condemnada a desgraça.

Todavia tornou a fallar ao padre; mas este lhe disse, que quando tinha prometido proteger seu amor, era por ignorar que o senhor de Meudon tivesse empenhada a sua palavra; mas logo que o soube tinha sido o primeiro a dizer que seria preciso não ter honra; e ser perjuro para faltar á promessa; que por tanto não tinha outro remedio senão calar e obedecer. Elisa ouviu e collou-se, não se atrevendo a dizer-lhe, que tambem tinha escutado os seus juramentos.

O padre Anselmo era um homem virtuoso, porém demasiadamente austero; e valendo-se da influencia que exercia sobre o animo do senhor de Meudon, o tinha reprehendido de haver dado a sua palavra sem consultar antes sua filha; mas ao mesmo tempo lhe declarou, que uma vez dada, não devia faltar á ella; porque como Elisa era uma menina, e o bom homem nunca tinha conhecido a força das paixões, persuadia-se de que o tempo e as distrações lhe fariam esquecer o amor que sentia por Alfredo. Queria á Elisa como um pai, e como sempre a tinha conhecido cheia de candura e timidez, não podia imaginar que sob aquelle exterior occultasse uma alma cheia de firmeza.

Achava-se Elisa entregue á maior agitação, pois os dias passavam, e Alfredo não tinha ainda respondido á sua carta; conhecia que era incapaz de enganar-a, e persuadia-se de que não querendo acceder aos seus desejos, por isso não respondera. Pensava com remorso que Deos a castigava por ter concedido a conferencia nocturna a Alfredo, e em vão a consolava sua mãe, pois a sua saúde delicada não pôde resistir á tantas commoções, e cahiu perigosamente enferma.

(Continua.)

Zig -- Zag.

Exmas. Leitoras do sympathico Ramalhete.

Animado pelo vosso silencio, que me parece significativa approvação, apresento-me perante vós, á quem saúdo com profundo respeito, com o fim de vos entreter por alguns instantes.

Parce-me, que as leitoras tem em muita consideração o meu amigo Juca, pois facilmente annuirão ao pedido que elle á meo respeito lhes fez, e não é isso pequena gloria, quer para elle o quer para este vosso muito humilde creado.

Tambem vos deve ter admirado, leitoras, a prova de amizade, que elle perante vós acaba de dar-me, communicando-me os seus mais intimos sentimentos, não é,

assim? Eis ahí uma prova de que sou um fiel e verdadeiro amigo, porque do contrario, Juca não me teria fallado com tanta franquesa, não vos parece? Pesso-vos, que me ajudem a consolal-o, para que elle não succumba sob o peso de tantos soffrimentos!

Eu vos darei a norma nesta imperfeita retribuição que lhe faço, a qual denomino.

—GRANDEZA D'ALMA—

Meu caro Juca. Maravilhado pela sublimidade da tua moral linguagem, ainda sinto no fundo d'alma uma extraordinaria sensibilidade.

Sinto ainda muito mais, que minhas forças intellectuaes não sejam suficientes para aqui exprimir, como desejo, e é de meo rigoroso dever, um completo reconhecimento ao teu obsequio, no entretanto o farei da maneira que está á meo alcance, convencido de que minhas faltas merecerão, de todos, a verdadeira desculpa.

E' verdade, caro Juca, que tu soffres, eu o reconheço, porem, porque julgas que eu tambem não soffro?

A minha vida juvenil não tem sido menos espinhosa que a tua, Juca; iguaes embaraços tenho eu encontrado, porem encaro estes soffrimentos de uma maneira muito diferente de ti, e eis a razão porque sempre me encontras resignado.

Merece-me mui serias attensões os bellos e bem pensados trechos que citas de reconhecidos auctores: estou de perfeita combinação com as tuas bem cabidas demonstrações, mas entendo, que amando-se á vida, como é de nosso dever, é forçoso desprezar os pensamentos que só servem para destruir a existencia.

Esperança! Eis a minha fiel, consoladora, e inseparavel companheira.

Eis o meo thesouro, do qual disponho com tanta franquesa. Eis a minha fonte que nunca secca. Eis o calor que me enrijece os musculos, e eis, em fim, a minha verdadeira mãe, aquella que me fornece os mais apropriados elementos para uma completa satisfação nesta vida.

O homem, embora pobre, possuindo esta amiga, deve viver e deve amar, para considerar-se rico e completamente feliz. Quem a possui por certo não se entorpecerá em pensamentos inuteis.

Que importa o sarcasmo mofador nos labios do opulento? ... Tem, para mim, o mesmo valor que a pedra com que se concluiu a cupula de uma torre. De que pois lhe servira a immensa altura em que se achava collocada?

Eu amo, Juca, e não me passa pela ideia que alguém critique do meo amor, porque, embora assim aconteça, não me causa isso o mais leve abalo.

Só posso constantemente a Deus, que me preste vida para continuar a amar, e apreciar a fidelidade e dedicação da minha amante.

Sim, meu caro Juca, da minha encantadora morena, que talvez em pouco tempo tenhas de nos ver unidos, e então collocarei a minha alma em lugar ainda mais alto.

Impossível? ... Qual! ... não conheço essa palavra, por mais claro que m'a descrevas, senão para empregar-se neste caso: *Impossível é deixar-se de morrer*. ... ah, sim.

Convence-te, meu Jura, que a riqueza, os títulos, o mais que ha de grandesa, em vez de trazerem felicidade ao homem, trazem-lhe, pelo contrario, mil embaraços, da mesma forma que a pobreza os traz á quem não pensar desta sorte.

Desperta, amigo, e cre que em mim sempre encontrarás, se não um protector, ao menos um dedicado amigo, que sempre cooperará para a tua felicidade com aquillo que estiver ao seu alcance.

Em nada importaria uma discussão a respeito do que te acabo de expor, mesmo porque como já disse, não tenho forças para sustental-a, por isso peço-te que aceites estas palavras filhas de boas intenções e de reconhecida experiencia, que, respeitando tuas convicções, te dirige, como um linitivo á teos sofrimentos, o teu fiel e attencioso amigo de coração

Cazusa.

REMESSA

Amigo Sellarep.

Sei, que estas zangado commigo; porem não tens razão. Se contar-te o romance da minha vida presente, desculpar-me-as,—e farás de mim o mesmo juiz, que d'antes fiasas.

Admira-me, que já não tenhas adivinhado, por que não te hei apparecido, constantemente, talvez, por que não das grande apressa; porem para mim (e tambem assim para muita gente boa), é um ponto de fortuna!...

A epocha é minha, Sellarep, pois n'ella domino; As elleições são o meu principal elemento!...

Vivo, caro amigo, n'um terrivel torqueto!... que nem tempo tenho para cossar-me... é mesmo uma cousa grande!... A minha porta vive constantemente entulhada de uma aluvião de *candidatos*, que com os chapéos nas mãos, risinhos e amigos, offerecem-me o prestimo, prommettem-me as casas da India, as riquezas da *cuxinxina*, e as preciosidades que *existem* em minas, até hoje desconhecidas para nós!... que serão amigos até a morte, que na Corte serão promptos defensores dos nossos direitos e fies executores das nos-

sas ordens e desejos!... De forma, Sellarep, que presentemente não sou aquelle *Themotheo*, *qualquer cousa*; hoje sou o Sr. *Themotheo da Natividade Votante*!!...

Aquellas figurões, que antigamente por junto de mim passavão com os chapéos pregados nas calças!... são hoje os primeiros a darem-me uma comprida *senhoria*!... e a offerecerem-me os braços, para que, com elles dados, passiemos pelas ruas desta Cidade!... Ora, tu sabes, como vivo constantemente, trepado em *arvore secca*!... e se agora não agarrar-me n'um *o-so*!... tão sejo não o pilho: por que finda as elleições, evaporão-se tambem as amizades!... por que todos os *amigos presentes* ficarão *cegos, mudos, surdos*. &

Tenho tirado o pé do lodo (como diz gente pobre), pois quando vou por essas ruas de meo Deus, no meio de dous *grandões*!... é com uma prosapia maior do que a de *Jansin* levando o *Velocino*, *Pluton* roubando *Proserpina*, *Apollo* arrancando a pelle á serpente *Pyton*, *Hercules* furtando os pommos de ouro no jardim das *Hesperides*, ou *Paris* apoderando-se da Esposa de *Menelau*!!...

A toa vou dizendo que—*sim senhor*!... que serei um forte sustentador, que romperei exercitos de milhares de soldados!... abrirei caminho por entre as lanças!... dispersarei esquadões cerrados de cavallaria!... e atravessarei pelas artilherias!... contanto que as suas ideias sejo sustentadas no *totum*!...

Porque só eu não hei de ser enganado!...

Porem, voltemos á outra pagina da presente vida.

A festa da Senhora Santa Anna este anno esteve de chupeta!... A Igreja bem decorada, boa musica tanto vocal como instrumental; já lá se foi o tempo em que fasia parte da musica a rabeira do *Adacto*, encordada de barbaute!... porem, hoje, não senhor; o *maestro Honorato* capricha e é incansavel no desempenho do culto da Senhora Santa Anna; não é como outros, que falem da Casa de Deus, *meio de vida*!... com o seo trabalho vai elle todos os annos melhorando as festas!... e este anno tivemos uma exellente procissão, muitos foguetes, e repiques em abundancia!...

Huma *Guarda de Honra* da Guarda Nacional, com bandeira e *Commandada* por um *Alfores* (!!!) acompanhou a procissão!... de maneira que hoje a Guarda Nacional, principalmente nas suas *descargas*, só serve para risotas do povo!...

Não sei, Sellarep, se ja fostes á alguma das novenas de Sant'Iago?.. porem, o que te atianço é, que o director da *orchestra* é o *maestro Domingos Salgado*!... que tem o privilegio de fazer dos *beijos busina*! eu ainda lá não fui; dizem mo.

Os senhores da terra entenderão na sua alta sabedoria não festejarem o Grande dia 20 DE JULHO;

em parada!... não sei pelo que!... porém o que te digo é que elle este anno foi muito feliz, por haver cahido em vespuras de eleições!... se não de certo não havião de apparecer tantos patriotas, que o festejassem!!.... Vã lá, Sr. 28 de Julho, servindo de copo..... Alem dos partidarios, só uma meia dúzia de verdadeiros patriotas, saudarão de coração esse primeiro dia da Província, com luminarias, ou reunindo em casa seus amigos (tendo entre estes primazia o Sr. João José Alves Bszolla. Porém houverão casas de Commercio Brasileiras, que nem feixarão as portas!!.... Isto tudo vai de mal a peor!!....

A illuminação a gaz no Club na noite de 29 esteve magestosa!... e atrahio grande parte da população; assim como o baile consta estivera muito concorrido, tanto de Senhoras, como de cavalheiros, (sem cavallos), que d'este genero não dão muito trabalho em convidar, porque tem o privilegio de *adivinhar*!... a desculpar o esquecimento do dono do Baile, em convidalos!... O Barateiro deo extracção ás luvas brancas, pois lá havia grande quantidade!...

E' portador desta o meu criado *Malaquias*, rapaz *simplorio* porém de boa intole; o qual devesa levar por madrinha do chrismo, a *Febronia* por isso communica á ella isto.—

Está muito em uso os *Bonetes*, com feitiço de ovo de éma!... já comprastes d'elles?... vi na cabeça de um sujeito, que na verdade ficou cousa muito gostosa!.....

Adeos, vou á uma reunião politica, já são 8 horas—
O amigo.

Themotheo.

Variedade

CREDO

Creio nas eleições que constituem uma divindade toda poderosa, creadora de logros e dependencias; creio no interesse, um só seu filho, nossa perdição, o qual foi concebido pela falta de patriotismo, nasceu da pouca vergonha, e augmentou-se com o indifferentismo dos que tem que perder; creio em o nosso progressivo atrasamento, que preparado por meio de leis prejudiciaes, desce ao inferno cheios de vitalidade a tomar assento á direita dos sanguessugas da patria, d'onde hade vir a prejudicar, ou antes aniquillar inteiramente nossa honra e fazenda; creio no augmento dos tributos para arrumação dos alibados, na illusão que nutre o innocente povo, na communicação dos larapios, na repartição do dinheiro dos cofres, na resurreição espantosa do crime, e na desgraça eterna. Amen.

POEZIA

Com seus encantos.

Foi por ti que n'um sonho de ventura
A Flor da mocidade consumi,
E as primaveras digo adeos tão cedo
E na idade do amor envelheci!

ALVARES DE AZEVEDO.

Era bella! Nas selvas passeava,
Com a face envolta em negros mantos;
Que me resta, meo Deos? eu suspirava
Com seus encantos!...

E' feliz o dormir no collo ardente
Sentindo no coração a dor da vida,
Soltando um suspiro tão docemente
Sem tornar a esquecerda.

Não resvalando do sonho deleitoso
A linda morena a fronte erguida,
Nos patlores de um beijo amoroso
Com voz perdida:

As tuas fallas murmurão divinas
N'um ecco de saudade sem receio;
N'um querido amor languida afinas,
Em doce enleio....

Inocencia! Queres anciosa suspirar?
Que te perfuma em teo dormir;
Entre sonhos a o divino luar
Na linda face a luzir.

Que doirado crespeculo o vento banha
Nas horas silenciosas da madrugada;
Solfeando a luz sendo tamanha
Ao romper d'alvorada:

Embala as finas tranças em seus hembros,
Os facinantes olhos a debulhar em pranto
Num murmurio cauzão assombros
Com seus encantos!....

Oh! virgem os teos labios perfumados,
Exalão os aromas destas flores;
Destes bellos jardins já aquebrantados
Por suspirar amores....

1863.

J. A. Seifert.

O RAMALHETE.

Jornal Litterario e Recreativo.

A 800 réis por bimestre ou 8 numeros, pagos adiantados.

O RAMALHETE.

FOLHETIM

ELISA E ALFREDO

III.

(continuação do n. 36.)

Achava-se Elisa entregue á maior aflicção, e tinha passado uma noite terrível e desasosegada, quando pela manhã muito cedo recebeu a seguinte carta de Alfredo.

« Meo anj; ainda me acho delirando, pois sinto a minha mão humedecida com as tuas lagrimas, lagrimas precursoras de um perdão, que te rogo me confirmes. Não pude socegar, nem um só momento, conhecendo que duvidavas do meu amor, e que me julgavas infiel. Oh! não, Elisa, o serei nunca; e vou confessar-te tudo. Quiz vingar-me de ti, e os zelos me fizeram criminoso, pois vi que attendias ao que te dizia o conde, e até que o escolhias com um sorriso; de maneira que assim como eu me justifico, é necessario que tu também o fças, pois a companheira de Alfredo não só deve ser pura, mas também o deve parecer. Por vingar-me de ti me dirigi á Henriqueta, mas pega-te perdão, e juro-te que me é ella tão indifferente como todas as outras mulheres que não sejas tu, que és o unico objecto que adoro, e sem a qual me seria a vida insupportavel. E' preciso que te diga que colligi muito ao ver-te passear com o conde, e este apertar sobre seu peito um braço encantador, que eu teria disputado ao universo inteiro; observei-te muito tempo, sem que tu me visses, e por fim cheio de raiva, de zelos, e de desesperação, quiz vingarme, e não sei o que fiz; mas podes estar certa de que o fogo que me consome só o sinto por ti, e que para mim seria despresivel a vida, se tu não fosses o meu anjo consolador. Adeos, minha Elisa, Adeos. »

Ao ler esta carta, derramou Elisa copiosas lagrimas de prazer, pois o seu Alfredo estava justificado, e tornava a ver n'el o ser sublime, a quem sempre havia amado. Apreendeu-se a escrever-lhe, dizendo-lhe que a sua carta a fazia feliz, pois ficava completamente justificado; que se ella fallou com o conde, fôra única-

mente para impedir um desafio que temia, porem lhe assegurava que nunca mais lhe tornaria a causar pena, porque só a elle queria repetir eternamente as palavras, *eu te amo*.

A mãe de Elisa instava sem cessar com seu marido para que desfizesse o casamento de sua filha com o conde; pô em elle conservava-se sempre inflexivel, e conhecendo que nunca cederia a seus rogos, começou a alterar-se a sua saúde, até que cahiu perigosamente enferma, pois amava em extremo sua filha, conhecia seu terno coração, e não podia ver sem horror sua desgraça. Elisa não se separou della um momento, prodigalizando-lhe os mais ternos cuidados, mas tudo foi inutil; e conhecendo que se aproximava a sua ultima hora, antes de morrer fez que seu marido lhe promettesse não obrigar Elisa a casar com o conde senão passados seis mezes depois de sua morte; que em todo este tempo não obrigaria a vir; e que convidaria para o seu enterro a Alfredo e seu pai. O senhor de Meudon não teve animo para recusar estas promessas, annuo a tudo: sua esposa expirou passadas poucas horas, e foi enterrada conforme sua ultima vontade n'uma capella que havia no jardim da casa. Elisa entregue á maior aflicção, não quiz duxar d'a companhia até á sepultura o cadaver de sua mãe, indo vestida de preto, com os cabellos soltos, e pallida como n'uma defunta; porem o seu mesmo aspecto melancolico e triste a fazia ainda mais interessante. Alfredo, também vestido de preto, seguia o acompanhamento, e a contemplava com amor e tristeza; porem Elisa, entregue totalmente ao pesar, parecia que não via ninguém.

IV.

Temendo o conde que a delicada saúde de sua filha não podesse resistir á tanta pena, resolveu partir para outro sitio, e permanecer ali seis mezes; o conde ficou na cidade, e Alfredo partiu para a guerra, com o intento de se fazer mais digno da sua Elisa, certo de que em seis mezes não importunariam. O senhor de Meudon, fiel á promessa que havia feito, nunca fallava do conde á sua filha, e a tratava com a maior ternura; mais isto não evitava que ella vivesse submergida na mais profunda melancolia: a sua saúde ia se alterando visivelmente, e a unica consolação que tinha era de receber as cartas de Alfredo e escrever-lhe. Conhecendo que elle se fazia cada dia mais digno do seu amor, o conde confessou ao pai Anselmo, que compadecido da pobre menina, fazia quanto lhe era possível para obstar ao seu casamento com o conde, po-

rem o senhor de Meudon nunca quiz ceder a esse respeito.

Passados os seis mezes voltaria para cidade, onde já se achava Alfredo. No dia seguinte da sua chegada, foi Elisa dar um passeio com seu pai, e apenas da carroagem para fazer mais exercício, porém apenas pôda andar, tão fraca e abatida se sentia. Encontraram casualmente Alfredo, que veio cumprimentá-la, e Elisa pôde por um momento, mas instantaneamente voltou a sua costumada palidez. Achou a Alfredo sempre formosa, porém quão diferente do que era antes! Já não brilhavam n'ella o verdor e a lozanha da mocidade; não parecia senão a sombra de Elisa. Como este encontro a commoveo fortemente, apenas pôde andar mais alguns passos, pelo que seu pai a obrigou a subir para a carroagem, e pouco tardou que Alfredo os perdesse de vista.

Poucos dias depois o senhor de Meudon chamou sua filha, e disse-lhe que d'ali a um mez, isto é, nos fins de janeiro, se effectuaria o seu casamento; que fosse deixando o luto, e se preparasse para receber o conde, que n'aquelle mesmo dia lhe apresentaria como seu futuro esposo. Fallaram a Elisa as forças para resistir á dor que lhe causou esta intimação, e desmaiou: seu pai, chamou as suas criadas, e deixando-a em seus braços, retirou-se. Tornou Elisa a si, e viu com pesar que seu destino ia em fim completar-se; porém teve ao mesmo tempo a consolação de sentir que a sua morte estava muito proxima. Escreveo a Alfredo contando-lhe tudo, e prometendo-lhe que nunca seria esposa do conde; Alfredo respondeu pedindo-lhe instantaneamente uma conferencia para combinarem o que deviam fazer. Ella lh'a prometteo, mas dizia-lhe que não podia ser com brevidade. Todavia os dias iam passando, e faziam-se todos os preparativos para as nupcias.

(Continua.)

Recordar de um triste.

Folha solta.

Mulher pura e fiel não ha nem houve.

Castilho.

Estas tristes linhas que escrevo hoje, com a mão tremula, são as recordações da minha desventura nos meus amores tão ternos, e unicamente a lembrança de um passado phantastico semelhante a um eclipse passageiro.

Nunca tinha amado, nem tal pensamento tinha me penetrado no espirito. Ouvia fallar, escrever, ler, em amor, e gostava de ler e de ouvir essas illusões que cegavam os homens a um ponto excessivo. Porém confirmava-me que com semelhantes lreções meu coração havia de tornar-se inflexivel ao anjo mais encantador. Porém, ai de mim! enganai-me, e no momento em que menos o esperava, cadi e entreguei-me corpo e alma a essas illusões que rapidamente cegaram-me, caindo em luz, esbarrando com o bem e o mal, fo-

licidade e desgraça, por fim achei-me com esta ultima... pois é a mais perigosa nos amores.

Tinha eu então dezoito annos, quando um dia, ao ver uma nympha ou deidade, senti em mim uma emoção, que logo tra-fuzi por amor, amava-a com effeito, amava-a com todas as forças do meu fraco amor juvenil.

Assim veja-se neste recordar saudoso em que me dirijo a ella.

Lembras-te, Maria, quando a noite aproximava-se, e que soava a hora do descanso; eu então, no lugar do costume, vinha saudar-te uma noite feliz. Quanto gozei nestas puras entrevistas momentos deliciosos da prazeres!...

Porém lembraste daquella noite em que, recoioso e tremulo, fiz-te a confissão sincera do meu amor! Oh! aquella noite gravada está no meu coração, e jamais poderá deixar minha mente... E não sabes porque estava tremulo, não sabes porque tremia, ou dizer-te: quando um ente ou creatura de Deos ama, como sempre te amei, lhe é impossivel que n'uma revelação, como a que te fiz, não deixasse de partilhar algumas emoções: tremia sim, porque alliviava do meu coração um peso horrivel, que muitos males tinham-me feito padecer. Tremia tambem por tua honra de virgem, por tua castidade, que em folhas de lilio te ornava tão singela a fronte: tremia e temia dos maldizentes que nos podiam surpreender nesse delicto sonda toda inspiração era amor e honra. Tremia dos invejosos que podiam murchar tua grinalda de virgem com que Deos dotou-te por maior gloria neste mundo.

Por isso é que ás vezes, nas horas vagas, procuro a solidão em que reponho para inculcar-me a poesia, e com desafinadas cordas cantar na minha lyra a minha triste desventura.

E o que me deste, Maria, em troca do meu amor, em troca do juramento que disestes ser eterno? Tu correspondeste-me com desprezo e ingratição; quem havia de dizer que de uns labios tão santos havia mais tarde subtrahir-se a verdade, que para mim foi um sonho tão rapido?!... Assim mesmo não te desejo mal, nem posso deixar de reservar-te no meu coração um lugar que te tem muita amizade. Fica te lembrando, Maria, que quando tua honra for manchada em algum ponto por infamia.. lembra-te que ainda tens um vingador, que todo seu sangue sacrificará para restituir a perola que saltar ao brilho de uma tão linda corôa!

Nada mais posso efferecer-te... e quando os annos embranquecerem meus cabellos, curvarem minha cabeça, e que, sem duvida, indigente, irai acabar minha

triste vida no recanto de algum hospital, alli, Maria; alli, naquella lugar de refugio da cruel miseria, alli ainda hei de me lembrar de ti,—pois tua imagem santa e virtuosa só ha de me deixar quando Deos fiar essa existencia de amarguras e soffrimentos..

Esse triste recordar arrebatava-me o coração, lagrimas molham este papel, e a penna recusa de avançar; peço-te ainda, pela ultima vez, quando te lembrares de algum desgraçado nas tuas orações da noite, peço-te Maria, que te lembres de mim!...

E.

Zig--Zag.

Leitoras— Muitos parabens. Sei que estão muito satisfeitas, por terem começado as novenas á Santa Filomena. Eu julgo-as por mim, que assim tenho muito mais occasiões de ver a minha morena, e fallar-lhe quando ella, de proposito, desvia-se um pouco das companheiras.

Hontem lá estive, e gostei. A concorrência foi soffrível; a igreja está bem armada; a musica do côro, optima; as duas bandas que tocam no largo, soffríveis, em fim, tudo indica que a festa este anno é pomposa: haverá balão de papel na vespere logo de arteficio no dia—louvores aos juizes.

As leitoras devem hir preparando algumas joias para o leilão, pois eu já estou arranjando uma, que hade dar bom dinheiro: é um capijuba muito engraçado, que alem d'outros enfeites levara a cara salpicada, hirá muito dengoso, todo perfumado, e com um charutinho na boca!

Por infelicidade minha, tive por *espelho*, na igreja, um massante *petit maître*, que parecia estar vestido de alfinetes, por que não se conservava um só instante n'uma posição, e tanto fez que deu-me uma cotovellada em cima do relógio, e lá se foi o vidro, lucrando com isso o amigo Birbé tão somente, que ganhou-me os cubres por deitar outro vidro. E note-se que elle, segundo o que dizia a outro freguez, que lhe ficara ao lado, estava lá por causa d'uma moça..... com effeito!... Ainda ha moças que olhem para semelhantes figuras!.... credo!....

O meu amigo Juca não foi á novena por estar emcommodado. Communiquei as leitoras que não respondem aqui a elle por ja o ter feito pessoalmente, e estamos

de perfeita harmonia. Continuamos a nos estimar como dois irmãos.

Não pechem as leitoras que, por não termos passado juntos n' estes ultimos dias haja outro motivo alem do e incommodo de saúde de Juca, por não ha o menor perigo: não se assustem.

D. A... esteve muito chistosa na sua ultima esmoada. O seu mimo foi por mim muito apreciado, e agradeço-lhe tanta bondade.

Não ha motivo que me faça escurecer as boas qualidades do seu genio.

E ella sabe que eu não deo cavaco, e estou certo, de que se não me tivesse em consideração ja á muito que teria mudado, por uma regra que ha quasi infallivel, a vista de certas cousinhas.

Souu sete horas, leitoras, e eu apesar de pouco ter feito, nada mais posso fazer, visto que não devo por maneira alguma perder a novena.

Vou vestir-me ao gosto da menina: todo de branco; e como não tenho um charuto em casa, passo lá pela fabrica do Matheos, comprarei um tostão por junto, para não estar todos os dias a comprar.

Apesar da pressa que tenho, não posso deixar de diservir-vos, que está ali a companhia dramatica, proporcionando-nos meio de communicação pessoal e de extracção e o *cobro e bugigangas* de loja. Responderá tão bem algum Jornal para se encarregar da analyse dos trabalhos dramaticos, de forma seria e moderada?

Atte sempre.

Casuso.

22-8-1863.—

REMESSA

Prezado amigo Sellarep.

Agradeço-te o teu ultimo favor, que me veio encher de prazer &&&

Eu cá, meu Amigo, vou passando como Deos é servido: tendo soffrido na vida um contraste terrivel!..

Se visseis aquelle *Themotheo*, de outro dia, e se o vires hoje, admirado ficaras!... á poucos dias cercado de mil offercimentos, e amigos, e hoje sozinho, triste, abandonado inutilisado e até Setembro vindouro!..

Oh! epocha eleitoral! epocha de *igualdade* quanto és bella! pena é durares tão pouco!..

Ingratos! Ingratos! que não sabem reconhecer os favores prestados!.. Oh! corações de marmora!.. Não conhecereis já o *Themotheo*, que até hoje tem sido *invariavel*!.. que nas proximas passadas elleições conservou-se da cintura! ara cima, como um defensor *denodado* das ideias *constitucionaes*, e da cintura para baixo, um *propagandista* de *liberdade*!..

Oh! vingança!... Vingança!... pum!... que es-
p... ..

Mas é bomfeito, Sr. *Canta Gallo*, é bom feito, não
se melesse a *rabequista*, pois tão bom é Pedro come
Paulo!...

Ora, Sim Sr., passemos agora ao que mais interes-
sa.

No dia 24 principiarão as novenas de Santa Philome-
na, que este anno são com muita pompa e esplendor.

A Igreja está ricamente adornada e com gosto deco-
rada: e no adio todas as noites das 7 à 9 1/2 horas
disputão a palma duas excellentes bandas de musica!..
tornando mais agradável essas horas de passatempo,
uma soberba Lua!..

Nem outra coisa era de esperar, da pessoa do juiz,
o Sr. Porto, pois é Maranhense chibante, e gila pre-
dilecto da epocha! por isso não havia deixar de mos-
trar o seu bello gosto às *nossas huryrs*, de quem dizem
ser um Garibaldi denodado!

Consta, até, que, para mais abrihantar a festa tem
elle posto todos os carros, caleças, tilburis, e Omnibus
de sua cocheira, gratuitamente, à disposição dos fiéis
devotos!... isto, é que é saber fazer festa; eo mais é
historia!...

As primeiras novenas não tem sido muito concor-
ridas, pois, as madamas do bom tom, estão se reser-
vando para as ultimas. Ah! meu amigo, já eu me
estou lembrando dos colloquios e conquistas, que la
se hão de arranjar!... apesar da terrivel poeira, que
aproveita a um pobre christão!..

Os *fidalgos Cascaes* de Oco meu amigo, abundao, e
pelejo para ganhar os louros da festa!.....

Hontem houve espectáculo no novo S. Luiz, po-
is já cá se acha uma Companhia dirigida pelos distin-
ctos Artistas, Francisco Colas e Couto Rocha...

Sou de opinião, *Sellarep*, que devemos prestar a
esses Artistas Brasileiros todo o apoio e coadjunção,
mormente sendo o primeiro filho deste nosso abenço-
do terrão; e que tantas vezes tem mostrado o seu talen-
to profissional em quase todas as provincias do Impe-
rio, tirando de sua bem affixada Rabeca (e tambem
de outros instrumentos) sons que ellevão a alma té as
regiões do impossivel!...

O Segundo, já por nós foi aplaudido com frenetico
entusiasmo, cullendo no Palco Maranhense os devi-
dos louros ao seu merito artistico, nos diffieis papeis
que representou nos *dramas*, *Chigi*, *Trabalho e hon-
ra Torre de Londres*, *Jocelin* e outros muitas &c.

Ochala, que elles sejam felizes, pois que tendo pro-
tecção, merito lhes não falta.

Quanto á *Pão Chinez*, meu amigo, já provei, não
é la das piores cousas; comquanto a sua apparencia
seja em tudo semelhante á uma *rodilha* ou *rosca*..
porem, valá.

O tal *Raymundo Vagoroso*, é um preguiçoso...
há occasiões, que me faz perder a transmortana: quan-
do me traz as tuas cartas é sempre com muita demor-
ra!... porem o que se hade fazer, quando elle só
galla na sua *família*!.. e nos seus *haveres*!... he
um massante terrivel quando começa com os seus mas

porem *ensummas* &c!.. Faz-me lembrar aquella cons-
tante frase, de um nosso conhecido — *Maiormente
quando eu perco insummas*. —

Adeos, até d'hoje á 8 dias, que estamos na semana
que vem.

Lembranças do Malaquias á *Fibronia*, e diz lhe,
se elle por ahí tem algum *gatinho*, que mande-me,
pois preciso muito.

O amigo.

Themotheo,



Convidão-se a todos os amigos, parentes e conheci-
dos, dos fallecidos *Gymnazio*, *Janota* e *Insulano*,
para assistirem uma missa por alma desses finados;
que lhes manda dizer o seu collega *Ramalhete*; no dia
1º do presente mez pelas 6 horas da manhã, na Ca-
pella de N. S. das Barraquinhas.

O. D. e C.

A meu Amigo A. V. N. Cascaes.

Não a ames.

Mancebo attende! não prossigas louco,
Nesse caminho, que te vaes perder,
Inda da vida tens logrado pouco,
Não queiras breve, sem gosar, morrer.

Não vês ao longe? do horizonte o extremo,
Como negreja, que nos faz horror?!
E um oraculo divino, supremo,
Que te desvia d'esse louco amor.

Essa dei fade de belleza extranha
Que possuio-te d'um amor sem fim;
Sua belleza, já não é tamanha
Que faça um homem requesta-la assim.

Ella ora outr'ora d'uma alma pura,
Onde se via vergin fade, encanto;
Mas hoje nella já não ha candura,
Só ve-se astucia, mergulhada em pranto.

Não ves um lago quando o sol ardente
Nelle se mira tão brilhante e puro?
Lança-lhe um seixo, que no fundo assento,
Eo branco lago ficará impuro.

Eis seu retrato: teu amor tão cego
Por essa ingrata, não te faz sentir,
Não deixa ao menos que te mostre o pógo
Em que aui breve deverás cahir!

Assim, mancebo, não prossigas louco,
Nesse caminho, que te vaes perder;
Inda da vida tens logrado pouco,
Não queiras breve, sem gosar, morrer.

Cadete.

18—Agosto de 1863.

Maranhão—Typ. do Commercio de Augusto Vespasi-
cio Nunes Cascaes.

O RAMALHETE.

Jornal Litterario e Recreativo.

A 800 réis por bimestre ou 8 numeros, pagos adiantados.

O RAMALHETE.

FOLHETIM

ELISA E ALFREDO

IV.

(continuação do n. 37.)

Elisa parecia olhar tudo com indifferença, triste, porém resignada; e seu pai, seu pai ao vê-la tão doente e melancolica, sentia algum remorso, mas dizia consigo mesmo: « Logo que casar, as distrações a restabelecerão, e lhe farão esquecer tudo. »

Alfredo repetia sem cessar as suas supplicas, para que Elisa lhe concedesse uma conferencia; porém ella sempre lhe respondia, ainda não é tempo; porque tendo consultado consigo mesma, estava certa de que lhe restavam tão poucos dias de vida, e que a dôr tinha feito marchar a flor da sua existencia na primavera da vida. Na véspera do dia assignalado para o seu casamento escreveu a Alfredo, que ás duas horas da noite poderia faltar-lhe junto á capella, em que estava o sepulcho de sua mãe; e confessou o seu segredo ao padre Anelmo, dizendo-lhe que sabia de certo que ia morrer, e por isso desejava fallar a Alfredo, para pedir-lhe que sempre respeitasse seu pai; rogou-lhe que nunca abandonasse este moço, e que o protegesse e aconselhasse; assegurou-lhe por fim, que depois de fallar com Alfredo voltaria logo á casa para receber a benção de seu pai, e estava persuadida de que pouco depois expiraria. Encheram-se de lagrimas os olhos do bom velho, que confessou Elisa, deitou-lhe a abolição, e a acompanhou ao quarto de seu pai; a quem ella de joelhos pediu lhe lançasse a sua benção. Assim o fez elle, e deu-lhe um amoroso beijo na testa. Desgraçado! Quão longe estava de pensar que não tornaria a vêr sua filha viva!

Retrou-se Elisa, rogando ao ecclesiastico que ficasse acompanhando seu pai, e dirigio-se para o sitio do encontro.

Quando Alfredo recebeu a carta de Elisa, julgou que não tendo já outro meio de livrar-se do odioso himeneo com o conde, estava resolta a fugir da casa, e preparou tudo para este fim; com tudo seu coração lhe

presagiava que Elisa, a pura Elisa, nunca daria um passo semelhante; e encaminhou-se para o sitio indicado com o coração traspasado de dôr e de incerteza. Achou Elisa orando de joelhos diante da capella, vestida de branco, com um véo na cabeça, e exactamente vestida da mesma maneira que a primeira vez que a viu; porém que differença! Então estava Elisa cheia de vida, e prometendo amor e ventura; h. ja era apenas a sua sombra, parecia um anjo que ia deixar a terra para voar ao céu, sua patria. Alfredo aproximou-se, e Elisa olhando-o com ternura lhe disse:

— « Ajoelha, Alfredo, e ora comigo pela alma da minha mãe. »

Alfredo obedeceu, e ella continuou:

— « Agora pela minha... e pela tua... »

— Como! exclamou Alfredo. Em que pensas, Elisa? Tu, cheia de vida... ?

— Olha-me com attenção, Alfredo, e diz-me se esperas que eu possa viver. »

Observou-a Alfredo com attenção, e ficou atterrado. Elisa proseguio:

— Não te afflijas, Alfredo: sei que vou morrer, e por isso te concedi esta ultima conferencia.

— Não pronuncies tão palavras: vem comigo; tudo está disposto para fugirmos, e a felicidade de que vamos gozar, te restituirá a saúde e a vida.

— Alfredo, estás louco? Falias de vida e felicidade? Não te disse lá muita tempo, que a felicidade não podia existir a par do crime? Ouve o que vou dizer-te, em quanto me resta alguma força, e promette obdecer-me. Respeita sempre meu pai; perdão ao conde todo o mal que nos tem feito, dá na as tuas paixões, que só assim poderás unir-te para sempre com tua Elisa. Vou ao céu esperar e rogar por ti. »

Cansada do esforço que acabava de fazer, sentou-se; e d'ahi a pouco disse: « Sinto frio, e é o da morte. »

Alfredo fôra de si pegou-lhe nas mãos, e achou-as geladas.

— Promettes-me fazer o que te pedi, lhe perguntou Elisa.

— Tudo te prometto; porém se morres, minha Elisa, como poderei deixar de seguir-te! »

Ajoelhou-se novamente Elisa e disse-lhe:

Adeos, Alfredo, eu morro. Me Deos, chamaí-nos a vós... » E expirou sem poder pronunciar mais palavra.

Alfredo a contemplou por muito tempo immovel, e pela primeira vez deu em sua encantadora fronte um terno e casto beijo. Levantou-se depois de repente como em delirio, tomou-a em seus braços, dirigio-se ao

palácio, atravessou varias salas, e chegando ao quarto do senhor de Meudon, que estava conversando com o padre Anselmo, lhe apresentou o cadaver, dizendo-lhe: « Senhor de Meudon, eis-aqui a vossa filha condessa; mandai preparar o altar, e chamar o futuro esposo. »

O desgraçado pai não podia acreditar o que estava vendo; olhou um momento para Elisa com olhos espantados, e depois abraçou o cadaver estreitamente, dando gritos espantosos, e pedindo perdão á sua filha, arrancava os cabellos. Alfredo em té via com prazer o tormento do auctor de seus males, e no meio da sua dor sorria-se de o observar tão desgraçado como elle mesmo. Aproximou-se então a elle o santo sacerdote, e sem desanimar pelas suas repulsas, lhe disse:

— « Alfredo, tem compaixão d'este infeliz pai. »

— Ter compaixão d'elle! E porque a não teve elle de mim? E és tu, sacerdote do Eterno, que intercedes por elle, quando talvez terás uma grande parte em minhas desgraças? Vai-te, deixa-me, ou teme o meu furor, se me queres privar do unico prazer que me resta, que é o da vingança, e o de presenciar a dor do meu assassino.

— Desgraçado! recorda-te de Elisa, e dos conselhos que te dava. . . .

— Que dizes. . . ? Não me lembres seus ultimos preceitos. . .

— Devo afirmar-te, que se não perdoares, estarás separado d'ella por toda a eternidade, como o estive na terra.

— Que ouço? Eu separado da minha Elisa por toda a eternidade? que queres que eu faça?

— Arrepende-te do mal que estás fazendo a seu pai, e abater o teu orgulho. »

Alfredo sem responder, pôz-se de joelhos junto do cadaver, e com os olhos cheios de lagrimas, exclamou: « Perdoa-me, Elisa; perdoa-me, anjo do céu, haver-me tão depressa esquecido de minhas promessas. Vou fazer por ti maior sacrificio que pôde consumir o coração do homem, humilhar o meu orgulho, e abraçar o meu inimigo. E tu, religião sublime, conforta-me em tão terrivel momento. »

Volto-se e vendo o pai de Elisa que chorava, foi lançar-se nos seus braços, e lhe disse: — « Perdoa-me, e sê meu pai; porem melhor pai do que foste para a minha Elisa. » O velho o abraçou, e queria pedir-lhe perdão de joelhos, mas Alfredo não o consentio, dizendo que só a Deos e Elisa devia pedir perdão.

Elle permaneceu ao lado de Elisa até o momento, em que a levaram para a sepultura. Ali quiz ajoelhar, e beijar a mão do cadaver; mas seu coração não pôde resistir aquelle espectáculo; Deos, chama-me para vós. » E cabio sem vida.

Enterraram-no ao lado de Elisa, e desde então seu pai, entregue á mais profunda aflicção, retirou-se totalmente do mundo, e foi terminar seus dias n'uma casa de campo solitaria. O pai de Elisa encerrou-se n'um convento, onde passou o resto da vida entregue á penitencia; e o padre Anselmo occupou os poucos annos que lhe restavam em consolar e socorrer os desgraçados.

F I M.

Zig - - Zag.

Sympaticas Leitoras do *Ramalhete*, Juca comprimenta á V. Excs., e pede licença para dizer alguma coisa.

Dezejo escrever coisa que agrade: sobre amor? Nada; já é materia velha!... politica?.. Nossa Senhora me defenda!...

Então o que será?...

Tudo já está tão velho e seio, como promessas de amor em labios de mulher!...

Oh! viade em meu auxilio para intelligencia, já tão fatigada como a moça coquet depois de um baile!...

O mais notavel é: que o Juca foi ao Theatro!...

Porem será do agrado das Leitoras, que eu tracte do theatro, dos *Zig-zags*?

Tenho paciencia, Leitoras, a *musa* hoje não me quer conceder outra coisa!...

Não importa; mandarei amanhã o *Ambrosio*, de porta em porta a saber se gostarão!...

Se o contrario acontecer, deixarei de escrever.

Traze-me o caximbo *Ambrosio*. — Porem aquella de pura espuma de mar, de tubo de pau de cereja, e bocal de ambar!...

Quero fumar... e escrever... para assim esquecer a dor do coração!...

Nada!... não quero *conhaque*!... isso interrompe-me as ideas!...

Só desejava agora, a meu lado, ora a mulher, a quem amo!...

Porem tenho a sua doce imagem pintada na imaginação!...

E isso consola-me um pouco!...

Já hoje se pode viver sem muito aborrecimento.

Temos uma excellente Companhia Dramatica, que nos proporciona horas de agradável passatempo!...

Na noite de 25 de Agosto subio á scena pela 1ª vez o drama *Dalilla*.

O drama é excellente, bem escripto e de muita moralidade, basta pertencer a eschola moderna para ser tido em grande aprego.

O que apreciamos hoje em scena é o amor adquirido por sympathia, ou virtudes, e não por pontaladas ou duellos!!...

Ainda que muitos *sabixões* digão, que não vão ao theatro, para não ouvirem, no palco, conversas e bo-
mens de varões!...

Quanto ao desempenho, Leitoras, nada deixou a desejar, pois os papéis estavam devidamente distribuídos !...

A Sra. Dona Eugénia Camara, no seu papel, deu provas de uma excellente atriz: muita naturalidade, sympathia, porte bello e elegante; somente o seu dialecto é que desagradou um pouco, porém essa falta desaparecerá com a sua estadia entre nós.

Não sou, Leitoras, levado por más paixões; a minha bussola é a verdade, por consequencia direi, que o meu juizo ainda se acha suspenso, sobre D. Manoella e D. Eugénia: não sou como muitos, que no 2.º acto, onde na lá se podia dizer a respeito desta, já fazião um juizo temerario.

D. Manoella, é uma Actriz de merito, D. Eugénia, no seu primeiro papel, recommendou muito o seu talento.—

No 3.º acto, na scena que tem com André, onde lucta com o amor e o capricho da mulher orgulhosa, esteve sublime !... No 5.º acto brilhou e foi muito applaudida, e ali revelou grande somma de talento artistico: disfarçando o cynismo e a perfidia com o amor e a amizade !...

O Sr. Furtado Coelho veio realisar as nossas lisongeiras esperanças, pois fazia-se a seu respeito um juizo mui vantajoso, á vista da aureola que o cerca !... É um grande Artista !... Enfim Furtado Coelho é um Genio creado por Deus para o Palco !...

A naturalidade, muita mimica e bella figura reune excellente voz, e tudo contribue para ser considerado.

É escusado dizer, que elle brilhou no seu papel. No 5.º acto, a Scena entre elle e André, e depois a posição que toma, quando é surpreendido pela Princesa, é de arrebatador ! arrancou freneticos e entusiasticos applausos dos expectadores: finalmente a noite foi delle.

O Sr. Lisboa mostrou ser um excellente Artista, no seu papel de galan trabalhou bem, e com muita naturalidade: houverão scenas em que esteve sublime, tocando as raízes do pathetico !... esteve insuperavel no 6.º acto.

D. Lavina, com quanto fosse a primeira vez que trabalhase, em palco desta ordem, comtudo esteve esperancosa; se aproveitar a escolla que hoje tem, para o futuro sera uma boa atriz.

O Sr. Raymundo, ainda que o seu papel não estivesse muito a caracter, comtudo não andou mal.

A Platéa! pandio o muito no final do quarto acto; quando teve o panno de ficar preso em um dos bastidores.

Com quanto julgassomos já aposentada a Sr.ª D. Castiga, (que já deu pancas aqui) todavia a ella achase tam-bem contractada, e então ainda teremos de applaudil-a, por que é uma atriz de merecimento.

A reforma no senario é altamente reclamada, pois vistas ha completamente arruinadas.

A vista do senario do 2.º acto, que representa a sala de um theatro, estava indecente, em algumas partes o papel fora substituido por nodos !... A do 4.º acto tambem estava de igual maneira.

A orquestra é uma das melhores que tem tido o nosso theatro; porém o que é muito preciso, são produções novas e interessantes, que pelo novidade mais delectem o publico !...

No dia 27 houve repetição do mesmo drama, com o adjunto d'uma scena comica—*Não volto ao palco*—desempenhada pela Sra. D. Eugénia: não andou mal; porém antes quizeramo-la ver no seu verdadeiro traje e caracter, pois assim é bella; não necessitando hir pedir ao alheio sexo os seus habites; por que o seu dialecto e admanas em nada se compadecem com uma comsaca !... Porém assim mesmo esteve xistosa, e deu realce á mesma scena.

A *vasante* d'essa espetaculo não foi lá muito animadora... porém se attender-se, que estavamos nos fins das novenas de Santa Filomena, desculpa plausivel acharemos.

Maldicto Ambrosio espivita esta vella, que não encherge nada !...

Forte somoo !...

De certo que não nasci para chronista !...

Parece-me já estar ouvindo as minhas Leitoras dizerem—*«Outro officio, meu Juca—»*

Pois bem, as minhas Leitoras, indicar-me-bão um que seja mais aproveitavel.

Ambrosio, vai perguntar a minha F... se ella vai hoje ao theatro ? e diz-lhe, que as saudades que tenho por ella são excessivas !...

Juca.

REVENSSA

Meu Thomptheo, Adeos. Bem mal alinhavadas vão sahir estas poucas linhas que hoje te dirijo, por me achar muito atarefado e com algum encommodo na minha saude. Tu vaes bem, não ? ora estimo.

As saudades que ainda conservo da festa de Santa Philomena é justamente o que me encomoda. É preciso notar-se, que nem tudo ali me agradou, pois não sei quem poderia gostar do amotumado sermão da vespera, que tantas nauseas me fez ! Tão bem esteve bem estragando o tal fogo de chão; não porque

a idea fosse má; porem o effeito!..... ch!... pessissimo! Calenla, Themotheo, como ficarias onde tivesse estourado o Sujo! A lefentina que exalava do tal fogo composto de enxofre e alcaidão, era para afogar, e —muita gente retirou-se, como eu, á tossir por todas as juntas do corpo: consequencia da tal extravagancia!....

Antes o pau de sebo!... sempre é cousa que tem premio e valle á pena, a lambuzadella que o freguez leva quando trepa, que em vez de estragar a saude pelo contrario conserva-a.

Mas... Pondo de parte o que não prestei, houve muita cousa boa. O Balão por ex:—á pesar de ser cousa já muito rançosa entre nós, esteve bom, principalmente quando ao encher a pança fez apparecer o justiceiro letrado, em letras gordas —*Viva o juiz!*—

Consta-me que o author foi condecorado com uma melalha de meia pataca, d'aquelle que se costumava trocar alli ao pé da porta do Lyceo... tu sabes.

Assim, nhô Fernandi...

Porem, Themotheo, Quem poderá negar o effeito que produz nesta festa de arraial em vestida de cambrá branca e um chapeo de palha de Italia?.... E quem poderia ver, se o ficar com dores de barriga a rir-se, á uma velha que junto ao seu amado gongonbira admirava a belleza das lagrimas d'um foguete, quando umas faiscas cahirão-lhe sobre o afunilado chapeo de crina, que servia de capa a uns quatro cabellinhos que de resto tinha na enrugada cabeça, e que ambos trabalhavam para apagar o fogo sem que o chapeo descobrisse a tal preciosidade?..... Foi pena não arder o tal chapeosinho, por que realmente havia de ser muito intrissante o effeito!...

A tal noite foi um completo contraste das outras noites de novena. Houve pancada, desgostos, apertuchos, gente perdida, falta de gente, e gente de mais. Quando eu me retirava para casa, Themotheo, encontrei-me com uma velha, que por não ter achado espaço na Igreja e nem ao largo, tinha comprado e accendido uma vella de vinem e fazia fervorosamente uma alta oração no meio da rua, sem se emcommodar com o barulho e rebolição do povo, carros &c. Será bom que todas as velhas se mirem n'este espelho, e não vão se replantar no meio do largo, de chapeo na cabeça e com a protecção da noite querendo passar por gente.... fora as velhas!... fora!

Heide perseguitas, Themotheo, e tu?.....

Ora agora dar-te-hei a minha opinião sobre o Theatro. A companhia com quanto se resinta da falta do Thomaz Espiaca é com tudo muito boa. As chronicas publicadas nos jornaes a respeito do espectáculo, são justicieras, porem deixarão de esclarecer ao publico que Daila foi escandalosamente cortada; que a vista do ultimo acto não é a que manda o auctor, e que foi suprimido o verdadeiro desfecho, o mais apreciavel do drama. Eu o tenho e posso fornecer-t'lo para melhor te capacitares do que digo. E não achas que não é lá muito conveniente emendar-se o pensamento do actor do drama?... não seria melhor que tivessem escolhido um outro drama bello e moral, e que não fosse preciso cortar-se, para não deixarem á tanta gente em jejum?.....

Isso é logico. Mas o que valle é não estar presente quem o escreveo, por isso,.....

Corre como certo que vão levar á scena a interes-

sante Saloia. E' bom; nós ainda não a vimos; é cousa muito nova; a concorrência hade ser de arramba! principalmente se tiverem a fraca idea de a repetirem.....

Os nossos amigos empresarios são muito sympathicos, porem o gosto da estrêa.... e estou certo que acharei maioria na minha opinião.

Ades, Themotheo—são horas de hir ver a minha amada, que naturalmente já estará com dor nos peitos de tanto debruçar-se na janella para ver-me de longe.

Estou resolvido a comprar um bonet de casca de ovo, por que, á noite, s'breja muito, e d'ora em diante andarei sempre com tres lenços para emprestar aos amigos.

Lembranças aos fiampubos, e adeus, amigo, até para o anno.

2-9-63.

O amigo.
Sellarep.

UMA MANHÃ NO RIO DE VIANNA

Clara está a manhã, se quer a brisa
A's copas das palmeiras remoreja.
Já se erguendo do leito Phebo aurato,
A terra com seus raios embelleza.
E em auriverde ramo o pararinho
Um hymno divinal aos ceos envia.
Eo rustico, inclinado caminhando,
Para o trabalho vai e a enxada ás costas.
E a donzella, os cabellos penteando,
Se enleia ora com o cantico das aves,
Ora com as flores mil, multicoloras,
No casal paternal com mão profusa
Espalhadas. Daqui e d'ali no sitio,
Mil arvores fructiferas verdejantes,
Voluntarias os fructos seus off'recem
N'algum viajante que cansado
A' sombra de sua cópa obriço buses....
—Navegão rio abaixo, rio acima
Botes, lanchas, caróas, cascos tudo
Que em placidas agnas correr pôde.
Ah! que homem, que mulher, que creatura,
Campones, cidadão, salvagem, bruto,
Pode isto contemplar sem extasiar-se?!...
Manhã, bella manhã, como és sublime!
Como breves parecem horas que passa,
A contemplar-te e extasiar-me em vertigo!
Enfim não ha termos que te elevem
A alto como quere.. Mesmo assim,
(Sou pequeno, é verdade, pouco importa.)
Para todos os homens que terra
Viverem, e tuas bellasas conhecerem,
Levate-hei ao sublime como exigem
O meu pouco talento e pouca idade.
(Por um joven soldado Viannense.)

Maranhão—Typ. do Commercio de Augusto Vespacio Nunes Cascaes.

O RAMALHETE.

Jornal Litterario e Recreativo.

A 800 réis por bimestre ou 8 numeros, pagos adiantados.

O RAMALHETE.

Com o presente n. principia o Sexto Bimestre, deste jornal.

Entra hoje o RAMALHETE no 6.º Bimestre de sua existencia; com quanto esta pareça pequena, todavia não ha sido ephemera ou ingloria.

Os modestos canteiros cultivados e tratados com cuidado e esmero tem produzido diferentes e raras flores, de variegadas cores e olores, sem que estes, por improprios ou excessivos, hajão offendido a vista ou o olphato: é por tanto, sem controversia, o nosso RAMALHETE, assim tão matisado, variado, deleitante, instructivo, e sobre tudo innocente e moral.

Bem poucas vezes adicionado com flores (extractos) extranhas, porem estas bem escolhidas e lindas, mostra-se o nosso RAMALHETE digno do cultivo que tem, pois de seus proprios canteiros hão sempre sahido novas flores (artigos), dellas naturaes; e por isso a originalidade é um dom mui sufficiente, para que elle tenha encontrado o acolhimento e distincção, que tanto o ennobrecer: e é a continuação desse acolhimento e distincção, que elle hoje pede á sua Amabilissimas Lectoras e valiosos Assignantes: certos uns e outros, que esta Relação envidará todos os seus esforços para sempre bem merecer d'elles a estima de que até hoje tem gozado.

FOLHETIM

O MONGE VINGATIVO.

Em uma das melhores povoações dos campos de Roma havia um convento de frades, vulgarmente chamados *Monges negros*, o qual estava em grande veneração, visto que todos os religiosos, que o habitavam,

passavam por varões santos, cobertos de virtudes, e dotados de todas as boas qualidades. Não era ali admittidos senão peccadores convertidos, ou desventurados, q' tivessem sido victimas de grandes desgraças: de sorte que a contrição de um lado, e a resignação do outro tornavam indispensaveis a estes monges os efficazes soccorros da religião. Assim, quando mesmo alguém havia commettido uma granle falta, e mesmo algum enorme crime, era aos pés dos de um Monge negro q' ia depôr as suas culpas, bem persuadido de q', tendo elle mesmo conhecido a fragilidade humana, usaria por isso de mais clemencia com um ente vicioso, e arrependido.

Uma tarde quando, as portas do convento hiam fechar-se, e não restava na igreja senão um unico religioso, q' levantando-se do seu confessorio se recolhia a de-cantar; um homem alto, magro, de uma cor livida, se lançou aos pés deste religioso, e beijando o seu habito com o maior fervor, lhe pediu, supplicando que o escute por um momento no tribunal da penitencia. En vão o monge lhe expõe que é tarde, que faz muito frio, que já se não vê na igreja; o estrangeiro insiste. Acabava, disse elle, de levantar-se de uma doença perigosa, durante a qual fizera o voto, se melhorasse, de vir confessar-se a um *Monge negro* naquella mesmo dia, que era o anniversario de outro em q' commettera um grande crime, de que pretendia aliviar a sua consciencia.

O religioso cede em fin as suas instancias; mas apenas o penitente tem começado a confissão dos seus peccados, que o monge cahiu accommettido de horribes convulsões, e exclamando: « Grande Deus! É possível!... Que horror!... Furias do inferno, e ainda não abismais este malva to! »

O penitente assustado pelo repentino accidente, que atarara o bom padre, não sabia o que fize-se; estavam só; não havia ali pessoa que podesse socorrê-lo... Elle toma enfim o partido de ir tocar a campainha da portaria do convento: acode o porteiro: « Correi a igreja, lhe diz o desconhecido, um dos vossos religiosos foi assaltado repentinamente de um accidente, e lá está sem sentidos. — Oh! meu Deus! responde o porteiro, é sem duvida o santo padre Cypriano; todos os mais religiosos já estão recolhidos. »

O estrangeiro, persuadido de que a enormidade do crime, que revelara ao bom padre, fôra a unica causa do seu desmalo, se não deixa apparecer novamente a seus olhos. Retira-se O porteiro corre á igreja, onde encontra com effeito o padre Cypriano, que tendo recobrado os sentidos, exclamava ainda em desacordo: « Onde está elle? Que é feito desse miseravel? — Quem, meu padre? — O monstro. — Pois que! seria

o mesmo desconhecido, que me foi avisar, quem motivou o vosso accidente? A' estas horas já elle estará daqui bem longe. . . Porém que tendes, meu padre? — Sustenta-me, Silvano; ajuda-me a subir até a cella do prelado. »

O porteiro sustem o desfalhecido monge, e o conduz á cella do prior, que de joelhos orava com a maior devoção. « Que tendes, padre Cypriano, lhe perguntou o bom velho, mal que o vê entrar: vossas feições estão alteradas; pareceis soffrir muito. . . Sentado vos. — Preciso fallar-vos em segredo, meu padre, fazei que fiquem os sóz. »

(Continua.)

REMESSA

Mon Cher Sellarep. Comment vous portez vous? bien? j'ai soui fortaise!

Desculpa este frastado, (que é francez) arranjado provisoriamente para te comprimentar.

Não sei, se já te disserão, que, no domingo (27) fez-se a festa de Santa Severa, precedida de novenas; que, porém, muito magrinhas estiverão este anno! . . . As madamas, não quizerão embellejar com as suas presenças aquelle pittoresco e aprastível logar (o do Largo de Sant'Iago) durante o novenario! . . . Curioso, indaguei a causa de semelhante diserção feminina: e fui informado, que essa ausência era motivada, somente, por todas aquellas, hi, curro. . . — por que era uso, e D. Fulana também assim hia —

Os paes, das taes meninas, que sabem comprehender as necessidades da epocha, homens praticos do mundo. . . mostravão com argumentos o bem solidos, que á pé o passeio se tornava mais apreciavel, baratinho e prosaico por as meninas, a nada; attendião, e antes deixavão-se ficar em casa! . . . lastimando-se da sorte, que assim as obrigava a somente cuverem o rodar das segas! . . .

Os paesinhos, mui satisfeitos, ganhavão os — Quatro mil reis . . . alem do mais. . .

Vê, meo Sellarep, como são exigentes as taes meninas, que nem ao menos attendem ás criticas circumstancias dos pobres paes! . . . querem tudo e por tudo, sem se darem ao trabalho, de primeiro verem o estado financeiro das algibeiras paternas ou maritais.

Na auto-vespera, foi quando as cousas mudarão de figura! já houve gente! . . . E desde então estive mesmo no pinaculo da loucura, tomando uma chavena de café! . . .

A vespera esteve concorrida, gasei de grande prazer por ter o feliz ensejo de apertar as niveas mãosinhas da minha encantadora F. . .

Mr. Ferdinandi soltou um bojudo balão, filho de sua fertil imaginação! . . .

O Domingo foi verdadeiramente para mim, um dia feliz! . . . Contemplei a minha bella, que, descansou-me completamente! . . . Trajava um simples vestido de cambraia de mimosas e pequeninas flores azues, com zuaço de igual fazenda; peninho branco e bordado; com manguitos também bordados! . . . Estava mesmo uma santinha, meo Sellarep. Fez-me lembrar logo essa bella Poesia do immortal Alcares de Azvedo! . . .

Sim — Coroemos as noites
Com as rosas do hymeneo;
Entre flores de laranja
Serás minha e serei teu! . . .

Sim — quero em leito de flores
Tuas mãos dentro das minhas, . . .
Mas os ciros dos amores
Sejão só as estrellinhas,

Por incenso os teos perfumes,
Suspiros por oração,
E por lagrimas, somente
As lagrimas da paixão! . . .

Dos véos das noivas só tenhas
Dos cilios o negro véo;
Basta do collo o seim
Para as Madonas do Céu!

Eu soltarei-te os cabellos. . .
Quero em teu collo sonhar! . . .
Hei de embalar-te. . . do leito
Seja lampada o luar! . . .

Sim — coroemos as noites
Das laranjeiras c'os flors;
Adormecemos n'um templo,
Mas seja o templo do amor.

E' doce o amar com os anjos
Da ventura no hymeneo;
Minha noiva, ou minha amante
Vem dormir no peito meo!

Dá-me um beijo, abre teos olhos
Por entre esse humilde véo;
Se na terra és minha amante,
E's a minha alma no Céu! . . .

A' tarde d'esse dia, aluguei nma janella na rua da festa, para melhor apreciar tudo, o q' era de bom e de melhor! . . .

Vi muita coisa boa, gazei de bellos olhares! . . . Vi muitas carradas de gente! muita impostura, muita vaidade! . . . e muita asneira também! . . .

A' noite houve gente de mais! . . . também lá estive, para ver o fogo de corda! . . . ainda que não estivesse com muita vontade, pois fazia uma ideia de que seria uma semelhança do fogo d'agua e fumaça de Santa Filomena! . . .

Nada te digo a respeito d'elle, porque não o vi; limpava os olhos, que estavam cheios de poeira quando o fazião andar . . . e quando enxerguei alguma coisa,

já todo estava acabado—Foi mesmo n'um abrir e fechar de olhos!...

Em todas as noites da festança houve pancada!... Pois os *meninos de bonets* se querem mostrar as suas bellas debaixo do nome do defuncto *Sancho Pança*.

As docinhas, isto é as vendedeiras de doce, estão muito zangadas com a apparição dos *roletes*!... porque hoje é somente o que comprão os *Garibaldes*!... por ser mais *commodo*... e custar um maciúbo 20 reis!...

Na segunda feira, ainda houve festa, musica e pancada?... porém eu lá não fui!...

Dou-te parte que, a ideia do cazamento domina hoje completamente!... todos se querem cazar!... Velhos, que antigamente viamos beatos, com os braços alertos, e com grossas contas nas mãos, são hoje cuitos!... Trocarão as contas e orações, pelos carinhos da mulher!... Deixarão-se de punitencias e estações, para mergulharem-se nã—*Delicias de Capua*... Ah!... Velhacos!...

De sorte, *Sellarep*, que já me estou enfardando, para algum *Concento*!... porque hoje a epheia é de certos velhos!...

Fico certo de que me dizes tendente á gloria... não admira, que elle tenha a sua *empaphia*!... quando *Lord Caquinho de espelho*!... a tem e muito, outros!... E isto de gloria, meu amigo, são cousa bem tranzidas e tranzitorias!... o tempo as desfaz, como o ultimo alento do gaz no queimado pinculo do fio da lamparina... Desejava dizer-te alguma couza sobre o theatro, porém já vai esta muito longe: ficará para outra vez...

Recommenda-me ao amigo *A. R.*, e diz-lhe, que gostei de ler no *Ramalhete* a sua *Chronica Theatral*... está muito justiceira e boa, porém que se não espiche tanto.

No mais, adeos, sou o teu amigo—

7br. ° — 30 — 63.—

Themotheo.

— — —
Sr. Editor do Ramalhete.

Meu compadre e meu vizinho, *Zé Bispo*, me tem constantemente fornecido os numeros do seu agrada vel *Ramalhete*; os quaes tenho lido e gostado fanaticamente, a ponto de querer ser seu assignante; para cujo fim vai inclusa a importancia do bimestre corrente, pois não quero ser como muitos, assignantes de meia jôta. Se sua bondade, Sr. Editor, me for propicia; rogo-lhe de inserir no seu *boquet* estas minhas linhas, e bem assim a missiva, que dirijo ao meu amigo *Sellarep*, pois com isso ficar-lhe-ha sempre grato.

O teu assignante
V. Arierep.

Amigo *Sellarep*. Com quanto compridas leguas me separem de ti, tenho lido, (graças á bondade do meu compadre *Zé-Bispo*) os teus escriptos no *Ramalhete*, que me tem dado no jôto, como se diz por aqui, não só pela clareza de linguagem, como chisto com qua são elaborados. Quando nestes longiquos e ermos lugares a saudade me entristece, lanço mão do qualquer numero do *Ramalhete*, e *záz*, leio um dos pedaços escriptos pelos *Zuzas*, e fico as gargalhadas. O que, porém, nunca me sai da lembrança, é ver que em todos os teus artigos fallas em tua *feliz morena* com tanta satisfação, quanta amor, (assim o julgo). E's muito feliz! Poderia eu dizer outro tanto de mim, mas qual, sempre o maldito azar intromette-se nos meus namoros.

Tenho, no curto espaço de 3 annos alcançado aqui 2 namoricos, que julguei a principio fossem da *felizes desfechos*; mas qual... ambos forão-se, como vão as baforadas do meu sarrento cachimbo. Deeterminei contar-te estas minhas façanhas amorosas; como? era o que não me occorria á ideia, comerei primeiro em proza, e nada consegui. Afinal, já zangado, amarrei o meu pensamento em feixes de 4 em 4 linhas, chamei-os versos, e t'os remetto. Vê por elles como não é feliz quem passa por decepções taes; ouve:

Lindo anjo, que adorei,
Mui depressa me deixou!
A inimiga e cruel Parca
A sua vida cortou.

Uma dura pedra esconde
Seu corpinho delicado,
Esse todo tão perfeito
Por divina mão formado.
Os seus olhos, os seus labios
Para sempre se serraram;
O bello som de sua voz
Que meus ouvidos gozaram.

Tudo, tudo terminou
Esse golpe inopinado,
Com que firme me feriu
A crua lei do meu fado!
Sobre a campã d'esse anjo
Hoje triste se deviza
Os cyprestes balouçados
Pelo bafejo da brisa.
N'esse ciclar medonho,
Triste como o peito meu,
Só ouço dizer ao longe—
A tua amada morreu.

Ora vê, amigo, quando estava eu já a amarrar-me com essa alma, tão cheia de encantos e virtudes, veio a Sra. morte, e com seus pezinhos de lá metteu-se em casa desse anjo, sem mais cerimonia levou-o, ficando eu por muito favor com os meus amores.

Chorei um mez inteiro; mas como não tinha oceano na cabeça, seccou o pranto, e logo, sem mais *aquelle*, resolvi-me a procurar outra namorada: achai-a; porque é o que hoje abunda no interior do Maranhão. Mas, meu caro, o que havia succeder-me neste outro namoro? Quando a cousa estava bastante adiantada, a menina pôe-me um olhar terno e fascinador, leva os delicados dedos aos labios, quando eu espero que ella me atirasse um beijo.... (não sei de

hoje como o contej disse-me ella, meu tolo... babão... fiquei eu petrificado... a amante por outro apaixonada, com elle tinha fugido.

Por aqui facilmente conhecerás o quanto tenho sido feliz nas fileiras de Cupido. A este facto, (que é mais recente, fiz o mesmo que ao outro, para contar-l'o, e eis o resultado:

Era amei ardentemente
Um anjo, á terra vindo,
Entre os anjos, esse anjo
Era o mais puro, o mais lindo.

Esse anjo do meu peito
Ara sacra possuía,
Por elle a chama d'amor
Em meu peito mais crescia.

Seus amores, seus affectos
Com sua alma me offereou,
Mas foi fútil, foi perjura,
Suas promessas fouteu.

Era eu louco, estava cego,
Em mal-a eu só pensava,
Mas, que amava uma mulher
A cegueira me occultava.

Fui desprezada por ella,
Fui por ella aborrecido,
Por isso só quero agora
Ser de todas esquecido.

Para os bosques vou contente
Milha desliza occultar,
Vou esquecer-me do mundo,
Para nunca mais amar.

Esses peccados fictícios,
Juramentos desleaes,
C'os namoros se sepultem
Nos abysmos infernaes.

Eu não devia terminar assim esta pequena quadra, pois o namoro não teve culpa do que succedeu-me, o justo era castigar-se ao culpado, e diria eu neste caso: Co'as mulh... & porém não; pode ser que ainda eu caia n'otra, e não quero que as moças me deem o ludibrio em compensa do que tenho soffrido... nada, nada, vou-me despreso, que não falla, pagar pelo peccador.

Ah, meu amigo, estou cansado de escrever, e nada fiz, que se aproveita. Não sei se a bondade do Editor do *Ramalhete* chegará para conceder suas columnas (do *Ramalhete* está entendido) a este meu desalinhado aranzel; se consentir por esta vez, prometto-te ser constante em noticiar-te o que por aqui occorrer. Tenho sympathisado comtigo (já trato por tú,) e por isso to aconselho, que tenhas muito cuidado com as meninas, pois que as cousas não estão para graças.

Adeos recebo o abraço de teu amiguinho

Aqui, 26 de 7br. °
de 1863.

V. Aricrep.

A' uma flor.

Diz-me, oh linda roza,
Porque murcha assim estás,
Tu que tão bella ha pouco
Estavas no teu rosal.
Quem é? diz-me, oh roza,
Que tão mal assim te faz.

Mancebo, eu vou contar-te
Qual tem sido a minha vida;
Ja fui bella, hoje estou murcha
E por ninguem sou querida;
Só tu me guardas, mancebo,
Dir te hei a minha vida.

Eu hontem ainda era bella
Inda tinha meigo odor,
Não sentia inda os ardores
Desse sol abrazador;
Era qual treiga donzella
Que palpita por amor.

Era bella, era vaidosa
Pois era mimoza flor,
Era um botão mui querido
Do bardo, do trovador,
Era bella, era vaidosa,
Pois era mimoza flor.

Eu me ostentava orgulhosa
Na minha haste pendente,
Mais bella do que a lua
Como ella resplandecente;
Eu me ostentava orgulhosa
Na minha haste pendente.

Mancebos mil me querião,
Me offerocião seus carinhos,
Porem a todos mostrava
Que era cercada de espinhos;
Mancebos mil me querião,
Me offerocião seus carinhos.

No outro dia, mancebo,
As folhas todas murcharão
As minhas grandes vaidades
De todo se acabarão;
No outro dia mancebo
As folhas todas murcharão.

Veio o rijo vento norte
Veio por terra derribar-me,
Vi extinguir-se meus dias
De todo vi acabar-me
Veio o rijo vento norte
Veio por terra derribar-me.

Assim como o viver da flor
E' o viver da donzella,
Que se ostenta vaidosa
Em quanto está pura e bella;
Assim como o viver da flor
E' o viver da donzella.

Quando, porem, dasprece
Esta terrivel illusão,
Quando a belleza se extingue
E vem a realidade então,
Ficão como ellas esquecidas,
Sem que sintam mais paixão,

Setembro
de 1863.

A. de Mattos.

Deixamos de publicar a *Chronica Theatral*, neste numero, porque quando nos foi enviada já estava composto o *Jornal*.

Maranhão Typographya do COMMERCIO de A. V.
Nunca Cascaes

O RAMALHETE.

Jornal Literário e Recreativo.

A 800 réis por bimestre ou 8 números, pagos adiantados.

O RAMALHETE.

FOLHETIM

O MONGE VINGATIVO.

(Continuação do n. 41.)

O porteiro retira-se; e o monge depois de haver recebido do prior um cordial, que lhe restituiu um pouco as forças, tomou a palavra nestes termos:

« Oh! meu respeitável amigo, vós que haveis tido a bondade de conceder-me toda a vossa confiança, fazendo-me a narração das desgraças que atrevessaram a carreira da vossa vida; deveis ter-me accusado de vos não retribuir com uma igual confiança, contando-vos a historia da minha vida. Eu a julgava pouco capaz de excitar a vossa curiosidade; não havia eu toda ella senão um acontecimento, terrível para mim, e verdade, porém muito ordinario, e que por desgraça é ta acontecendo todos os dias a mil outros. Eu não sabia toda a extensão do meu infortunio; hoje somente a conheci. Sim foi ha pouco que o deus vêo, que me occultava o fatal abismo, cahio para sempre de meus olhos; e bastou este só momento para espelhar sobre o rosto da minha vida a desesperação, e o implacavel desejo da mais atroz vingança. — Que dizeis, padre Cypriano! ... Oh! descobri-me depressa o Vosso coração. — Ten-te a bondade de prestar-me toda a vossa attenção e ajudai-me depois com vossos conselhos. »

« O meu nome de familia é Saint-Morin. Meus pais foram nobres, ricos e titulares. Eu ainda muito moço quando perdi minha mãe: seu esposo jurou não tornar a casar-se, para se entregar inteiramente aos cuidados da minha educação. Logo que tiquei a idade da razão, fez-me abraçar a carreira militar, que elle havia também seguido, e na qual eu servi de maneira a merecer a approvação dos meus chefes. Contava meu pai, no fim da campanha, fazer-me desposar uma rica herdeira; porém amor dispôz de outra sorte do meu coração. Um official do meu regimento, com quem eu contrahira amizade, querendo defender a minha vida em um combate, cahio morto a meu lado; e como por sua morte deixasse pobre e desamparada sua esposa e uma filha, pedio-me, antes de expirar,

que servisse de protector á desvalida viuva, e de pai á infeliz orphã. Eu lho prometi pela minha honra, e logo que me vi livre, corri á casa do madama de Estré (esta era o nome da viuva), na intenção de franquear-lhe a minha bolsa, e offerecer-lhe a minha protecção. Entrei com effeito em sua casa, e a encontro affogada em lagrimas, e entregue ás mais pungentes dôres: a seu lado estava sua filha, uma joven... mas que digo! Eu julguei ver um anjo, um anjo baixando do céu... A tristeza espalhada por todas as suas feições, a ternura com que consolava sua mãe, davam á sua bella figura um tom de melancolia, q' a tornava ainda mais encantadora. Eu quiz fallar; não pude: minha lingua estava presa, e os meus olhos fixos e immoveis sobre o objecto que tinha prendido para sempre o meu coração. Tendo-me madama d'Estré interrogado, balbuciei em fim o meu nome, e algumas palavras intelligíveis, e fui recebido com as maiores attensões. Fiz as minhas offertas: a minha bolsa foi recebida, porém collheu-se o meu valimento para obter-lhe do governo uma modica pensão em recompensa dos serviços de seu marido.

Que vos direi eu, senhor?... Visitava todos os dias a adoravel Emilia, e fiquei tão perdidamente enamorado, que regentei todos os brilhantes partidos, que meo pai me propôz. Pouco tempo depois tive a desgraça de perder este bom pai. Apesar do meu justo sentimento, estimei ver-me senhor de minhas acções, e casei com a minha Emilia, que parecia corresponder da sua parte ao meu excessivo amor. No primeiro anno do nosso himineo deo-me um filho, que ella mesma quiz amamentar. Eu a adorava cada vez mais, e nada podia fazer-me crer, que seu coração estivesse impellido á meo respeito. Alguns mezes depois do nascimento do meu filho, Prinville, joven official do meu regimento, a quem a mais intima amizade me havia unido desde a infancia, e de quem até então havia sido quasi inseparavel, foi obrigado a partir para America, onde o esperava uma successão inesperada. Elle se arrancou de meus braços derramando uma torrente de lagrimas de ternura e de saudade.

Esta ausencia, de que se não podia prever o termo, espalhou uma oppressão de tristeza em o interior da nossa familia, que elle animava com a sua presença, espirito, e torante assiduidade. Comtudo outro incidente veio fazer diversão á nossa justa pena. Obligado a reunir-me ao meu regimento, que estava de quartel em Bordeaux, eu propuz a minha esposa se quera acompanhar-me. Ella accousto, e eu tencionava offerecer-lhe os maiores divertimentos naquella cidade,

nile a reunião do grande numero de filiaes devia dar lugar a grandes bailes e continuas festas. Com effeito divertimo-nos muito nos primeiros dias; mas bem depressa eu julguei que a minha Emilia se tornava cada dia mais triste e pensativa: ella mudava visivelmente, e posto que prodigasse sempre os mais ternos cuidados a meu filho, parecia com tudo esquecer-me, não me mostrar já a mesma ternura, tratar-me, em fim, com desagrado. Este procedimento despertou a natural viveza do meu genio, até ali adormecida pelo amor: confesso que lhe fiz algumas arguições assaz fortes, as quaes me respondeu com aquella aspereza, que caracteriza sempre a indifferença no coração de uma mulher. Eu procurava em vão os motivos que poderiam ter occasionado esta rapida mudança. Pensei que, criando seu filho, estava continuamente em um estado de padecimento, que deveria causar-lhe estas irregularidades de caracter. Procurava então entre os estranhos as consolações que não encontrava em minha casa.

(Continua.)

—O PARAIZO PERDIDO—

Depois desta tempestade chamada *homem*, fez Deus esse iris chamado *mulher*.

Foi a coroa da bananica como o iris é o diadema do céu.

Inspirada pela serpente, beijou Eva a maçã prohibida, e d'aquelle beijo nasceu o peccado.

O peccado é uma trindade: mulher, serpente e maçã.

Quer dizer: mundo, diabo, e carne.

A mulher é discipula da serpente.

O homem é discipulo da mulher.

Elle o ensinou a amar e a perder-se.

O primeiro sorriso da mulher significa amor, e o segundo morte.

Depois do relampago, o raio.

Atraz da rosa, espinhos.

Eva ao dixer o paraizo, voltou o rosto banhado em lagrimas e deu-lhe o ultimo adeus.

Seu peito exhalou um crebro suspiro.

As lagrimas da mulher são sempre para o homem como um raio de graça.

Adão ao vel-a chorar chorou tambem.

A porta do paraizo havia Deus collocado um anjo como a espada flamejante.

Lá dentro reinava o silencio e a solenidade.

Adão contemplou Eva.

Sobre uma bella fronte radiava a aureola da desgraça.

Não se atrevia a erguer os olhos, e a duvida espedaçava seu angustiado coração.

Adão tomou-lhe da mão, e disse:

« Se Deus me restituísse o paraizo perdê-lo-hia pagando outra vez. »

E o proscripto achou o caminho do desterro atapeado com as flores de um novo Eden.

Desde então o amor é um paraizo em miniatura que trazemos no coração.

Mulher, serpente, arvore da vida e da morte, sciencia do bem e do mal, relampagos e raios, rosas e espinhos, sorrisos e lagrimas, suspiros e adeuses.

Tudo ha nella.

Até o reflexo da maldição que nos condemnou ao trabalho, ás dores e á morte.

Mas que nos deu em troca a esperança.

A esperança da redenção.

A serpente pisada por outra mulher.

Tudo ha nella. Toda a tragedia do paraizo.

Até o anjo com sua espada flamejante nos diz em letras de fogo, quando volvemos os olhos ao passado,

« Aqui não ha esperança. »

Até a voz intima que simulando a de Adão nos diz.

« Se Deus me desse o paraizo, trocá-lo-hia mil vezes pelo amor de uma mulher. »

Que importa o paraizo ?

Tenho-o no coração, da mesma sorte que o proscripto leva no seo a imagem da patria. Ext.

REMESSAS

BOLETIM THEATRAL.

Tic-Tac.

Empreza — Lucia Didier — Filha de Gringolet — Casamento Singular — Esmeralda — Justiça !

Qual o motivo porque a empresa nos não tem dado dramas de força ? Não os haverá no theatro moderno ? . . . Ah ! já sabemos qual a razão ! . . . falta uma dama de força ! D. Manoella ! D. Manoella ! . . .

Dar bons dramas só promette,
O empresario aos assignantes
Porem o cumprimento depois
Da promessa fica distante,
Dois dramas do repertorio
Na presente assignatura
Os motivos disto tudo
Digão os sabios da escriptura

Ah ! ah ! ah ! ora esta, charissimas Leitoras, eu a fazer versos ora desculpem ! sim ! por favor ! . . . porque

Para versos se fazer
E preciso ser poeta,
E segundo dizem os velhos
Se precisa ser poeta.

Então ? onde vai Sr. Empreza ? Digam-nos cá

quando chegará a Sra. D. Izabel Nunes. Quando teremos um centro, de cuja falta tanto se ressen-te a companhia? Esperai! vem e n. qualquer destes vapores! — e os vapores vão e vem e o publico espera sempre!

Quem se fia em empresario?
Não tem mesmo que fazer!
Pois que dar é o que lhes custa,
Mas não custa prometter.

Lucia Didier—é um drama familiar bonito mas cheio de muitos contra-sensos—citaremos um dos mais salientes: por exemplo: o marido tão zeloso da sua honra, que não deixa a mulher retirar-se para casa de seus pais, temendo que por esta forma se divulgue a sua deshonra, cujo resultado ia tambem recahir sobre sua filha; é o mesmo que no meio da confusão e do ruido de um baile declara sua mulher infamada! De que morreu a Lucia? Esperamos pela estatística.

Paulo Didier—(O Sr. Furtado) Dizendo que o Sr. Furtado Coelho se encarregou da execução desta parte é dizer, que ella foi muito bem executada.

Lucia Didier—(D. Eugenia Camara) Permittão, charissimas Lectoras, que ao fallarmos de partes desta ordem, lancemos algumas lagrimas de saudades em lembrança d'aquella eximia setriz, que schando-se entre nós está retirada do palco—a Sra. D. Manoella Dama das Comelias—Suzana—Pedro—Bertha &c.—Quem te viu e quem te vê—Ora esta pois deve ser em quando não me esqueço do que estou tractando! Como ia dizendo... Em fim não gostamos do trabalho da Sra. D. Eugenia, sobre tudo da morte! De que morreu? Como morreu?... Ora morreu de... ora nem ella mesmo sabe de que morreu! Como morreu? Morreu como um carneiro ou como um leão? Não! Então como? Ora morreu como se morre em *Chandernagot*, que ainda depois de morto se *epichão* os braços e inteiricção-se as pernas.

Martin—(o Sr. Lisboa) Trabalhou perfeitamente; o typ. estava bem copiado, só lhe notamos um pequeno defeito—o andar—que mais parecia de um velho decrepito do que de um homem de meia idade.

Alice—(a Sra. D. Lavina) Para uma principiante trabalhou muito bem, e se o ensaiador continuar a confiar-lhe partes desta ordem, e ensignar a com paciência, poderá conseguir fazer ver no nosso theatro quanto pode a vontade e a vocação, quando auxiliada por artistas como o Sr. Furtado Coelho!

Sarzane—(O Sr. Bahia) Que havemos de dizer? Como analyzar? Não queremos nem desejamos offender o Sr. Bahia; mas só lhe tiremos que estas partes não são para elle, porque *nem tudo são para todos, nem todos são para tudo*, e que o Sr. Couto Rocha andara muito melhor na parte. Por que não a fez?

Champagne—(O Sr. Teixeira) Satisfez perfeitamente o seu papel, e deixando ou por outra atirando para traz das costas com alguma exaggeração, de que costuma munir-se quando vem para scena, conseguirá ser um perfeito artista.

A Filha de Gringolet—O Casamento Singular. Nisto sim, confessamos francamente a Sra. D. Eugenia é inimitavel. Os Srs. Lisboa e Vicente coadjuvarão perfeitamente a Sra. D. Eugenia na primeira. A musica é bella e faz honra a seuuctor.—Na segunda as Sras. D. Eugenia e Rosalina e os Srs. Vicente e Joaquim Camara trabalharão perfeitamente. O Sr. Camara se não tivesse feito a sua entrada no tal—*Capote*—não teria o seu credito abalado. A Sra. D. Rosalina! Ah! quem te viu e quem te vê!

A Esmeralda—A não ser a musica podemos dizer francamente, q' o drama não é drama. Nessa noite couberao as contas ao Sr. Lisboa que salvou o drama!..... Este Senhor Lisboa é encyclopedico! E' galan, centro, boixo-comico &c. &c. E o caso é que em tudo se sabe bem! E que tal o maganão!.... Ah! esqueceriamos perguntar, porque o Sr. Furtado Coelho não fez a parte de *Claudio Frollo*, que segundo nos informarão foi por elle executada em S. Paulo? Seria para não deitar abaixo os seus bellos bigodes.... Ora qual, não acreditamos.

A Justiça—E' uma mimosa producção de Castello Branco—neste drama todos andarão bem a excepção da Sra. D. Eugenia, que não serve para chorar!

Adeus, adeus que é tarde;
Vamos ver o que se faz,
E pergunte ao empresario
Quando nos chega o Thomaz.

Adeus até para a semana.

O Januario.

Bons dias, Themetheo.

Eu não tenho andado bom, Graças a Deus.

Li com attenção a tua última missiva, e d'ella estive inteirado.

Minha amada *Morosa* gosa, como sempre, de perfeita saúde e tranquillidade, e continua a ser perfumada com o fume do insensu, que eu quotidianamente a ella quero!... isto é muito bonito, não achas!... falls, meu cara de casmurro!... aposto que estás com as mãos frias de ciúmes... Pois eu, é tratinho que não posso. Um destes dias montei a cavallo e larguei-me a todo panno, atraz d'um bicadinho d'es-se bicho, e não fui capaz de arranjar nem uma pitada... já vejo que nunca hei de ter a *desdita* de o possuir.

Tem havido muita coisa para noticiar-te, porem estou certo de que já vou tarde, para dizer-te que houverão bailes de *misturadas* e outros divertimentos muito proprios da epocha... sabes? ... *Juvenis vellos*....

Nesta data escrevo para a roça ao nosso aprecivel V. *Ariep*, e a carta é concebida nestes termos:

—Amigo novo—Não calculas como fiquei ao ler tua interessante cartinha!...

Tenho a lamentar-te pela maneira porque estreaste os teos namoricos, e se me quizeras ouvir, d'ora em diante seras mais feliz, fazendo como eu.

Não prestes a menor attenção á moça alguma, porque se ella é rica olha sempre como quem não quer olhar, e contrafazendo a sua propria opinião, finge desprezar o rapaz pobre, e se ella é pobre, quer parecer rica acotando o peito de pescada, quando não sente no estomago senão *finosa*....

Agora, vira-lhe tu as costas, e verás que em poucos dias uma negrinha, te batorá á porta com um bilhetinho, dizendo:

Aqui está o que sinhasinha mandou p'ra *suncé*, e mandou dizer que *suncé* não te esqueça, e que te agradeça o ingrato... isto é certo como ter morrido o *Nevés*.

Aqui pela cidade então isto acontece sempre, por conseguinte, se não estiveres desposto a aturar essas desconhecidas matulas, vem para cá que tudo te darei, casa, cama, meta, e facilidade para arranjaras quantas namoradas quizeres.

Por esta vez pouco me estendo, por falta de tempo, e espero que a resposta desta seja a tua presença aqui. Adeos vou conversar um pouco com o *Themoteo*, que deve estar á minha espera, e depois dar o costumeado passeio da rua da *Phehu*.—Sou como sempre—&.

Então, *Themoteo*, o sujeito virá ou não?...

Eu creio que o temos por ahí breve, e havemos de carregar com elle para o theatro e influir-o á recitar uma poesia a Joaquim Camara, quando for á scena—*Um Casamento Singular*.—

Adeos ahi... Saudades á F....

O Amigo.
Sellarep.

Como eu te amo.

L'Amour n'a pas de sons qui puissent l'exprimer:
Pourtant réveille sa langue il faut, il faut l'aimer.

Lamartine Médit:

Eu te amo, como amo a primavera
N'um jardim vicejar formosas flores;

Como ao brando ciciar da pura brisa,
Que em seu doce gemer traduz—amores.

Como eu amo ver a lua melancolica,
A' scisma do Porto cuidadoso;
Como eu amo depois de negro noite
Ver o sol vir surgindo—luminoso!

Como eu amo ver a estrella da manhã
Percorrer o setim azul do espaço;
O sorriso de uma virgem m'ui loça,
A' innocencia infantil em seu regaço.

Eu te amo, como o ver a natureza
Espandir sobre nós, seus bellos dons,
Como eu amo no ideal ver a belleza,
Da voz sonora, harmoniosos sons....

Amo-te, Annica, como amo a vida
Prenha querida que a natura deu;
Como eu amo modular um canto dino
Cuja harmonia no espaço si perdêa!

São. Luiz, 1853,

Outubro 20.

C....J....

Inda és mais bella.

A EXM. = SNR. = D. MARIA & C.

A lua no Oriente despontando
E todo o azul do céu, de luz banhando,
E' bello que extazias;
Mas teos olhos, tão negros, tão formosos
Langando assim olhares duvidosos
São mais bellos, Maria.

A brisa sibillando na roseira
E' bella a contemplar-se, é tão fageira
Que dá-nos alegria;
Mas se acaso ella ondea os teos cabellos,
E' mais bella de ver-se, são mais bellos,
Teos cabellos, Maria.

A aurora quando brilha luminosa
Fazendo o horizonte cor de rosa,
E' cheia de magia!
Porem, um teu sorriso gracioso
Tornando um infeliz esperançoso
E' mais bello, Maria.

A Sultana que cheia de encantos
Atrahida, das aves pelos cantos,
Passeia na Turquia;
Não tem no seu egar tanta meiguice
Como tu, que tão cheia de lédice
E' tão bella, Maria.

A lua, a brisa, a aurora, ou Sultana
Que julga-se mais bella, e que d'ufana,
Se mira todo o dia,
Não possui como tu, tanta belleza,
Nem pode possuir tal singalleza
Que t'iguale, Maria.

31-10-63.

Cadete.

Por falta de espaço deixamos de publicar um interessante artigo, assignado um *Solitario*. Queira o nosso amigo desculpar-nos.

Maranhão Typographia do COMMERCIO de A. F.
Nunes Carraes

O RAMALHETE.

Jornal Litterario e Recreativo.

A 800 réis por bimestre ou 8 números, pagos adiantados.

REMISSÃO

Tic-Tac.

BOLETIM GERAL.

Theatro — O folhetinista do anno passado e o deste anno — *Jacome Ulysses* — *Epidemia*, *Festividade dos Remedios* — *Moça-Rica* — *Vinho novo* — *Bertha*.
— Fim. —

O Theatro esteve fechado e assim conservou-se até hontem, que teve lugar o beneficio da actriz D. Eugenia Camara! beneficio! palavra magica para a beneficiada, e terrivel para o publico.

Lemos um dos folhetins da *Coalição*, e não gostamos de ver a maneira pouco delicada com que nelle é ridicularizada a escola antiga.

Não podemos ler sem revoltar-nos quatro palavras ali encaixadas a esmo para offender ao Sr. Germano.

Volta ao theatro Germano,
Emprezaio torna a ser,
Que esses que hoje te offendem
Elogios te não de fazer.

E demais a que escola pertencia essa eminente artista, cuja perda a patria deplora! O inimitavel João Caetano? Pertencia a escola da conversa? Não. Pertencia a escola antiga, e por consequencia em respeito a memoria do artista rei, não deveria ser ridicularizada a escola antiga; e isto por alguém que se julga um portent! em negocios de theatro.

O anno passado o Sr. Germano era o artista rei, o genio, o inimitavel & este anno o Sr. Furtado Coelho é tudo isso. O anno passado a Sra. D. Manoella era a artista sublime, sem igual, este anno a Sra. D. Eugenia é tudo isto e mais alguma cousa.

Não são mal cabidos aqui, os versos do poeta francez:

Chapeau bas! Chapeau bas!
Gloire au marquis de Carabas!

Artista rei! Genio!!! Palavras reumbantes!!
Seam bem! agradam! O que entenderá este sugento por artista rei, genio &!

Entendemos que artista rei é aquelle, que tanto trabalha no Drama antigo como no moderno, na alta e baixa comedia, na tragedia &.

Ah! já sabemos porque elle não entende assim:

Este presente ainda está,
E' preciso elogiar!
As botas lhe não de metter
Quando elle se ausentar.

D. Manoella! Voltai a scena, trabalhai no nosso theatro, e vereis todos elles embora contra sua vontade) curvados perante o poder magnetico da eminente artista!

Vinde, vinde, grande artista,
Vinde o palco a brilhar,
Vinde vel os com justiça
Mil honrores tributar.

Jacome Ulysses. Acha-se entre nós e em estado pouco favorecido da fortuna, este celebre magnitizador, que antigamente trabalhou no nosso theatro. Consta-nos que alem dos conhecimentos de prestidigitação e magnetismo, elle possui muitos outros.

Ulysses pelo protecção, para arranjar meios de ir á Europa, reclamar direitos que lhe pertencem, annuncia-se um espectáculo em seu beneficio, com um trabalho de physica diversita inteiramente novo nesta cidade; com o muito apreciavel trabalho de magnetismo e o drama mais applaudido pelo publico; e até as sete horas da noite tinham se vendido o grande numero de 80 bilhetes.

Que protecção.

Proteger aos que precisam
E' de um publico generoso,
Concedei aos que reclamam
Vosso auxilio poderoso.

Imitação.

Uma grande epidemia tem invadido ultimamente esta capital; ella destroe e mata (moralmente) a todos que ataca, e tem chegado a tal ponto que produziu uma cegueira completa na policia; ataca de preferencia os filhos familias, que incautos se deixão levar pelo canto da serena; arrastando-os muitas vezes a miseria e ao.....

A epidemia segund'o nome que lhe dão os medicos chama-se **O RELITE**.

Fugi! Fugi todos! O mal é grande e as consequências peores! Fugi, já que aquelles a quem compete fazer parar a acção terrivel desta moléstia dormem reclinados em coxins de velludo.

Desta grande epidemia
Que destroe a moralidade,
Fugi todos! oh! fugi!
Não perca a dignidade.

Festividade dos Remedios.— A festa esteve muito concorrida e animada, nas novenas, alem dos cantores conhecidos, cantou mais o Sr. Lisboa, e no dia da festa a Sra. D. Eugenia Camara.

O largo estava cheio de barracas, restaurantes &, em um dos quaes existião diversos divertimentos innocentes como *pacau, trinta e um, oreto*, &.

Ah! Maranhão! Maranhão! estaes peor que o Pará!

Ora isto é muito caçar com a policia.

No dia da festa houve fogo artificial, o qual em parte esteve soffivel; porem algumas peças houverão cujo effeito não se pôlão ver, porque era só fumaça.

Para as letras tu nasceste,
Pega na pena e tinteiro:
Enriquece a poesia
Deixa de ser fogueteiro.

A festa correria tranquillamente a não ser algum barulho havido na tal casa dos innocentes.

São muito innocentes
Os que vão jogar,
Só tractão dos tollos
O cobre apanhar.

Houve tambem um baile, no qual apa recarão excellentes typos e onde ainda se dançava pela *escola antiga*... a do Neves..... com pulos..... e no qual houve um *sogro*, que abriu o queixo e cantou com uma *maravilhosa voz*, interessantes e novas modinhas.

Um heuve que na dança
A todos admirava,
Outro heuve que no canto
Ao publico extasiava.

Assistimos hontem ao beneficio da Sra. D. Eugenia Camara: sempre julgamos que a enchente fosse maior... era qual.... mais *forão as vozes do que as notas*.....

Historia de uma moça rica—.. Drama moralissimo em 4 actos. O enredo do drama cifra-se no casamento de uma moça rica com o Sr. Magalhães, ca-

zamento de conveniencia. O tal Magalhães depois de haver-se casado e empolgado o dote de Amelia, amancebrou-se com uma escrava, que desrespeita sua senhora, e quando esta usando de energia quer fazer respeitar a sua dignidade, é brutalmente repellido e maltractado por Magalhães, que apoia a escrava. Amelia tendo esgotado toda a paciência chama a Alberto seu adorador, e com elle foge da casa de seu marido. No 3.º acto, Amelia faz com que Magalhães vá a um baile de mascarar e lá na presença de seus adoradores e de seu marido conta a sua vida com elle passada, e a sua vida de prostituição. Frederico, amante de Amelia recolhe-a para a casa de sua mãe, e lá, depois de a ver regenerada e offerece-se para seu esposo e é por ella recusado; finalmente o dr. Roberto restitue a Amelia sua filha.

Quanto seria melhor que o autor fizesse que Amelia quando abandona seu marido se recolhesse a um convento ou a uma casa de familia; e puisse a mulata, causa da discórdia havida.

Corrige-se e emenda-se a mimosa produção do Sr. Castello Branco— **A Justiça** — e deixa-se passar impune a *moralissima* Moça Rica.

E' o theatro moderno.

Oh! tempora! oh! mores.

Amelia (a beneficiada) trabalhou bem em algumas scenas, n'outras, como na scena do 2.º acto com o dr. Roberto, e na do 4.º com Frederico, não gostamos. Continuamos a insistir, que nem tudo é para todos, nem todos são para tudo.

Ah! D. Manoella! D. Manoella!

Braulia— (D. Lavina) Uma unica palavra a joven principiante, brihou.

Baroneza de Pereripe— (D. Emilia) Seio.... Silencio! Deixe passar a velhusca com a sua nova linguagem!... Ora vá fiar.

Dr. Roberto— (O Sr. Furtado) Esteve inimitavel sobre tudo na scena em que ouve a narração de Amelia! E' um grande artista no theatro moderno.

Magalhães— (o Sr. Couto Rocha) Trabalhou muito bem. Este Sr. Couto tem muito geito para os papéis do traidor.

Frederico— (o Sr. Lisboa) A parte nada vale com tudo este Sr. deu-lhe bastante animação.

Vieira— (o Sr. Raimundo) Não esteve lá grande cousa, não!

Desculpe... mas havemos dizer a verdade... Ah! Anjo e Demônio.

Alberto— O Sr. Bahia— Tambem não foi lá dos melhores, não senhor...

Henrique— o Sr. Augusto— Uma só palavra— Es-pichou-se.... *Côcordô*!.

Arthur— O Sr. Leite— Logo conversaremos!

O Sr. Camara nas suas duas partes esteve soffivel e na scena comica não andou mal, com quanto esta seja uma verdadeira *promuda*.

Bertha! ... A Bertha! Ora deixemos de Bertha.

O ponto! Tomou uma parte activa em todo o espectáculo, trabalhou por todos! ... gritava como um possesso.

Figas... Figas!

Adens até para a semana,
Que eu agora vou á villa;
Veja porém se é certo
Que para cá vem a Camilla.

E o Thomaz?

O Januario.

SENHOR EDITOR—Si permittir a inserção do artigoinho abaixo, de minha propria lavra (não admirando isto, por saber-se que não possuo terras; mais o carpina tambem pode lavar, inda que não use continuamente do officio, variando em servente de pedreiro &); será recebido no seu jardim modestamente conhecido e nomeado *Ramalhete*, mais um concorrente para o seu bouquet semanal, como por bondade costuma acceitar tantos provindos de jardins diversos e mesmo de leitões incultos: floresinhas, colhidas em espinhaes, junto de rochas, no cimo de terrenos aridos & (que em tudo as há): tanto a sua bondade se compraz com as flores, as avas e respeito. Eu tambem... Porque ellas... ah! meu Deus... as flores, são a alegria da natureza: tudo que é flor, é novidade, é belleza, é cheiro, é meio para o util, o fructo, que é o bom fim de tudo.

O seu n. 41 me agradeu, pois muito gostei da remessa do amigo *Themotheo*, assim como da correspondencia do seu novo assignante *V. Arierep*, boas poestas; e tal chiste nesta achei que quasi começo agora por as mesmas palavras (imitar o bom): meu compadre e meu visinho *Zé Bispo*; mas diabo... não tenho um compadre de tal nome! E não gosto da menira.

Não sou ainda assignante do *Ramalhete*, e o leio; então sou dos leitores de meia cara; fica visto... e esta! Mas a culpa é do entregador que talvez deixa em vazio algum pagador, e vem dar-me um numero do seu jornal das moças... os infelizes lá tem uma ventura!

Porem deixe estar que inda o serei: deixe-me desinvenhar de uns compromissos, que hoje ha tantas subscrições para liberdades de escravos (ora eu amo a liberdade cujos valores os senhores não determinão logo para os hir esticando a seu modo; ha publicações, folhetins, obras de litteratos &), é uma aluvião de boseca dinheiro.—Serei assignante do *Ramalhete*, não como esses máos pagadores, que sacrificão os redactores e dão prematura morte aos jornaes. Lá vai, com sua licença. E' o caso por mim apellidado, o das 3 graças

Tres jovens do bello sexo, creaturas amaveis, todas estuantes, que sempre andão juntas, e que por este facto observado, moverão, feiticieras, a um misantropo, um mancebo triste, sem expressão entre os felizes, como são os votados ao moderno ostracismo; e o

moverão a olhal-as, a seguit-as, a pensar nellas durante uma desappareição de 2 mezes, até que o acaso o leva a uma encantada varanda, onde as encontrou tão lindinhas, tão faceiras, engraçadas como os anjos; e ahí o pobre sentio que vivia, e que aquellas o coladavão cottadinho!

Bemditas fadas, bem ditas graças, que como salvadoras, enfeitavam aquelle desventurado e lhe davão força para sahir do canto escuro por onde tantas estrelas passavão, sem luz que o illuminasse.

D. Aurora, *D. Bemvinda* e *D. Candida* uma vez sahião do Collegio, onde são externas, e apoz ellas um transeunte seguita seu destino. As doces vozes, o assento ao judicioso da conversa das 3 moças chamarão a attenção do transeunte, e elle só as deixou quando separarão-se, cada uma tomando um lado, para suas casas sem duvida. O transeunte disse: tão bellas meninas: são futuras senhoras, que se perderem a belleza do corpo, não a perderão da alma: e foi-se tambem. Esqueceu-se dellas. Depois teve desejo de vel-as. Chamamos ao tal transeunte—*Eu*!

E um dia, uma noite desse dia—*Eu*, entrou n'uma sala acompanhado de um dos seus poucos amigos, com quem sahia a passeio, e á cuja instancia ali fôra. Foi apresentado a Exma. Sra. D... mãe de *D. Candida*, Sra. muito obsequiosa e de delicado trato. Conduzido depois á varanda, ahí estavam as 3 graças! Oh! Mizericordia! Não sei como não morreu—*Eu*; mas mudou-se: ficou outro *Eu*, mais novo, restando em suas faculdades apreciadoras do bello e do bom. Avista foi-lhe deslumbrante, e torbando do assombro parecendo-lhe estar virado em mosca, e via moscas por toda a sala e varanda.

Que tal?... Que taes são ellas? Demonios! *Eu* pouco fallou, e mais ouviu; retirando-se em fim gostoso da companhia daquellas fadinhas, com proposito de frequentar o lugar de delicias, grato ao seu amigo apresentante. *Eu* despedio-se, e prometteo apparecer uma vez na semana. Ellas sentirão por elle diversas affeições: *D. Aurora* sympathia; *D. Candida* indifferetismo; *D. Bemvinda* antipathia. Ora vejam corações! O que depois se passou e tem passado, é quanto transmitido por *Eu* a mim, que sou outro *eu*, desejo que pelos vindouros numeros do seu jornal seja publicado, sob o titulo—*Varanda das Graças*—

Seu respeitador

Amigo e Cr.

O Solitário,

Como passas, meo *Sellarep*?—Sinto muito os teos desgostos; acceita os meus verdadeiros pezaes.

Recebi a tua carta, e por ella vi o conteúdo, da que dirigistes ao amigo *V. Arierep*; estava de gosto o conselho, que lhe destes!

Elle q' não se deixe levar por essas meninas, aquem os poetas, chamão *santas e divinas*, sima que peccando trinta mil vezes por hora!! Que não se apaixone! porque isto de moças é tudo pita!

E' justamente como eu penso: as ricas elevadas por esse p dre incença, queimado no turbulo da lizonja por meia duzia de analphabeticos Xicos... tratão de resto aos teos semelhantes! quando elhaõ á sempre de narizinho torcido... porem vá lá, quem dinheiro tiver fará o que quizer.... Porem as pobres, meo amigo, essas é, que, se não causassem riso, merecerião

compaixão!!.... Obrigão a um pobre pae a mil sacrificios fazerem, pois as ricas em tudo querem egualar exteriormente!!.... Como veem *D. Fulana*, filha do Sr. Dezenbargador tal, ou negociante de tal *do-anzoes*... creçada de *leões, tigres e macacos engravidados &*, ellas tambem querem semelhante camarilha, para serem por elles dedicadas a cada hora!! e ja tambem olhão aos outros com *desdem e de prezo*!!.... Contad, ohas antes nunca na-cescem!!.... Querendo ellas em tudo *imitar* as ricas, esquecem-se que esses arrelequins *afitalgados*, de casaca preta, luvas de pelica, e alma porveruda!!... não são para equiparar-se ao mancebo pobre, porem de alma nobre, que cobre o envelope dessa alma com um simples peleio!!

Porem perdão para ellas, meu *Sellarep*, são mulheres... e por consequencia loucas!!...

Deixemo-las porque em *Tias* morrerão!!....

Ja cá fez-se a festa de N. S. dos Remedios. O *Fervor d'opus*, em que andava o sexo femenino, e grande parte do masculino, era extraordinario!!... porem, feita como são todas as festas, foguetes, bandeiras, musica, e moças &.

A lua e a chuva este anno estiverão arrufadas com as bellas. A primeira talvez deixasse de apparecer brilhante e magestosa para não ibestemonhar as scenas que a boa moral repelle de seo seo como degradantes... A segunda talvez apparecesse para enxotar o debaixo de casaca e luvas, debrago com a immoralidade de vestido de seda...

Se lá fosseis havias de melhor apreciar scenas e costumes introduzidos ultimamente... Era mesmo de admirar!!...

Aqui, um grupo de velhos *ratões*!!... com bengalas *lambosadas* de cosmeticos, lavande etc. etc. cheiros de mixuras, rapa-pés e zombais... dirigindo palavrinhas doces as *victimas* que os aturavam!!...

Mais adiante um patito mancebo *olhar* reio, e immenso bailão; recitando as cartas de *Echo a Narcizo*!!...

Ali, uma velha desdentada e pollada, cheia de requeros, mandando callar as filhas; para fallar em amores, e contar historias sobre casamentos etc.

Mais aquem, um svelto mancebo de longos cabellos, triste e pensativo contemplando todos esses prejuizos, e apertando no peito uma saudade... e bem pungente...

Se desseis uma pequena volta, e entrasseis no primeiro Restaurant, lá encontrariis, um *janota*, comendo presunto e pão, com luvas de pelica branca!!.

E se mais adiante fosseis e entrasseis, em uma das casas de—*recreio innocente*— veries a mocidade exposta ao precipicio de um abismo profundo!!

Eis o progresso!!... Eis a moralidade da epocha!!.

Em fim se entrasseis em uma das taes barracas de toalhas e lençoes, muito te havias de divertir, ouvindo o *mimico Capijuba*!!.... tirar de sua inte-es-ante *tabela* mavi-a-a-sota, e preludiando a *Aria do Nabuco Nas-orrus*!!.... Oh! *Bravas*!!... Que coisa *biologique*!!...

A concorrência nos carros foi extraordinaria!!... Todos querem andar a *quatro*!!...

Durante o novenario e dia ouviu-se a voz do nosso

Patricio o Sr. Padre Brito, que mais uma vez mostrou seu grande gosto e veração pela musica.

O Sr. Lisboa, tambem cantou, e a sua voz foi devotamente apreciada por todos! Esteve bello de ouvir-se...

No dia, a noite, ouve fogo artificial!!... que esteve soffivel.

Durante a festa, muitas coisas derão-se, que me fizeram lembrar essa poesia, que remetto encontrada entre papéis velhos.

Mundo novo.

Atenção!!.... Atenção!!....

Estou pasmado,.....

O seculo dos homens

Está mudado!!....

Ver garrulo papagaio

As balcão negociando,

E o bujudo taberneiro

Na gaiola se catando!

Ver cocheiros em parellas

Pezados carros puxando,

E os cavalos enlucados

Com mau garbo os boiando.

Ver em ricos escriptorios

Os ratos adv gando,

E no telhado do vizinho

Alguns rabulas chiando!

Ver em pomposos collegios

Cavallos licões tomando,

E em cocheiras bem tratados

Alguns dos mestres rinchando.

Verem soberbos engenhos

Burros na meza jogando,

E o senhor do mesmo e familia

Na verde relva pastando.

Ver no grande parlamento

Os leões as leis dictando,

E os homens mui ferozes

Uns aos outros devorando!

Ver homens de ferreos musculos

Sustarem nas mãos o mundo,

Sem officio, ou beneficio

Só orando a S. Raymundo!

Ver grassar a epidemia

Com desdem,.... e nos cefar,

Como alguns facultativos

Neste seculo a imposturar.

Ver em fim no cemiterio

Um defunto encomendar,

A um padre que ali estava

E mandal-o supulter.

Andam os homens c's cabeças

As mulheres com os milhões...

O dinheiro em todo mundo

E' o brado das nações!!....

De todos os *galans* fui eu o mais infeliz, porque não vi a minha F...!!.... porem, não servio isso de causa para que ella deixasse de se divertir!!... Emfim é mulher!!... mentem até chorando!!....

No 27 dia do passado heuve o beneficio da Sra. D. Eugenia Camara!!... A concorrência não foi pequena, porem quanto a enthusiasmo esteve frio como a *Nove*!!... nada não é — *Nove* foi engano do *Cocoro-cô*, é — *Nere* —!

O *Fidalgo de Quiterita*, requereu ao Rei de Congo, o titulo de *Paspathão mór das Vassouras*!!..

E' provavel que the venha a cara ja indica!!.

Não estou para mais massadas, vou dormir.

O amigo Themotheo

Maranhão Typographya do COMMERCIO de A. V. Nunes Cascaes

O RAMALHETE.

Jornal Litterario e Recreativo.

A 800 réis por bimestre ou 8 numeros, pagos adiantados.

FOLHETIM

O MONGE VINGATIVO

(Continuação do n. 50.)

Augusto attonito e desesperado, conhece então claramente que o não haia iludido. Resolveu-se por tanto a annuir ao convite misterioso, e pedir a explicação de tudo isto ao seu verdadeiro pai, se com elle devia encontrá-lo.

Previllo não appareceu no jantar, tinha mandado aviso de que não voltaria senão a noite. Pelas 3 horas da tarde o pastorinho veio tocar a sua flauta no lugar indicado. Augusto, conhecendo que era seu conductor, estremeceu, e não sabia se deveria dar um passo tão arriscado. Torna a ler o bilhete, e bem persuadido, á vista da pertença do Contrato, que tudo o que lhe dizia de elle era verdade, determina-se seguir o seu guia. O pequeno pastor, logo que o viu sahir do pateo, começou a marchar na sua frente, sempre tocando o seu campestre instrumento, e tendo-o feito andar cousa de um quarto de legua pelo meio dos campos, parou a porta de uma casa de bella apparencia, mas solitaria, á entrada de um bosque, e tendo batido: «E' aqui, disse a Augusto; esperai que vos abram: adeos, eu já não sou mais preciso.

Um criado decentemente vestido apparece á porta, e tomando a mão de Augusto da maneira mais affectuosa, lhe diz: «Tende a bondade de acompanhar-me, senhor, e nada tomatis: pode um filho reccar algum perigo em casa de seu pai.» Augusto aturdido, e pasmado, segue maquinalmente.

Para que se possa bem entender esta scena, nós vamos dar a sua explicação.

Rabat, o fiel agente do padre Cypriano, fazia parte de um bando de aventureiros, que por dinheiro, favoreciam todas as paixões dos homens ricos. Estes tratantes haviam comprado, debaixo do nome de uma certa viuva, sua confidente, aquella casa do campo, que emprestavam, para diversos fins ás pessoas que a precisavam. Ella era alternativamente ou asilo secreto do amor, ou o horroroso covil do crime. Os amantes iam alli occultar suas amadas; os jogadores pôr a fortuna e subsistencia de suas familias; e os malvados desfazer-se surdamente das suas victimas, que escondiam sempre as vistas de perigosas testemunhas.

O padre Cypriano foi, pela sua vez, proprietario desta casa naquella dia;isto é, Rabat lh' alugou para nella receber seu filho. O monge depondo os habits, tomou um rico vestido de cavalheiro, uma cabelleira artificiosamente feita lhe tapava a cabeça tonsurada, e concorria a torná-lo inteiramente desconhecido.

«Rabat, traz-me o meu filho?» diz elle ao fingido criado, vendo-o entrar no gabinete escuro, em que se achava.—Sim, senhor; eis aqui o vosso Augusto, que pela prompta obediencia ao vosso convite se tem feito cridar de toda a ternura paternal.—Então, senhor, diz Augusto dirigindo-se ao monge, é verdade que sou vosso filho?—Sim, meu chato Augusto, eu sou teu pai, e eis aqui as provas bem convincentes: o meu contracto de casamento com Emilia d'Estré, a certidão do teu nascimento, o meu retrato, o de tua mãe, e o teu, os nomes das padrinhas, e das testemunhas, e entre elles a assignatura de Previllo, teu supposto pai.—E' certo, senhor: eu nunca o vi assignar Previllo; mas reconheço mal bem a sua letra... Porém quem é elle, se não é meu pai? Foi n'outro tempo meu amigo; depois roubou-me tua mãe, e causou a sua morte prematura... Malvado!... Escuta, Augusto, escuta a narração dos seus crimes.»

(Continua)

BOLETIM GERAL.

Tic-Tac.

Mulheres de marmore.—Nova empreza.—Chegada.—Retirada e Beneficio.

O Januario não podendo assistir á representação da *Viuva da Camelia*—por se achar bastante incommodado deixa de entrar na apreciação da execução, por não ser desses que *saltam* por informação, e desajar unicamente ver para erer, como S. Thomé. Da do este pequeno cavaco trataremos agora das

Mulheres de marmore.—As mulheres de marmore é a continuação da discussão dessa these já tão sedicosa e desenvolvida, da mulher que despreza o amor puro e verdadeiro e que unicamente ama o metal luzente—o ouro.

Esta mataria apesar de muito discutida e batida por

illustres escriptores, Thomaz Barrieros com a sua habil penna soube tirar partido della. As cortezas do dinheiro e apologistas das bachanias são apresentadas abí por tal forma desde as estatuas de *Phidias* no prologo, até as *Marco*, *Josefa*, e *Teodora* da actualidade, que o espectador não pode deixar de applaudir freneticamente o illustre escriptor francez.

Outros caracteres acham-se tambem mai bem desenvolvidos no drama e são os de *Desgenais*, *Rafael* e *Juliano*, um *Desgenais* em miniatura.

Antes de entrarmos na apreciação da execução do drama cumpre-nos, justiceiros como somos dardmos, os sinceros parabens ao Sr. Duarte Coimbra, pelo bem que ensaiou o drama, e pela paciência com que ensaiou a Sra. D. Leopoldina na parte de *Marco*; fazendo com que esta parte bastante difficilissima, e de muita força para uma joven que ha pouco encetou a carreira dramatica, não cahisse no ridiculo e sim no agrado geral do publico.

Com um bom ensaiador a Sra. D. Leopoldina poderia ainda vir a ser uma boa actriz.

Agora entremos na execução.

Esqueçiamo-nos de antes de entrarmos na execução de apreciar o scenario e vestuario.

Não achamos muito proprio para a casa do sculptor *Phidias* os fragmentos do palacio de *Nuchedonosor*, nem tam pouco para a pipa de *Diogenes*, pelos buracos da qual se pudesse ver-o, — um tonel pintado de *quadrinhos*; o vestuario esteve soffivel.

As decorações dos actos do drama estavam preparadas com muito esmero e arte.

Phidias.—*Raphael Didier*.—(O Sr. Lisboa.) As honras da noite couberão inquestionavelmente a este Sr.; pintar as scenas em que mais primou é um trabalho que se torna muito difficil para qualquer habil escriptor, que entenda muito da arte dramatica; quanto mais para nos que nisto de theatro somos uma nullidade (como leio o disse um *portento*).

Com tudo, como felizmente o paiz é constitucional e a imprensa livre, vamos dizer o que entendemos.

Na scena final do prologo, em que *Phidias* pede as estatuas que não acompanhem *Gorgias*, que fiquem em sua companhia, pois que foi elle que as creou, que lhes deu a animação, e que as estima muito; nesta occação esteve sublime; na scena do 2.º acto, em que *Desgenais* lhe pede que fique com sua mãe, e que o chamado de *Marco* o arrebatasse de novo; na scena do 3.º acto, em que por um abill inteiramente partido das fibras da alma, se lhe manifesta a molesta que o hade

Desgenais, eu fico; na scena final com *Marco* em que lhe arranca a coroa dizemto—*Lar jure essa coroa... rosas brancas devem unicamente ornar as fronteiras dos vivos e os tumulos das donzellus...*—expon-taneous e repetidos applausos e immensos bouquets coroarão o trabalho do artista.

Em todo o correr do 5.º acto, e sobre tudo na scena em que se apossa delle o delirio febril e que julgava ver diante de si as *mulheres de marmore*, lhes quer arrancar os corações, e depois diz com toda a placidez—*enganei-me, Desgenais, estas mulheres não tem coração*, primou!

Finalmente durante todo o drama o Sr. Lisboa esteve sublime, arrebatador e inimitavel.

Diogenes.—*Desgenais*.—(O Sr. Couto Rocha.) No *Diogenes* do prologo o Sr. Couto Rocha brilhou; no *Desgenais* podia-se-lhe notar alguns pequenos defeitos em uma ou outra scena, porem foram compensados por outros em que o estudo e gosto do artista souberão tirar partido dos expectadores.

A scena em que mais primou o Sr. Couto Rocha foi a do 3.º acto, em que diz: *Não me chamo, Desgenais, chamo-me a opinião publica, Raphael Didier não te conheço*.

Alcybiades.—*Juliano*.—(O Sr. Penante.) Trabalhou perfeitamente no seu pequeno papel, era um verdadeiro *Desgenais* em ponto pequeno: notava-se que se achava rouco.

Sempre um rouco!... Que diabo é isto?...

Gorgias.—*Conde de Fresnes*.—(O Sr. Thomaz.) Que bonito *Atheniense*!... Como sempre o Sr. Thomaz não tinha que se lhe dizer.

Théa.—*Maria*.—(A Sra. D. Camilla.) A Sra. D. Camilla nesta pequena parte mostrou, que das pequenas cousas se podia tirar grande partido. Brilhou.

Aspasia.—*Marco*.—(D. Leopoldina.) A Sra. D. Leopoldina trabalhou soffivelmente; na scena em que ouve a canção de *Juliano*, os olhares que lançava a bolsa era de uma perfeita artista. Desejavamos com-tudo ver mais cynismo em certas palavras.

Julietta.—(D. Philomena.) Desempenhou bem o seu papalinho.

D. Josefa e D. Lavina

As mais partes eram figurantes e o Sr. G. G. G.

querendo figurar mais que os outros—ornou-se com a coroa que Raphael arranca a Marco.

Esquecia-me.... As estatuas do prologo estiverão sublimes.

Nova empresa.—Consta-nos que a empresa do theatro de S. João, da Bahia, acha-se dada por dois ou tres annos, ao nosso patricio Vicente Pontes de Oliveira.

Se assim é, damos-lhe os nossos sinceros parabens.

Chegada.—Chegou do Pará e retirou-se para o Ceará, o artista Furtado Coelho.

Retirada.—Retirou-se para o Rio de Janeiro o insigne artista Germano, afim de contracciar damas para o nosso theatro e para o de Pernambuco; é de crer, que perito como é o Sr. Germano, nos apresentará excellentes actrizes.

Beneficio do Sr. Lisboa.—Teve hontem lugar um variado espectáculo em beneficio deste Sr., a concurrencia era extraordinaria, isto devido não só ao seu merito artistico, como ás muitas sympathias que tem sabido grangear entre nós,—e de que é merecedor.

No fim do drama foi o artista chamado á scena e mimoseado com duas lindas coroas e grande porção de bouquets, sendo no fim do espectáculo acompanhado até sua residencia por grande numero de cavalheiros, e ao som da muzica do 2.º batalhão e dos respectivos vivas dos expectadores, que o acompanharam, fazendo elle, na occasião em que chegou á casa, um succinto discurso agradecendo ao publico maranhense todas estas provas de consideração que lhe tributavam.

O espectáculo constou do *Trabalho e Honra*,—drama que o anno passado subiu á scena entre nós com geral applauso dos expectadores, e que agora foi de novo applaudido. A execução foi excellente, sobresahindo alem dos artistas já apreciados pelo publico, os Srs. Lisboa na parte de Carlos Martins, D. Camilla na de Amelia, e o Sr. Penante na de José Fernandes.

Os dois caleos.—Esta comedia, composição do Sr. Penante, é de bastante chiste e de muito espirito, resentindo-se de uma scena desnecessaria entre o galan e a dama, que supprimida poderá fazer ainda sobresahir mais a comedia.

A execução foi satisfactoria, e o publico applaudindo o Artista Auctor, deu mais uma prova de que sabe animar o merito.

Estou preparando o masqué.... Adeos.

O *Januario*.

REVISÃO

Carissimo Themotheo.

Sempre que recebo uma carta tua sinto um prazer extraordinario, e para lel-a não posso deixar de accender um dos apreciaveis—*melindres*—bahianos, juntando ainda a isto uma chicara de café, preparado com todo o esmero pela minha celebre creada *Febronid*, que aprendeu a fazel-o no tempo em que uma libra custava 100 reis !....

Mas que diabo tem isto com a historia ? não admira.... o tempo é proprio. Sim neste tempo tudo se admite, infelizmente. Chego massado de serviço as 3 horas da tarde, e depois de satisfazer as exigencias da *pança*, saio afim de ver a minha Morena, que me espera, e quando me nos julgo, *pan....* uma cabecinha de borracha se *esborracha* nas minhas debéis costellas, não sabendo a pessoa que tem a infeliz lembrança de gastar o seu vintem cômigo, que *jamais* alcançara de mim uma retribuição !

Não dou corda, e vou andando, porem ralado o mais que é possivel ! Podes ficar persuadido, meo amigo, que prefiro um sorvete á semelhante bobagem, só propria para aquelles que matão um *gato*, tendo sido offendidos por um *cão*.

O que me disas sobre theatro fica-me de cór.

A companhia agrada-me muito, pela variedade. Acha-se alli de tudo: desde o sublime até.....

O que não posso deixar de achar extravagante, é uma pateada em um artista de merito, somente por questões particulares. Fechem a porta da *caixa*, que já não appareça disto.

Acceito o teu convite para o *carnaval*, porem não para desempenharmos os mesmos papeis dos *firi.... fi-fi-fis*—que já é couza muita *asêda*, *rançosa* e até *sarrenta* ! !..

Havemos de brilhar, gosar, de-fructar, e não abusar como muitos.

Appareço amanhã á noite para melhor combinarmos no gosto dos factos, e depois haremos ao hotel Porto tomar sorvetes e conversarmos sobre o beneficio do sympathico Lisboa, que realmente esteve brilhante !... que casa !.... Elle merece tudo.

A procissão de N. S. do Bom Parto esteve brilhante e pomposa, no domingo 2 do corrente.

Apassar em frente do quartel a artilheria salvou com 21 tiros.

A tarde esteve boa, apesar da estação ser má.

E com esta, meu Themotheo, vou dizendo-te adeos, pois preciso dormir, e passo-te que corrijas esta collecção de asneiras, que te envio pelo *Ambrosio*, que já dormia a somno solto no corredor, e para acordal-o foi-me necessario tocar-lhe um papagaio.

Lembranças aos filhos do s. l. e previne-lhes, que
não é honra as escravas apanharem surras por causa
das quebras das cabacinhas, como tenho visto. Pobres
escravas l. . . que não conhecem os *sofos*.

Saude e graças.

5-2-1864.

O amigo velho,

Sellarep.

AMOR E DESPRESO.

Offerecida a A. da R. Borba.

Eu amo o poeta, que é destemido,
Qu' em verso aurevido—deprime o cruel;
Detesto o poeta covarde e fingido
Qu' em verso sentido lh' offrece laurel.

Eu amo o poeta que busca confesso
Do peito estremoso, seu canto ostar;
Detesto o poeta qu' em verso amoroso
Do mundo enganoso, quer tudo louvar.

Eu amo o poeta, que tem sua—dama—
Qu' a preza, que ama-a, com grande effusão;
Detesto o poeta, que jura ter flamma
D'amor, pela—dama—; sem ter-lhe afeição.

Eu amo o poeta que é verdadeiro
E que sobranceiro, murmura do mal;
Detesto o poeta, que o tanto primor,
Po—juro—dinheiro—tornou-o venal.

Eu amo o poeta, qu' ao rico ou ao pobre
Se um erro descreve—critica a valer;
Detesto o poeta, qu' a um, por ser nobre,
D'elogios encobre seu mau proceder.

Eu amo o poeta, qu' emfim só s' exprime
Em fraze sublime—linguagem do céu;
Mas não ao poeta, qu' ao ouro do crime
S' encurva, qual vime se a brisa lhe deo.

Cadete.

O SONHO DA VIRGEM.

E' linda a virgem quando esta dormindo
Da meiga infancia no gentil vigor,
Na paz do somno, no socego d'alma
Não sente dores, não conhece amor!

Qual branca estaua do sublime artista
Semelha a virgem quando assim descansa:
Se lembra os brincos que brincou de dia
Desperta em risos a gentil creança!

Em maisos brincos em prezer e festa
Eis que foudam-se os cuidados seus,

Parece a virgem nessa quadra amavel
Descido um anjo da mansão de Deus,

...
... não succede quando a virgem ama;
Não sonha os sonhos de infantil creança,
Mas sim e' o moço que ella viu no baile,
Que fez-lhe a corte, que beijou-lhe a trança.

Avista em sonhos um altar, um padre,
Todo apparato de um roivado em fim;
Conhece o joven que ella amou no baile
Aos pés da noiva recebendo o—sim!

Amargo calix da tristeza e d'odio
Sento a donzella referver-lhe n'alma,
Na luta immensa de infernal ciúme
Maldiz a dama que levou-lhe a palma!

Accorda afflicta soluçando ainda,
Os olhos languas, palpitante o seio,
Buscando em baide conhecer o erro,
Confoza a mente no fatal enleio!

...
Feliz a virgem quando está dormindo
Da meiga infancia no gentil vigor,
Na paz do somno, no socego d'alma
Não sente dores, não conhece amor!

M. A. P. J.

QUINQUILHARIAS.

—Qual é o prego, que liga dous entes em matrimónio?

—E' o *pregão*!

—Qual é a letra mais combustivel?

—A—breu.

—Qual é o traste, que ainda nenhum marceneiro fez?

—Cama-leão.

—Em que letra se pode carregar agua?

—No *K* pote.

—Qual é a differença entre um medico, e um copo d'agua?

—E' que o copo d'agua mata *secura*, e o medico se cura *não mata*.

Maranhão Typographya do COMMERCIO de A. F.
Nunes Cascaes—1864

O RAMALHETE.

Jornal Literário e Recreativo.

A 800 réis por bimestre ou 8 números, pagos adiantados.

O RAMALHETE

Lê-se no periodico—PORTO LIVRE:
MAIS UM POETA.

Em alguns dos nossos passados números temos publicado, como agora neste, varias Poesias de jovens Maranhenses, e entre ellas algumas firmadas com a assignatura—*Cadete*—; as quaes temos extractado do pequeno jornal semanal—*RAMALHETE*—Instructivo e Recreativo, (e nada de politico), de redacção de Augusto Vespucio Nunes Cascaes.

As Poesias, pois, que tem sido publicadas sob a firma *Cadete*, são fructos do talento do Sr. *João José da Silva Viveiros*, natural da cidade de Caxias, e cadete do 5.º batalhão de infantaria de 1.ª linha; sendo obida esta revelação do nome, á instancias nossas, da modestia do author, qua em horas vagas de seu serviço militar se entrega ao cultivo das Muzas, sem jactancia alguma, pois reconhece o estreito campo de sua instrucção, que é só aquella que se pode obter n'uma aula de instrucção primaria de uma localidade do interior; se bem que o Sr. *Cadete* tenha aperfeiçoado seu espirito e engenho na constante leitura de bons Mestres, porem da lingua vernacula; sendo tambem, portanto, isso mais um motivo de primor ao seu talento.

Não diremos, que as produções deste joven militar tenham o cunho e perfeição das de seus distinctos collegas *Nuno Alvares*, *Alvares de Azevedo*, *Silvio*, *Castimiro do Abreu*, *Macedo Junior*, etc., porem muito á ellas faz por attingir, e mercê de Deos, permitirá, que ainda um dia as destes possuão, se não exceder ao menos igualhar ás d'aquelles.

Pedimos ao Leitor sua attenção e apreciação para a Poesia que ora publicamos, sob o título—*AMOR E DESPRESO*—(1) e versão, que, não sóra fundamento,

ella bem merece por sua perfeição, cadencia, elegancia e doçura uma sincera ovação.

FOLHETIM

O MONGE VINGATIVO

(Continuação do n. 51.)

Então elle conta suas aventuras a Augusto, que estremece ao ouvir as culpas do seu bemfeitor e ousa apenas acreditar-as... Com tudo rende-se por fim á evidencia, e o clama: «Deos! porque não conservastes sempre a venda sobre os meus olhos!..... Porem, senhor, que tendes vós feito depois de tam longo tempo? Um véo impenetravel me occultou até hoje á todos as vistas, e continuará ainda a esconder-me por algum; mas eu velarei sobre ti, meo filho, como tenho feito até aqui. Julga da minha dor, querido Augusto, quando soube que um vil assassino.... Ah! foi sem duvida o teu supposto pai quem dirigio seu braço.—Elle?... Oh! não, senhor!....—E' capaz de tudo: elle detesta-me, e por tanto não pode amar-te.—Elle cuja ternura verdadeiramente paternal me tem sempre enchido de beneficios!—Emfim elle é para ti um homem estranho, e ser-me-ha odioso ver-te preferir-o ao autor dos teos dias. Falla-lhe do desgraçado conde de Saint-Morin.... Mas não, tu não terás occasião de o tornar a ver. Meu filho, eis-aqui uma bolsa cheia de ouro, e uma carta de recommendação para um capitão meo amigo, que te dará um logar a bordo do seu navio. E' necessario que partas immediatamente para Rochella, e ahí embarcarás para Philadelphia.—Que! pois vós pertendeis....—Eu o ordeno.—Senhor, será permitido usar da autoridade de pai áquelle que por tantos annos parece baver renunciado a este titulo sagrado? De mais, quem me assegurará de que sou eu realmente o individuo, de que trata esta certidão de nascimento? Daverá sobre meras suspeitas.... Não são suspeitas, Augusto, é a realidade. Pravião bem

(1) E' a que demos em nosso n. 51. p.p.

(R. do Ramalhete.)

sabe que tu és meu filho, o filho do conde de Saint-Morin, e de Emilia d'Estré. Porém eu consinto, para convencer-te, que voltes ainda uma vez à sua casa: mostra-lhe estes papéis, eu t'os confio: diz-lhe que eu existo, e pergunta-lhe se te engano. Quando estiveres bem certo dos direitos que tenho sobre ti, esperarei que não resistirás mais às minhas ordens. Um segundo aviso te marcará o dia, a hora, e o lugar em que deveremos outra vez encontrar-nos. . . . Porém não me tragas Preville: guarda-te bem de que pela tua indiscreção, elle siga os teus passos, se o não quizeres ver morto a teus pés. Adeos.»

O monge lança olhos severos sobre o infeliz mancebo, que se retira combatido pelas mais tristes reflexões. Elle examina cautelosamente a situação exterior da casa, para a poder reconhecer; depois dirige-se a passos lentos para a sua habitação. Tinha ainda andado bem pouco pelo campo, quando encontrou seu pai adoptivo, o mesmo Preville, que passeava absorto em seus tristes pensamentos. «Augusto, lhe diz elle, que fazes por aqui tão tarde? — Ah! senhor, vejo-me na maior desesperação! Acabo agora mesmo de fallar com meu pai. — Teo pai! — Sim, senhor, o conde de Saint-Morin. — Saint-Morin! Grande Deus! pois elle existe? — Existe, senhor; eu venho de estar com elle. Dizei-me, é verdade ser eu seu filho? — Ah! não me interrogues. — Esta certidão de nascimento. . . . Vejamos. . . . Sim, é a tua. . . . Mas onde está elle, esse desgraçado Saint-Morin?»

Augusto, temendo os effeitos da raiva do conde contra Preville, quer illudir esta pergunta. Finge que o encontro tivera lugar n'uma encruzilhada do bosque; e que seu pai, depois de lhe ter referido todos os promenores relativos ao seu nascimento, montara a cavallo e desaparecera. Preville, admirando cada vez mais da existencia d'um homem que ella suppunha morto ha muitos annos, pede os seus signaes; e tendo-lhos dado Augusto, não duvida mais de que fosse o verdadeiro Saint-Morin que lhe escreve, para que não procurasse descobrir o assassino de Augusto. . . . Mas não era seguramente a este que se pretendia sacrificar, era a Elvina. . . . Eis aqui todo o mysterio desfilado: o furioso e atroz Saint-Morin quiz vingar-se de Preville assassinando sua filha, privando-o com a sua morte do que tinha de mais charo. . . . Elle, ou um dos seus agentes se terá disfarçado com o habito de religioso, para commetter o crime. O ceo o punio; os seus golpes cahiram sobre seu proprio filho.

Preville, opprimido com o peso de tantas reflexões dolorosas, não tem força para fallar. Elle e Augusto caminham sem proferir uma só palavra até a sua habitação, onde Preville dirige em fim a seu filho adoptivo o seguinte discurso: «Presentemente sabes tudo, meu Augusto, talvez não verás já em mim senão o seductor de tua mãe, e sem duvida me aborrecerás. Oh! se tu conhecesses quanto me tenho arrependido dos erros da minha mocidade! . . . Suppondo teu pai privado da existencia, eu te adoptei, eduquei-te, e tu sabes se te hei constantemente dado provas da mais viva ternura! . . . Pagar-me has a solicitude, com que intentei reparar as minhas faltas, com o odio, e com o desprezo? . . . O teu desprezo! Ella seria mui custoso para mim, e eu lhe não sobreviveria. Quando ao teu odio, eu creio não o haver merecido. Podia abandonar-te; não o fiz: julguei que o ceo me orde-

nava que amparasse o mísero orão, e a o confundir com minha filha em meu coração, penetrado de penares, e cheio de ternura pela tua infancia. Mas aqui os meus erros, Augusto; desculpa-me os meus erros.»

(Continúa)

REVISÃO

BOLETIM GERAL.

Tic-Tac.

Mascarada. — Mulheres de marmore. — Variações de flauta. — Viuva da camelia. — Lusbel.

— Fim. —

O Carnaval! . . . eis o tempo do prazer. . . da loucura. . . todos se entregam aos divertimentos. . . uns por meio das velhiscas cabacinhas; novas por serem de borracha, pois que na antiguidade erão de cera e o circunstante, a quem era aturada, ficava, alem de uma dor de peito ou da cadeiras, conforme o lugar em que o apanhava, com uma boa porção de cera que para alguma couza lhe servia. Outros divertem-se mascarando-se. . . sem duvida tem mais juizo que os primeiros.

Os bailes mascarados, as passeatas, são os divertimentos que se uzão durante o carnaval nos paizes civilizados, e é de crer que, estando o Brasil no caso de hombrar com esses paizes, brevemente tenham desaparecido as prejudiciaes cabacinhas, para dar lugar unicamente ao folgueto mascarado.

Porém estamos certos, que isto somente acontecerá quando a policia prohibir energicamente, que os escravos se mascarem e confundam-se com a multidão; motivo porque os nossos bailes mascarados sempre se arhão despidos do bello sexo. . . unica cousa que dá animação a um baile. . .

Apparecerão alguns mascarados espirituosos, que fizarão passar despercebidos os de — *voce me conhece* — notando-se entre os primeiros, um que, empunhando uma grande thesoura talhava, casaca aos circunstantes e distribuia papelinhos. . . . Que razão. . . . leva gosto.

Vim do baile a uma hora. . . deitei-me, e quando acordei no outro dia — *tudo era silencio na terra*. . . as velhas caminhavão para a igreja. . . . estavam na quaresma. . . . era quarta-feira de cinza.

Teve hontem lugar o beneficio do distincto artista maranhense o Sr. Francisco Libanio Colás; e não obstante ser a terceira vez que o subia a scena — *as mulheres de marmore*, — a enchente foi real; pois que o publico sempre prompto a proteger aquelles que, o procurão, não podia deixar de concorrer ao beneficio do distincto artista maranhense.

Mulheres de marmore. — A execução esteve boa, sendo a parte de madame Didier dada a Lavina que fez, e que é que ella fez? . . . disse o papel.

Não sabemos como classificar o trabalho do Sr. Libanio nessa noite. . . parecia estar inspirado. . . o artista mais perito e mais consummado entendedor dos se-

grados da dramatica, talvez não execute esta parte com tanta naturalidade, como foi executada pelo Sr. Lisboa.

O artista estava arrebatado; sentia com Raphael, chorava com elle, e o author do drama se o tivesse visto trabalhar, estaria convencido de que dizia: — *Eis ali o meu Raphael, como eu o imaginei.*

Varições de flauta. — A entrada do Sr. Colás no palco foi saudada com longas e estrepitosos applausos dando o publico assim um desmentido formal a alguém que adrede espalhara haver patado.

O Sr. Colás executou primorosamente as variações de flauta, sendo no fim, de novo chamado a scena e freneticamente applaudido.

Viuva da camélia. — E' um mimoso e delicado bouquet, a que o Sr. Lisboa e a Sra. D. Camilla deram bastante animação.

Lusbelia. — Consta-nos, que esta sublime composição do illustre dramaturgo brasileiro o Sr. Dr. Macedo brevemente subirá a scena, em beneficio do distincto artista Thomaz; é de esperar que o publico concorrerá a este espectáculo não só para apreciar um dos bellos ornamentos do theatro brasileiro, como para dar uma prova de apreço a tão distincto artista.

Adeus.....Cuidado com as bolas.

O Januario.

Caro Sellarep.

Saude e bichas & & e fiquem todos, ou como quiser. Amen.

Deves saber, pela leitura da minha ultima missiva ao nosso memoravel Themotheo, que estive doente, e sinto dizer-te, que continuo nesse estado morbido para purgação de meus peccados.

O que hei-de te dizer,
O que hei-de te contar,
O que hei-de perguntar-te,
E do que hei-de fallar;
E so-nente o que não sei
Mas enfim sempre direi:

Que a mascarada este anno esteve muito concorrida e com alguns mas aras chistosos, o dignos de ouvir-se; não obstante muitos incoços e despidos de graça e chiste, que vel-os causava tédio e somno. Não menos de oito, que a mim se dirigirão, não souberão perguntar-me mais, que se eu os conhecia.

E' costume por demais sedição e digno de dormir um eterno somno. Eu não me mascarei, e por isso fui muito conhecido. Não houve michella, megera ad relquia que não mudasse a cara para ir valsar, e tirar sua naca no grande queijo do masqué, e visto terem ellas participado do baile não trato delle, e despreso a mascarada.

Passarei pois a tratar
De assumpto muito novo,
E que interesse dá
Aos protectores do povo.

Ha pouco li no Publicador uma noticia interessante,

que me trouxe muito prazer. me deu, por ver que os nossos ministros acordarão do lethargo em que estavam, mandando construir um lindo navio encouraçado, para resguardo de nossas costas, e julgo que ficaremos sem terço de sermos atacados, porque enfim um navio de couro sempre é mais uma novidade; e o Brasil com tamanha armada, já bem necessitava de um navio de couro, e Deos nos concedeu.

Eu, Sellarep, te confesso, que se fosse ministro (ah se eu fosse!) mandava construir sete navios de madeira e não queria o de couro, porque absorvendo mais facilmente agua tornar-se-ha por isso mais pesado e andará menos; mas o que se ha de fazer, não sou ministro. logo o verei; mas confesso, que se fosse juntava esses 700:00. \$000 e me encouraçava com elles e ficava assim o Brasil com um ministro encouraçado, para muitos annos, e eu... ah! eu! ficaria amado e sabio como um deus; tu mesmo, que não gostas de dinheiro, havias de me achar bonito, as moças me avarião, e eu ficaria gordo e malerindo como um quitandeiro; e esta! Um quitandeiro ministro!

Muitos barões temos visto
Feltos com fumo e sabão,
E com calos na barriga
De encostar-se no balcão;

Ministros, ô! isso não,
Todas são moças tidalgas,
E os que são menoresinhos
São compridos como galgos.

Tenho noticiado-te bastante sobre o que diz respeito ao navio encouraçado.

Agora de um polo a outro
Passaremos devagar,
Pembrou-me de repente
Outras cousas te contar:

Em um destes dias mais proximos estando eu a conversar com alguns amigos, chegou-se-nos o capijuba, e principiou deste modo a desenvolver sua elocuencia: Meus senhores, não devemos consentir que no theatro represente-se mais o drama Luxo e Verdade, por ser immoral, e cheio de sendas, como muito claramente nos fez sentir um sabio francez.

E qual é esse que assim se explica, Sr. T., disse um dos da roda?

E', respondeu o capijuba, o nosso grande Socrates.

Socrates não é francez (responde o outro), e nem esse drama é do seu tempo.

Engana-se, diz o capijuba, é francez, porque os nomes terminados em tes são francezes; e Socrates ainda vive, e é ministro da marinha.

Não podíamos supportar o riso; a hilaridade foi geral; o capijuba indoleu o colarinho, tornou-se piliado, e respondeu: não devo continuar a fallar com os Srs., porque estão pouco a par da historia natural. Novas madas, e o capijuba mascarou-se enfiado como um deputado da opposição que perde o seu apoio.

Continuamos a conversar, e eis que se apresenta o reformador de costumes e principiou a criticar-nos cara a cara, exigindo que todos nos apresentássemos com luvas e chapas de tres bicas, e que devíamos formar um club para tratar-se dos principaes negocios de modo, e contribuímos para uma subscrição, da qual

seria elle o thesoureiro, para partidas de bailes, e &c. Nós, que não gostamos do costume de lunetas o desprezamos; e um dia tediado disse, retirando-se: este nosso reformador deve ser reformado, e eu direi ao Sellarap, que se encarregue de reformar o, mandando-o para a fundição. Accedemos a isso, e eu encarreguei-me de communicar-te.

Se encontras o Themotheo ou o Januario scientificos-lhes disto, e apparece-me que quero fallar-te.

Aperta o

V. Arierep.

AMBULIA.

Un souffle, an mot, puis un silence,
C'est assez; non à me devance
Le seen interrompa des mots,
Et comprend ta voix fugitive
Comme le gazon de la rive
Comprend le murmure des flots.

LAMARTINE.

Era uma noite! no ferver da festa,
No borborinho de ruidosas fallas,
Cantada imagem de formosa virgem
Minha alma vio a percorrer as salas.

E innocente, no ruidar das valsas,
Ouvindo—ouvindo juramentos tantos
Nem suspeitava que um cantor mancebo
Por ella ardia em amores santos.

Tão feliz eira captivando a todos,
Sorrindo meiga, não sabia amar:
Brisa suave difundindo amores,
Querida a vida só assim passar.

Tremia as vezes o virgineo seio,
Paixões á medo só lhe segredando,
Então corava como a rosa estiva
Ao doce beijo do zephyro brando.

Foi uma sombra de nubes nuvem,
Que na passagem me inebriu d'amores,
Alli na sala—no fervor das danças,
Nas contradanças só causando dores.

Tão innocente desprezava as juras
—Inda as mais puras—que dizer ouvis:
Anjo de Deus! entre formosas virgens,
Loucas vertigens seu amor fasia.

Naquella valsa do mancebo louco
A! nem tão pouco sua jura ouviu;
Nuvem de ouro em um ceo perdida,
Minha alma fida—ao passar—seguio!

Brisa, que passalqual suspiro brando,
D'amor fallando ao amante triste,
Minha alma segue sem parar—sem tino,—
Pois seu destino ao soffrir consiste.

A luz da vida no meu peito ardente
Um dia erante reviver senti;

E' impossivel eu deixar de amal-
Não adoral-a.... oh! então morri.

Foste a imagem que sonhado havia:
Virgem, meus sonhos te cresçao bella:
Tu és a alma que me alenta a vida,
A tua imagem seguirei, donzella.

M...

Apparição.

Lá quando a meia noite scintillantes
As estrellas no ceo, almas errantes
Desmaiou-se de amor;
Ecceitas harpas, que celeste encanto,
Erguem n'um hymno a voz, eterno canto
Ao rei dos reis senhor;

E a terra, o mar, o ceo, a natureza,
No suave concerto, alma trizeteza,
Derrama ao coração;
E a mente ao sonhador desperta insana,
Como o raio nas trevas que se inflamma
Do espaço na amplidão;

Eu busco o valle solitario aonde
Tanta ventura, tanto amor se esconde
De um tempo que passou!
—Na luz dos seus brilha a vida,
E minha alma em seus labios accendida
Por vezes desmaiou!—

Apraz-me então saudoso ir recordando
Os dias que passei alli cantando,
Deitado ao collo seu!
E julgo vel a, sim, já não tão bella
Porem mais triste agora e mais singela
Ouvindo o canto meu.

Desces talvez do ceo, pallido anjo,
Quando sombrio na minha harpa eu tanço
Meus accents dó?
Quando da noite ao vento sibilante
Teu nome repetindo, eu vago errante,
Soluçando de dor?....

Quem sabe? / no misterio a mente escaça
Vacila de medrosa, além não posso,
Que Deos assim o quiz!
Espírito mendaz, barco sem norte,
O homem só conhece a mão da morte,
Mais não sabe—infeliz!

E' certo, a noite nesse valle amigo
Busco chorando murmurar comigo
Deos amor versos meus,
Ouço-te a voz, ou antes seu gemido,
Nas quebradas do monte, echo sumido,
Dizer-me, «Adieu» «adieu»!

A! si eu zo menos abraçar pudesse
A pallida visão que me apparece
Tão triste a suspirar,
Si no seu collo adormecesse um pouco
Das saudades que o matão, pobre louco
Que só vive de amar.

Eu renovara meus cahidos sonhos
De amor tão bellos: inda mais risonhos,
Do que outrora sonhei!
E da minha harpa mais selvagens notas,
Eu desferira assim... aéreas, soltas,
D'amor, qu'outras não sei.

F. L. Bittencourt Sampaio.

Maranhão Typographia do COMMERCIO de A. V.
Nunes Caseas—1864.

O RAMALHETE.

Jornal Literário e Recreativo.

A 800 réis por bimestre ou 8 números, pagos adiantados.

O RAMALHETE

AOS SNRS. ASSIGNANTES.

Com o presente n. finda-se o 7.º Bimestre deste Jornal; agradecemos cordialmente a benigna coadjunção que se tem prestado a esta pequena empreza, e regamos aos Srs. assignantes de reformarem as suas assignaturas, pois temos em vista publicar uma collecção de bellos Romanços, que muito interessará.

ROMANCE

O MARINHEIRO.

Fragmentos de viagem.

Por

Francisco G. de Amorim.

IV.

MARIA.

(Continuação do n. 55.)

PASSARAM tres mezes. O capitão, que era relacionado com a casa commercial dos meos patrões, partiu para a India, em uma barca brasileira, levando consigo os tres marinheiros; o grumete desembarcou, atterrago com o exito da sua primeira viagem, e eu continuei na minha vida philosophica de caixeiro.

E' força de confessar que no meio dessa vida, pacifica as vezes, e as vezes laboriosa, havia um nome que me fazia impressão, e uma recordação que me atormentava dia e noite, era o nome de Maria, e a lembrança de seu pai.

Maria estava no recolhimento, vestida de luto pela morte do tio Raoul; era uma menina interessante, que vi duas vezes, por occasião de visitar duas filhas de um primo meu, que estavam tambem ali, mas não tive logar de lhe testemunhar o interesse que tinha por ella e aquelle que me inspirou seu pai, quando a chamou pelo seu nome.

A existencia de um caixeiro da cidade do Pará tem

suas peripetias, porem, regularmente, a unica distração que tem é a leitura. Tinha eu a este tempo trabalhado relações com um mancebo brasileiro, a quem eu prestava livros, e elle a mim. Um dia muito cedo appareceu este e diz-me.

—Meo amigo, tenho que confiar-te um segredo, e acredito que em nome da nossa amizade, me has de aconselhar a guardar um sigillo religioso sobre o que te ven dizer:

—Falla: tão mysterioso vens que me parece ser negocio serio!

—Serio de mais! Promettas-me segredo?

—Dou a minha palavra de honra!

—Basta, se não tivesse provas da tua franqueza, não serias tu que baseasse por confiante....

—Faz-me muita honra; mas acabemos com isso.

—Escuta. Eu tenho uma fortuna soffivel, e namoro uma rapariga muito linda, muito espirituosa, porem muito pobre....

—Se tu tens dinheiro...

—E' verdade; porem, meo pai não consente...

—Absurdo!

—Absurdo, sim; mas que queres tu? Não tenho a idade que a lei marca para poder emancipar-me, e de mais devo obtegar a meo pai, porem, ter que esperar ainda tres annos, e no fim passar sempre por desobediente?...

—A situação é cruel! Penas como bom filho; contudo, ha posições onde a authoridade de nossos pais pôde ser uma tirania.

—Que faria se tu a visses! um semblante pallido e meigo, destacado de um vestido preto...

—Vestido preto?....

—Sim, de que te espantas?

—De nada. Continua. Porem... ella porque anda de preto?

—Por seu pai que morreu no mar...

—E chama-se Maria?

—Ah! tu conhecel-a! Dar-se-ha caso!..... tu estás transformado, empalideces! Que tens? será possível que sejamos rivais?

—Rivais! não; eu conheço Maria, porque seu pai naufragou comigo!...

—Repiro! Posso fallar-te della, quero que me escutes que me falles, entendes? Que me falles de Maria?... Que me digas tudo que sabes de sua familia, da sua terra...

—Da sua terra?

—Sim, Maria não é brasileira, nem portugueza; seu pai, que fallava perfeitamente o idioma portuguez,

não sei a que paiz pertencia, porque fallava muitas linguas.

—Meo amigo, a respeito da familia sabo tanto como eu; quanto a naturalidade esta mais adiantado; podes vezes ouvi fallar o tio Raoul, e verdade que sempre lhe notei certa melancolia, que dava a seu rosto uma palidez interessante.

—Parece que alguma grande desgraça o obrigou a ser piloto de um navio, aquelle homem não nasceu em baixa esfera.

—Mas, enfim, o teu negocio.

—E' verdade: Maria pediu-me, em uma carta que me escreveu hontem, o juramento solenne de que seria sempre seu protector, que havia de amal-a sempre, e, enfim, que seria seu esposo, e seu pai. Jurei tudo.

—Foi um dever religioso que cumpriste.

—Agora escuta esta carta, que acabo de receber, com um masso de papel, cuidadosamente lacrado e sellado:

« Meo amigo.

« Acreditei o teu juramento, e acredito que o has de cumprir; não tenho ninguem neste mundo, nem parentes, nem amigos, nem patria! Tu has de ser a minha familia e os meus amigos, por isso te vou confiar um deposito sagrado.

« Esses papeis que remetto entregou-m'os meo pai, a dois annos, e disse-me estas palavras, que ainda retinam a meus ouvidos:—Maria, minha filha, aqui teos a historia de minha vida e da tua; não é grande de mais é expressiva e clara. Na vida a que me vou-tei posso morrer a qualquer momento, e quero que saibas ao menos que tive uma patria. Assim que tenhas noticia da minha morte podes abril-a, e ler; verás que é para te conquistar uma subsistencia legal que eu trabalho...

« Meo pai disse-me muito mais, do que agora me não regrido; já morreu, e portanto, tendo estes papeis, não faço mais que cumprir a sua ultima vontade, é a minha herança! A nanhã faço dezessis annos, e tinha lencionado fazer nesse dia a leitura; porem faltam-me as forças, não tenho animo, e te como encontrar ali revelações que me penalizem ainda mais; creio que deve haver neste rôlo de papel alguma relação com as lembranças vagas que tenho da infancia. Lê tudo isso; confio de ti o meo thezouro, e tu me mandarás dizer o que quizeres... manda-me dizer tudo; mas o sello não o quero, não o posso quebrar.

« Maria. »

—Esta leitura, disse eu, causou-me uma commoção profunda, e mostra que o coração de Maria é um thezouro de virtude e sensibilidade, como tambem nestes papeis, confiados á tua discripção, devem haver couzas bem tristas, segundo a carta dessa interessante menina.

—Confesso, disse o meo amigo, que tambem tenho alguma repugnancia em quebrar este lacre, e por isso que venho ter contigo.

—Como! Pois queres!

—Quero que me acompanhes nesta leitura, que a faço tu mesmo, e para isso has-de ir amanha a minha casa, almoçamos ambos, e depois principiaremos.

Não recusei mais; o interesse que tomava por todas estas acontecimentos, o desejo de conhecer a origem de Maria, e a vida do tio Raoul, decidiram-me a di-

zer q' accitava. O mancebo abraçou-me, e, depois de me pedir a confirmação de que isto não fallava, partiu.

Fiquei só; e por alguns momentos não se enão pensar naquella pobre menina, tão orphã como uma folhinha que os ventos arrastaram para as aguas do oceano. Pensei se aquelle moço faria a sua felicidade, e acreditou que sim, porque as suas fallas pareciam do coração.

No outro dia sabi muito cedo, e fui procurá-lo; já estava levantado, sentado junto de uma meza, com os cotovelos apoiados nesta, e a cabeça descaçada nos punhos que tinha cerrados; olhou para mim, e vi-lhe a face hvida e os olhos encovados; tinha o facto em desordem e parecia que tinha tido durante a noite, uma luta cruel consigo mesmo.

(Continúa)

REMEMOSAS

Meu Charo Custodio.

Te prometti noticiar o que por aqui succedesse; vou fazel-o, com quanto não me julgue para isso habilitado, porque sabes que hoje, nem bem se diz o que se pensa, apparecem logo milhares de criticos a dizerem: *é falso; não é assim; está mal informado; & &*; porem, faço-me surdo ás vozes moralizos desses arrabileiros; e vou contando-te o que souber, embora, dedilhe um pouco na guitarra, porque de rabeca, pouco entendo.

Ora aqui dirão os taes Srs., vem escrever no Ramallete para não pagar o sello da carta; mas não é tanto assim, é para, unicamente, dar que fallar a quem tem poucas occupaões, e, et cetera e tal...

Semana Santa:—Foi bem festejada com bailes, jantares, soirées, concertos, espectaculos &. Aquinta feira santa, com quanto estivesse máo o tempo, a vizitação das Igrejas foi bastante concorrida. Na sexta-feira alem das outras ceremonias proprias do dia, pregou um sermão o Rvm. Conego Dr. Tavares; e á tarde houve no Carmo o decimento da Cruz, fazendo por essa occasião uma bella exposição o Rvm. Dr. Cunha.

No sabbado as 11 horas da manhã appareceu a allilua, e seguiu-se depois, tudo festa, prazer e regozijo; porem não tivemos expectaculo á noite, porque com o apparecimento da allilua, desaparecerão alguns artistas, inclusive o Furtado, que nessa occasião aqui se achava.

Theatre.—Ainda acha-se entre nós o Couto, Penante, e outros, os quaes derão hontem um beneficio ao empresario—Colás, e pretendem dar um outro ao Couto. Para este compoz o nosso comprovinciano Dr. L. bato um drama especial intitulado—O Roubo—que irá a scena na quarta feira.

Baile.—Tave logar no dia 30 do mez findo um esplendido baile, offerecido, pelos portuguezes, aqui residentes, ao exímio artista pianista Arthur Napoleão,

abuso que não compensa; porem constame que houve a profusão em tudo, e com a maior ordem, e accção que é possível.

Exatidão. — Não sei se foi a elleluis que antiochou uma megera a esculpir uma *qua rinal de abno-ver*, o que o foi por esta simples *graca mouteira*.

ta para melhor no ultimo dia do mez de Março. — A heroína acha-se posta em lugar seguro para evitar-se reproduções. Quo tal?! Os homens chamão seculo das luzes, e as mulheres querem transformal-o em seculo de *agua quente*. Saka!...

E' demais!... porem não... as mulheres uzão balão, o balão tem gaz; para haver gaz é preciso ferver, e muitas vezes arrebenta um tubo, e zás, tome lá você pelo esguicho uma porção d'agua a ferver;... por isso meu charo, a cauza é natural; retiro a expressão, não é demais; é justa.

Retratos e obras. — O Maranhão, Custodio, marcha a passos largos pela via progressiva; tudo nelle é progresso.

Hoje procura-se imitar os grandes feitos heroicos da antiguidade para assignalar este abençoado torrão!.

O feliz Maranhão, os teos vindouros lerão nas immortelles paginas de teus annaes, os grandes feitos de teos filhos!

Ditoza Patria que taes filhos teve!

Isto não é meo (entre parenthesis.) Vê se tenho ou não razões de sobra para exprimir-me desta sorte.

Existem por aqui sugeitinhos, que gozando das glorias de outram, recebendo pelos jornaes elogios por trabalhos que nunca fizeram e nem sabem fazer, mettem-se nos cobres do pobre que trabalha, e tratão depois de menoscabar a reputação desse, por amor de quem acabarão de ser exaltados. A couza faz-se desta sorte; por exemplo: eu quero surpreender o Custodio, mandando-lhe seu proprio retrato; vou ao C. e digo-lhe: « quero que me faças um retrato, que seja a copia fiel do Custodio. » O rapaz aprrompta o quadro, dá-me, e eu envio-l'o, tendo porem antes a precisa cautella de referendal-o; tu, então maravilhado, dizes: o Ariep é um genio! que obra! que talento!... (Não te admires de fallar em genio, por que o ser genio é hoje moda.) E por ignorares, nem ao menos sabes pronunciar o nome do esquecido pintor; e eu na ausencia delle trato de dezacredital-o.

Tal Guigi immortal,
Vivendo morreu;
E as glorias do Guigi
Terragio colheu!...

Assim é tudo.

Não penses que encaixo esta quadra sem fundamento, não; é um barrete bem talhado, e a quem servir que o penha na cabeça,

Já que te falto, dos grandes e heroicos factos, vou terminar esta missiva com uma declamação pela escola antiga, que fiz na ausencia de uma bella por quem morria de amores; mas que ella de mim pouco caso fazia; eis-las:

Bella minha pendor de amor affecto
Trabalha do meior dos architectos;
Não desprezes o vate que te a tora,
E por ti como um doudo triste chora.
Não desprezes que na tas um amante
Qu'em amar-te tem sido mu' constante!
Vós o bella depressa a consolal-o,
Que tua ausencia é bastante p'ramatal-o
Dá amor a quem já te deu um peito,
Qu'encorra um coração a ti sujeito,
Se morresse um afflicto consolado,
Um amante ao menos enganado;
Já ao ceo repouzar eternamente
Sem levar a saudade d'um o ente!
Mas um pobre, infeliz e desprezado,
Depois de no mundo ter penado
O que das-lhe? Os martyrios d'um inferno
Por um tempo illimitado, tempo eterno.

S. Luiz 4 de Abril de—1864.

Je suis votre ami
V. Ariep.

Amigo Sellarep.

Como estaes?...

Aristoteles manda, em seus protocolos, no capitulo dos chapões, que todos se cubra do!... por consequencia não é preciso encommodar os ditos cujos!...

Dão-te est. perto de mão?... Pois é com toda a força da amizade!

Não respondi, pelo *correio* (Ramalhete), passado, a tua missiva, por não me achar nada bom do physico; porem, hoje, ainda que muito soffra no moral, comtudo não quero, que me talhes de preguiça!... detesto a preguiça, por ser *virtude* privilegiada da mulher!...

Mas o que dizer-te?...

Afinar a *rabeca*, no proximo?... Nada, não gosto de fallar da vida alheia: salvo quando principio por toim!...

Recorramos o calendario das ultimas novidades.

Com as allalutas sumirão-se parte dos artistas do nosso theatro!... ficando aqui o Couto Rocha, Penante, Leite, Gil, e a Jozefa. E-tes em quanto esperão o vapor do Pará, occupão-se da maneira seguinte:—

O Couto Rocha, recebe os cobres dos bilhetes de seu beneficio, e conta uma longa *geremiada* sobre os prejuizos da sua empresa!...

O Penante, queixa-se de haver sido traído, canta *arias*, e vende folhetos!...

O Leite, dá noções de mimica, pela *escolha* *uma* *figa*, e estuda o meio de viajar a vapor!...

O *Gal*, estuda particularmente sobre as estrellas cometas & o tora realjo!...

A *Jozefa*, passa bilhetes para o seo beneficio, e queixa-se da crueldade da publico!... cantando lamentações, que punge a alma!...

A *Laetitia*, arruma a trouxa, e vai para S. Bento, apprender a grammatica portugueza, para desbançar a *Jozefa*!...

O *Januario* e o *Daniel*, abandonarão a vida!... vão dar lições de gymnastica, e esperão o Luande para contratarem-se.

Os bailes, hoje, me *Sellarep*, é a corda sensível.

Ha meninas e sujeitinhos, que dançam pela *escolla antiga*, (isto é a do *Neves*, com a maior perfeição possível!... pulão mais, que o jovem *Abelardo* sobre o passarinho!...

Por fallar em bailes, ... lembrei-me de uma conversa, que bispei outro dia.

—Queixava-se amargamente um sujeito de sua sorte, a um velho calvo, por não poder adquirir um arranjo.

Então o velho, depois de sorver uma libbonnense pitada, e levantar os oculos, disse-lhe:—

—Porque não procuras um casamento rico, meo filho, pois é este o unico meio de honradamente enriquecer-se! A mulher nasce para obedecer ao homem! por isso quando ellas se casão, com um sujeito pobre, é porque lhe tem amizade; e cumprindo ella á risca o que ordena o maganão; isto é deixando-se ficar em casa, abdicando todos os seus prazeres, e entregando a bacia recheada de *soberanos*, ao seo marido, com isto, tem dado uma prova de obediencia e amor!... e elle então com os *soberanos* ficará *soberano*; e gozará o que desejar!... Por isso procura, meo filho; e acredita que é conselho de velho experimentado.

—O rapaz, respondeo-lhe—Nada, meo amigo, vime, tera muita pratica do mundo, porém esse seo pensar é erroneo: a mulher jamais de xará, ao *fidalgão* rico para casar-se com o pobre plebeo! por isso era sujeitar-me a irrisão publico!...

O Velho replica:—E's muito criança, meo filho, por ajoisar assim da mulher: esta qualidade de gente, gasta muito tempo em escolher, para depois agarrar sempre no peor!... Hoje já não se procura o homem de bem, porque não está na moda!... só se quer ao peralvilho (feitas honrasas excepções) de lóneia, chicotinho, calças á balão, colarinho a pinauz e montado em fogoso gineto; ainda que o *Porto*, lhe perdoe depois o alluguel!... A honra hoje é *moeda falsa*!... e é antigo ditado, que, quando a necessidade bate no portão do quintal a honra pula para rua, pela janella!...

—Não, Sur...., não acceito tal conselho; serei antes pobre toda minha vida, comtanto que nunca pertencer a esse n.º da homens.

—Por essas e outras idelas romanticas, meo filho, (diz o velho) é que os rapazes do seo genio andão na *quebradeira*!... Eu entristeco-me com a sorte da vida, porém não posso outra couza fazer, seão lamentar-me e acanheirar-me. Ha muitos meios de especulação; o mais proficuo e radical é o casamento rico! agota, para te entretenimento, ha os bailes, messas, os ensaios de dança, que são cotimas pipineiras, e com que muita gente tem ganhado bem. Não ha lá

grandes lucros, é verdade, porém vão avendo, pois a cousa rende sempre; em acatellar as sobras esta o lucro, e quem souber aproveitar muito lucrará!...

No meo tempo, meo filho, não queria outra occupação, rendia-me sempre e divertia-me muito. Não ha nada, que mais divirta, como seja meo duzia de *moças velhas*, todas attribua-las, pretencio-as, e com o coração cheio de velhas esperanças, a render cunhos com um *guapo cavalheiro* (mesmo sem cavallo), e que este cheio de *caretas e trigeitos* lhe faça a exposição do seo amor!... ora isto tem sua graça!... já do outro lado vê-se uma outra madama despeitada, dizer, que o tocado da sua rival já não está na moda, e que as pulseiras são emprestadas; do outro, vê-se saber na carreira um namorado tabaqueado, maldizendo a sua *Dulcinéa*!... vê a gente tudo isto observando, e sempre com os olhos na economia!...

—Muito bem; o Sr. é um homem do cê, acceito este seo conselho!... amanhã porei annuncios, que ensino a dançar, e abrirei ensaios.

—Bravo, meo filho, muito estimo a tua resolução, porém antes de tudo consulta ao *Alexandre*, os melhores meios, que é para não errares.

—Sim, meo amigo, vou já lá, não perco tempo.

E separarão-se os taes sujeitinhos, deixando-me convencido, meo *Sellarep*, que hoje os bailes são a *corda sensível*, como te disse, desta epocha tão cheia de *inignas*.

Quando recebi a tua carta já estava de pazos feita com a minha encantadora E.... não posso meo *Sellarep*, ficar muito tempo enfiado com ella; não é possível resistir a um terno volver d'olhos d'este anjinho encantador!..... uma fraze de amor expressa por aquelles labios de coral tem mais valor para mim, que todo o ouro reunido das *fidalgas* da nossa terra!... Adoro a virtude na Danzeta pobre, e detesto o orgulho de *fosas* riquezas.

Adeos meo *Sellarep*, se vires Seo Bem, diz-lhe que elle está mesmo na *escolla* moderna.

O Amigo.

Themotheo.

Improviso.

No Album de um amigo.

CAPRICHIO.

Pedes-me um canto singello
Que seja fagueiro e bello?

Não sei;

Mas querendo te offertar
E não podendo trovar

Direi:

Tu és um genio brilhante,

Qual estrella fulgurante

Sem réo;

E como activo poeta
Fallas a lingua secreta
Do cêo.

Maranhão 28 de Março
de 1861.

Cadete

Maranhão—Typographys do COMMERCIO de A. F. J.
Nuyes Cascaes—1861.